

A PRAÇA DO SUBÚRBIO CARIOCA

PROPOSTA DE UM SISTEMA DE
PRAÇAS EM CAMPO GRANDE, RJ

UFRJ | FAU | TFG 2

REBECA FELICIANO DE CARVALHO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2

A PRAÇA DO SUBÚRBIO CARIOCA

PROPOSTA DE UM SISTEMA DE
PRAÇAS EM CAMPO GRANDE, RJ

REBECA FELICIANO DE CARVALHO

ORIENTADORAS:
MAINI DE OLIVEIRA PERPÉTUO
LETÍCIA CASTILHOS COELHO

MARÇO 2021



ÍNDICE.

1. Apresentação	7
1.1. Justificativa	8
2. Objetivo	13
2.1. Objetivo geral	
2.2. Objetivos específicos	
3. Metodologia	14
4. Objeto de estudo e campo de atuação ...	16
4.1. Aproximação teórica	
4.2. Contextualização da área de intervenção ..	21
4.2.1. Contexto regional	
4.2.2. Contexto histórico, social e econômico	25
4.2.3. Contexto local	29
5. Análises	33
5.1. Potencialidades e desafios	45
6. Intenção projetual	50
7. Escolha de projeto	52
8. Propostas	65
9. Bibliografia	130

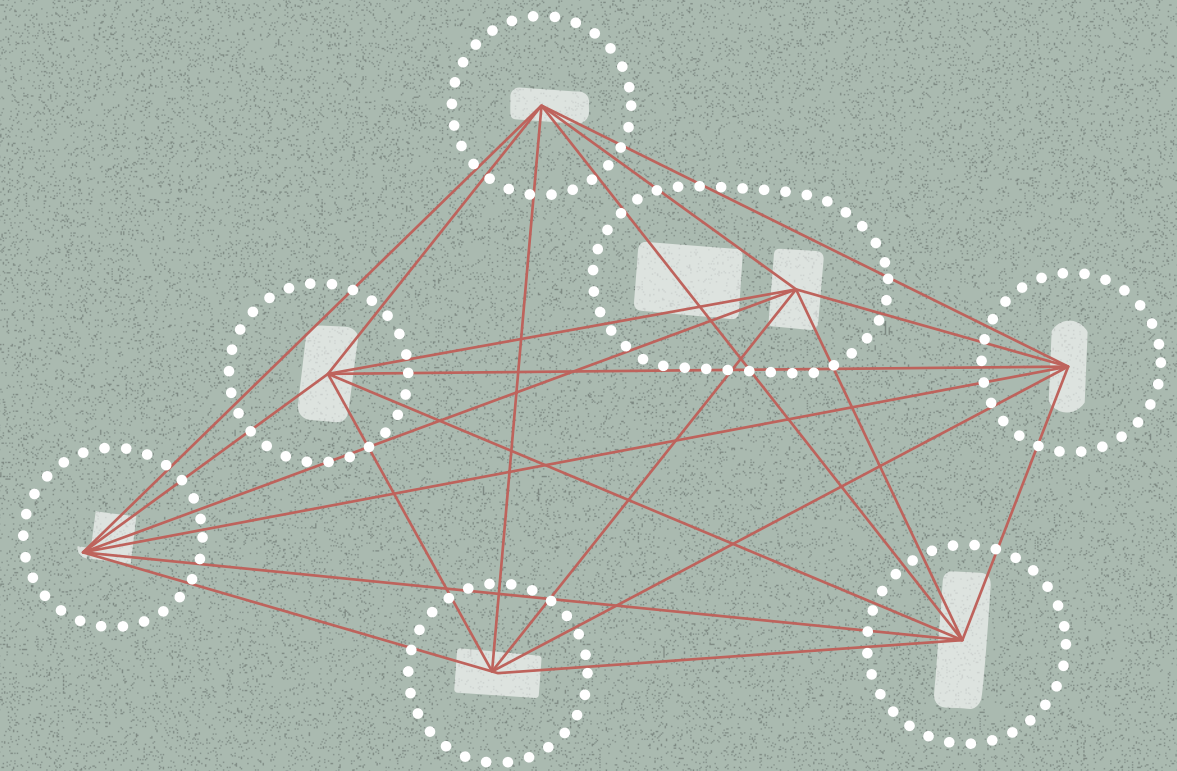


Diagrama 1.

APRESENTAÇÃO .1

Este trabalho tem como tema central as praças no contexto do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, com foco no bairro de Campo Grande. Busca explorar como essas praças podem ser pensadas em sistema de forma a potencializar a diversidade de usos e a apropriação por seus moradores, estimulando o senso de comunidade e ampliando a oferta de equipamentos de lazer, esporte e cultura.

Constata-se que as praças existentes no subúrbio carioca têm grande demanda de uso, especialmente pela grande população residente. Contudo carecem de aspectos qualitativos, e sofrem com a pouca atenção por parte da municipalidade, o que acarreta problemas de manutenção, gestão e falta de equipamentos adequados (PEDROSA, 2005). Reconhecendo a aptidão agregadora das praças no contexto em questão, a proposta tem como objetivo conformar um sistema de praças que promova a articulação e a requalificação desses espaços e estimule o senso de comunidade, oferecendo espaços públicos saudáveis e atrativos à população. A intervenção projetual tem como foco sete praças de um recorte espacial do bairro de Campo Grande, denominado São Jorge, e pretende estabelecer um sistema de praças, de forma a reforçar a identidade local e estabelecer novos usos baseados nos desejos e necessidades da comunidade local.

1.1. Justificativa

Em metrópoles cada vez mais densificadas e segregadas, os espaços livres públicos podem atuar como um importante elemento agregador e fomentador de práticas comunitárias. As praças, ao serem inseridas no sistema de espaços públicos, podem promover a interação local, além de contribuir para o amortecimento climático e visual da paisagem e podem ser palco para o desenvolvimento de atividades sociais e econômicas, gerando desenvolvimento pessoal e coletivo (QUEIROGA, 2012). Em uma cidade como o Rio de Janeiro, em que se observa uma urbanização fragmentada (QUEIROGA, 2012), principalmente em bairros suburbanos, ditos periféricos, os espaços livres sofrem com baixos investimentos e falta de manutenção, acarretando no reduzido aproveitamento de seus potenciais. Nesse contexto, nota-se a relevância em estudar o espaço público mais expressivo em tais localidades - as praças, que em geral são elaboradas no arranjo urbano da cidade:

O espaço livre na metrópole brasileira é comumente predeterminado a partir do processo de loteamento quando são especificadas e destinadas às áreas para as ruas e demais espaços públicos. A composição dos elementos edificados pode definir as características formais do espaço livre; no entanto, sua qualificação também deverá ser dada pelo seu desenho/projeto e pela manutenção adequada. (QUEIROGA, 2011, p.29)

Assim, o trabalho elegeu como recorte um sub bairro de Campo Grande, denominado São Jorge, no qual intenciona-se analisar as diversas praças existentes e investigar como tais equipamentos podem ser articulados em sistema para promover a qualidade do ambiente urbano e da paisagem.

Campo Grande demonstrou ser um recorte interessante para explorar tais questões, por possuir um rico contexto. É o bairro mais populoso do país (IBGE, 2010), o que demonstra a importância de que essa ampla parcela populacional seja amparada por um sistema de espaços livres abrangente e qualificado. Além disso, trata-se de um bairro suburbano que dispõe de uma grande extensão territorial e que se desenvolveu de modo autônomo do resto da cidade, conformando-se em um importante centralidade para o município. Sua relevância, constatada historicamente, ocorre desde o início de seu desenvolvimento, influenciando bairros limítrofes como Inhoaíba, Guaratiba e Senador Vasconcelos. Atualmente sua infraestrutura urbana dá suporte para o desenvolvimento urbano de toda a região administrativa em que se encontra.

Por sua localização, afastada do centro do Rio e das zonas de maior poder aquisitivo da cidade, a região de Campo Grande necessita de infraestruturas que atendam a população residente sem precisar gerar grandes deslocamentos. Ademais, nota-se a fragmentação urbana do bairro, associada especialmente pela barreira imposta pela linha do trem. Tal infraestrutura segrega transversalmente o bairro e tem como consequência isolar espaços com potencial de desenvolvimento coletivo, como o Teatro Artur Azevedo e a Lona Cultural Elza Osbourne, que acabam não sendo amplamente utilizados. A subutilização desses locais pode estar relacionada à localização segmentada pelo sistema viário e pela falta de comunicação e divulgação destes equipamentos à população. Com o fluxo dificultado, a população utiliza para lazer e entretenimento a vocação de alguns locais como polos gastronômicos (em uma escala mais local); ou os três shoppings centers que o bairro possui, preponderando os espaços coletivos de caráter privado, que se conformam como sub-centralidades do bairro e captam grande atenção dos moradores.

A área de projeto – São Jorge, possui alguns atributos que se mostraram interessantes para explorar as questões apontadas: trata-se de uma área já consolidada, com uma população ativa da rua, além de apresentar uma grande oferta de diferentes praças. Tais praças, entretanto, se restringem ao modelo adotado pela administração pública em áreas de padrão médio-baixo e que são geralmente implantados na cidade de forma homogênea e sem observar as características e peculiaridades locais, tornando os espaços pouco diversos. Uma potencialidade encontrada na análise da área diz respeito ao fato das praças funcionarem como centralidades ou espaços referenciais no contexto do sub-bairro. A identificação das centralidades é destacado como aspecto positivo e encaradas como potencial baseado nos 4 traços projetivos descrito por Jane Jacobs (1961), “complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial”, para promover a “generalização de frequência”, modificando o uso genérico de certos espaços livres, onde:

Talvez o elemento mais importante da complexidade seja a centralidade. Os parques pequenos e bons geralmente têm um lugar reconhecido por todos como sendo o centro – no mínimo, um cruzamento principal e ponto de parada, num local de destaque. Certos parques e certas praças pequenas são quase que unicamente um centro, e sua complexidade deve-se a diferenças menores na periferia (...) em parques de bairro, os centros mais agradáveis servem de palco às pessoas. (p.78)



Diagrama 2.
Raios de influência



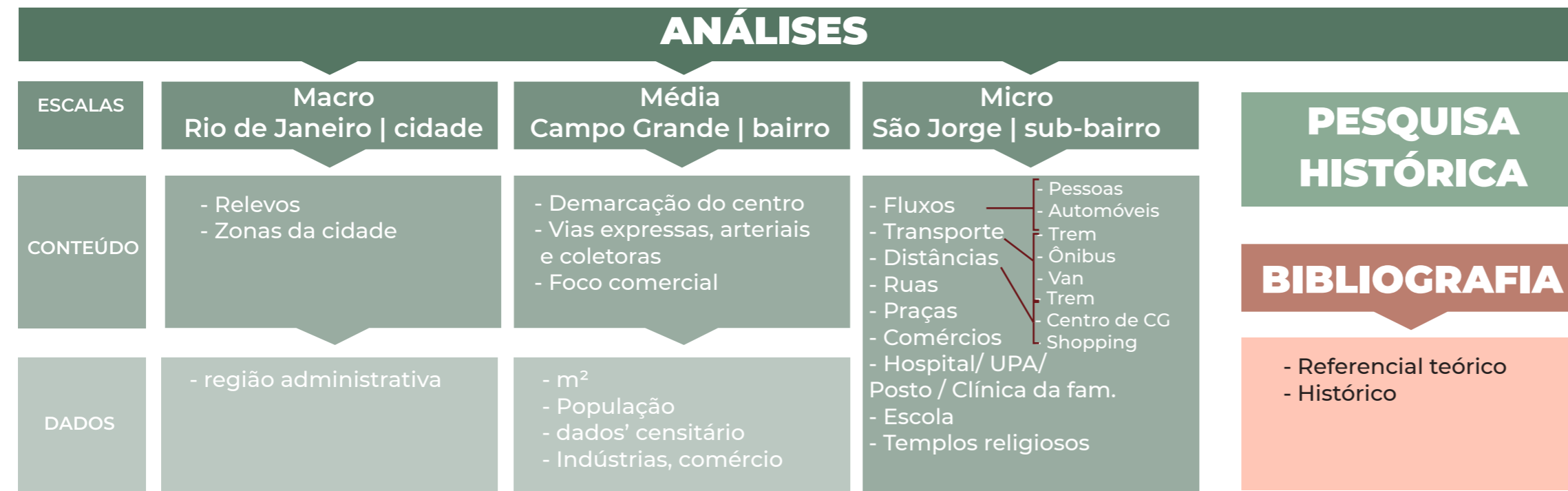
OBJETIVOS .2

2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral constitui na proposição projetual de um sistema de praças em um sub-bairro de Campo Grande, RJ, interligando os espaços livres existentes, de forma a ampliar a oferta de atividades e usos múltiplos, condizentes com os anseios e demandas da população local e que estimulem as atividades comunitárias.

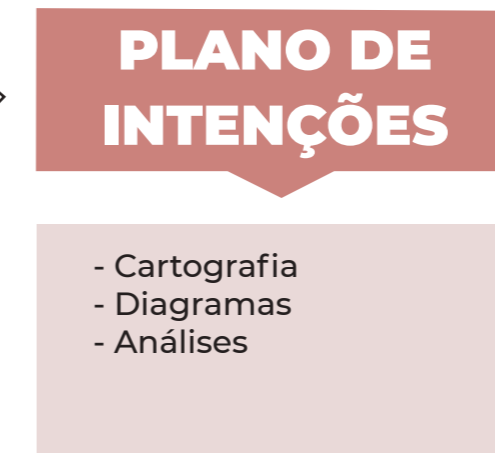
2.2. Objetivos específicos

- Identificar as praças, seus equipamentos, arborização, seus usos atuais;
- Identificar elementos de interferência do entorno [vias circundantes, comércio, igrejas, escolas] bem como as potencialidades, usos e atividades existentes no bairro;
- Propor diretrizes para as praças existentes promovendo melhorias para os espaços públicos do bairro;
- Projetar uma praça existente de acordo com as diretrizes geradas, valorizando os potenciais identificados.



A metodologia do trabalho partiu da definição do tema e da área de intervenção. Posteriormente, realizou-se a análise em escalas distintas e complementares. A escala mais abrangente buscou contextualizar o bairro de Campo Grande em relação a escala da cidade do Rio de Janeiro e em relação a Zona Oeste, em especial na Zona de Planejamento 5, e em como a história do bairro o moldou as características atuais. A escala local buscou identificar os aspectos da mobilidade e fluxos, equipamentos como escolas e espaços de saúde do sub-bairro, e as características espaciais e funcionais das 7 praças existentes.

A partir dessa análise foram identificadas as potencialidades e os desafios locais tendo em vista a intenção de propor um circuito de praças. Adiante, pretende-se aprofundar nessas análises para a proposição conceitual dessa articulação e, a partir dessa proposição, escolher uma praça específica para fazer um projeto mais aprofundado. Em relação a aproximação teórica foram pesquisadas referências bibliográficas, que pudessem dar suporte ao campo de estudo, como paisagem urbana, os sistemas de espaços livres e as praças públicas.



Para alcançar os objetivos propostos são propostos os seguintes procedimentos metodológicos:

1. Análise e elaboração de cartografia em diferentes escalas: cidade / bairro/ sub-bairro / praças;
2. Pesquisa documental, incluindo o levantamento de cartografia e iconografia histórica e atual da área de estudo;
3. Pesquisa teórica, incluindo fontes bibliográficas primárias e secundárias;
4. Concepção do circuito de praças, de acordo com as potencialidades e desafios encontrados nas análises + bibliografia + referências;
5. Estudo de referências projetuais
6. Elaboração do projeto, definindo as estratégias e ações projetuais.

4.1. Aproximação teórica

Se os valores de uma sociedade são mutáveis, tanto no aspecto de ocupação do solo quanto das relações, as paisagens também são alteradas e modificam os sistemas que se comunicam (TARDIN, 2010). A gestão da expansão urbana se dá de forma não coesa e com discrepâncias na distribuição de recursos naturais e implementados, e nem sempre dialoga com a paisagem vigente. A relevância da questão se dá pois “falar da paisagem urbana e de seus elementos estruturantes, em última instância, implica falar de uma paisagem integrada” (TARDIN, 2010). A construção da paisagem é um sistema complexo, que inclui os aspectos naturais, o tecido edificado, a malha urbana, bem como os desejos comunitários, sendo uma construção não só física mas também comportamental (TARDIN, 2010).

Nesse entendimento ampliado em relação à paisagem urbana, compreende-se que os sistemas que a compõem estão relacionados e interconectados, e que tal fato é relevante para a ordenação urbana e para o planejamento sócio-espacial (TARDIN, 2010). A desconsideração desses sistemas contribui para uma visão fragmentada da paisagem, causando a segregação e a imposição de “limites”. A sistematização dos espaços urbanos é fundamental para estabelecer o diálogo entre áreas edificadas, espaços livres e o sistema viário, além de estabelecer conexões entre recortes vizinhos que foram desenvolvidos isoladamente. Propicia não apenas entender o porquê tal paisagem é composta por tais elementos, ou o porquê os usuários se portam de tal maneira, mas também contribui para futuros diálogos e expansões urbanas (TARDIN, 2010).

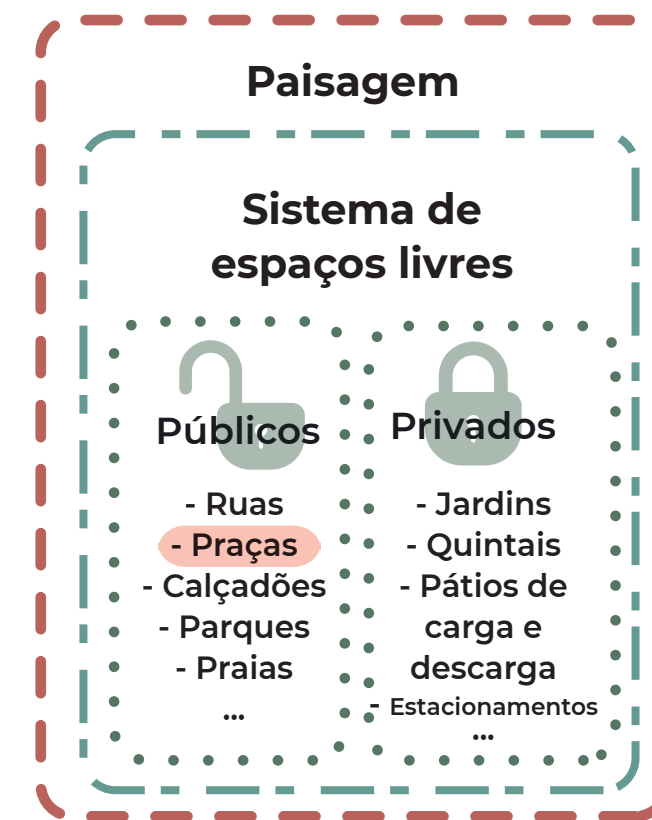


Diagrama 3.
Organograma

Os espaços livres foram fundamentais ao longo da história e, na Antiguidade, adquiriram um caráter primordial no desenvolvimento urbano. A vida pública da sociedade era regida ao redor de espaços públicos, a exemplo da ágora grega, que guiava a vida religiosa e política estabelecida na pólis, e essa dinâmica coletiva influenciava inclusive o traçado urbano (HABERMAS, 1984). A organização espacial de muitas cidades, como no caso das cidades hispano-americanas, partiu da concepção da ordenação urbana ao redor de uma grande praça central, da qual era irradiada uma malha reticulada de vias, permitindo a rápida expansão pelo território conquistado (LEFEBVRE, 2000). Assim sendo, os sistemas de espaços livres públicos urbanos constituem-se como importantes elementos para a ordenação urbana e para a construção das cidades e suas paisagens, sendo frutos não só das modificações urbanas no decorrer do tempo, mas também das apropriações locais no decorrer da história.

Os espaços livres são compostos pelos espaços não edificados, sejam eles privados - como os jardins de uma casa, ou públicos - como as ruas, os parques e as praças (QUEIROGA, 2012). Os espaços livres cumprem certas funções no meio urbano, dentre as quais destacam-se: vias de acesso, áreas de preservação ambiental - desenvolvedores da fauna e flora local, espaços verdes em ambientes densificados permitindo a promoção de um ambiente saudável, combatendo ilhas de calor e contribuindo na drenagem metropolitana, além das interações pessoais, propiciando locais de encontros e

descompressão (QUEIROGA, 2014). As características de cada espaço livre na cidade depende de fatores como a sua inserção no entorno, o uso, a dimensão, se há diálogo entre as praças, as ruas e os edifícios. Esses aspectos influenciam no arranjo comportamental e nas sensações dos usuários. Para Jacobs (1961) “os olhos da rua”, a conexão visual das fachadas das edificações com a calçada, são uma parte fundamental de um conjunto de diretrizes que busca propiciar segurança para os espaços livres.

Observa-se ao longo da história - desde a colonização, até os dias atuais, que a oferta e disposição de praças, parques e largos nas cidades brasileiras se deu em áreas centrais ou em regiões de maior poder aquisitivo, em favor da classe dominante^{[1][2]}. Assim, historicamente, os espaços livres suburbanos ou periféricos foram muitas vezes relegados no planejamento das cidades.

A praça contemporânea brasileira é bem heterogênea e possui características distintas de acordo com o período de sua construção e das mudanças urbanas e paisagísticas do ambiente. No subúrbio carioca, apesar de dispor de grandes áreas verdes, como o Parque Natural Municipal da Serra do Mendanha, Serra do Rio da Prata e o Sítio do paisagista Roberto Burle Marx, muitas delas não possuem a função de agregar as pessoas em torno de interesses cotidianamente comuns, ou possuem uma localização que dificulta o uso diário. Nesse sentido, adicionalmente aos grandes parques urbanos, devem existir praças distribuídas no tecido urbano e próximas às residências, que atendam às necessidades de lazer e contato com a natureza, sem demandar grandes investimentos de tempo e de deslocamento (LYNCH, 1965; FÁLCON, 2007).

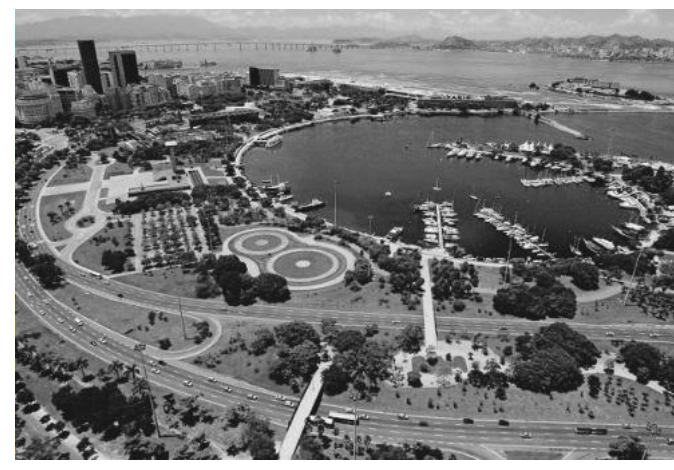
[1] Foto aérea do Passeio Público.

Fonte: Plano de arborização da Cidade do Rio de Janeiro. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2015, pg 4.



[2] Foto aérea do Aterro do Flamengo.

Fonte: Revista Veja Rio



As praças são espaços livres públicos relevantes desde os princípios da sociedade, como já vimos acima, possuem o caráter comunitário e apontam a identidade do local (CHIAVARI, 1996). Reforçando essa linha de raciocínio e contextualizando em um bairro, Queiroga (2012, p. 225), acredita que:

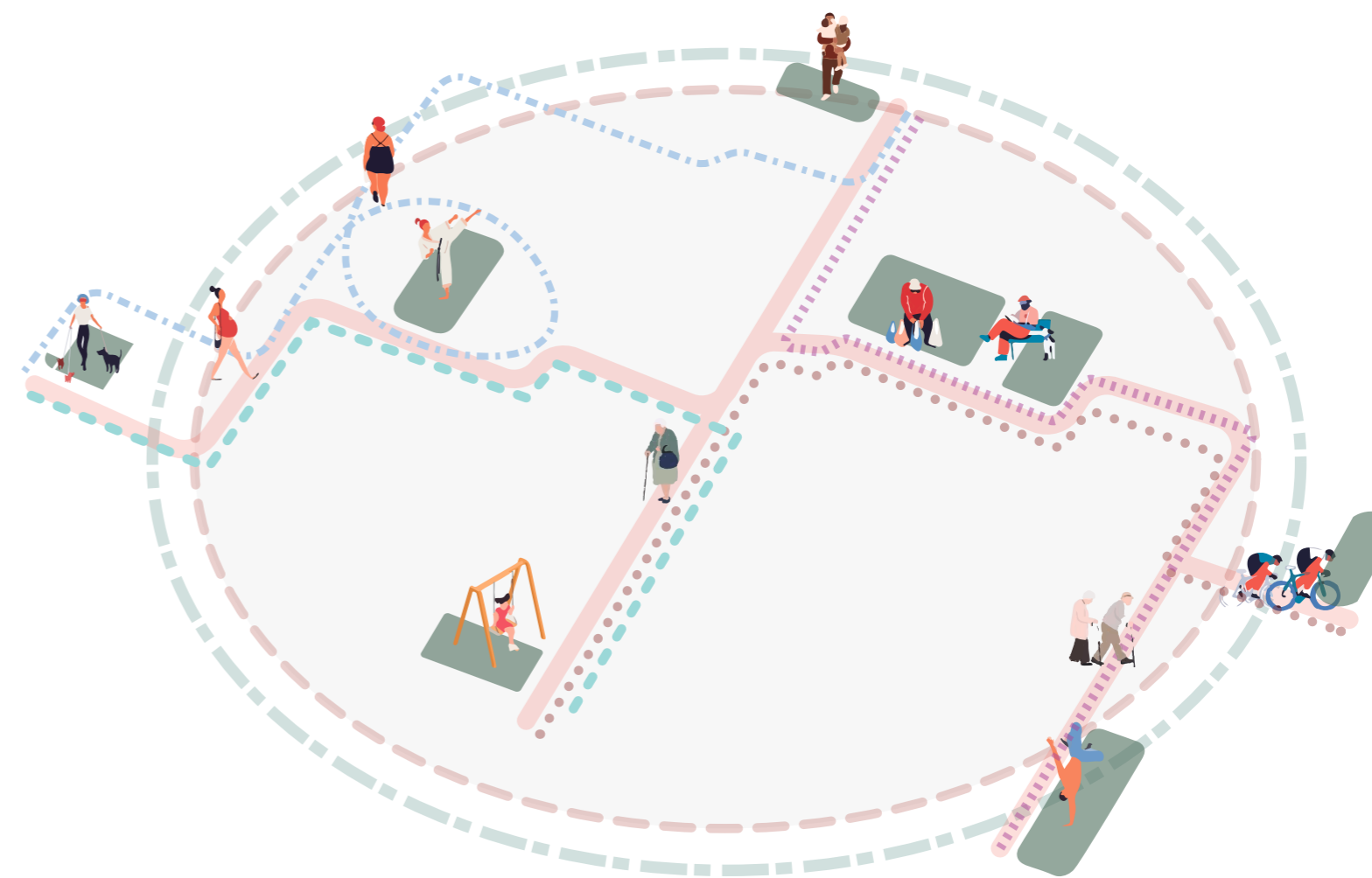
[...] mas a difusa vida pública cotidiana que neles se estabelece pode propiciar relações de afetividade pública, identidade coletiva e pertencimento importante aos seus moradores.

No Rio de Janeiro, recorrentemente as praças implantadas pela administração pública sofrem com a falta de investimento governamental e com as poucas ações de parcerias público-privadas, especialmente nos subúrbios, por estarem afastados das áreas centrais de desenvolvimento e, portanto, sem grande visibilidade. Essa carência fica ainda mais evidente em áreas de caráter residencial, como os sub-bairros, os quais podem, erroneamente, ser considerados de pouca relevância para o tecido urbano da cidade, numa visão de macro escala. A precarização dos espaços públicos somados às novas formas de interação social nos espaços privados, como os shoppings centers, podem propiciar transformações nas quais as praças entram em decadência e desuso e muitas vezes acabam adquirindo aspectos de “lacunas, áreas vazias dentro de uma rede de ruas” (ZUCKER, 1959, p. 2). Pedrosa (2005, p. 5) ainda faz a análise sobre essas praças, nas quais:

quase sempre se tornam paisagens esquecidas pela administração municipal, em contraste com outras áreas da cidade, como na Zona Sul, por exemplo, para as quais recursos ou alternativas para gestão de espaços livres são sempre previstos ou estão em discussão.

A urbanização e os atrativos das praças não acompanharam as transformações da sociedade e possuem, muitas vezes, um caráter padronizado de equipamentos, que são qualitativamente pobres e com pouca manutenção. Assim sendo, a proposta do trabalho é incluir novos usos, e reforçar os usos vigentes que tiveram êxito, atraindo a população para a vida social pública em espaços que ofereçam qualidade e diversidade: “Mesmo as praças muito pequenas que são bem-sucedidas compõem-se de uma variação engenhosa nos cenários que proporcionam aos usuários” (JACOBS, 1961).

O conceito de sistema adotado não pretende homogeneizar as praças, mas formar um todo ordenado que ressalte as diferenças e individualidades de cada uma. Para proporcionar vivências e experiências que os usuários possam se identificar e contribuir para pleno funcionamento, o espaço público tem de oferecer dinâmicas diferenciadas e diversificadas dentro de um contexto, e, através dos sistemas, que articulam espaços livres e edificados, públicos e privados, abertos ou de uso controlado, é possível o diálogo entre esses espaços singulares dentro do recorte escolhido. Apesar de não englobar de modo aprofundado todos os sistemas desenvolvidos no recorte, foram eleitas as praças, por estarem incluídas no sistema de espaços livres públicos e por conterem, em seu entorno imediato, outros tipos de sistemas, como os edificados e o de transporte e fluxos, que interferem diretamente no cotidiano dessa paisagem.



*Diagrama 4.
Sistema de praças*

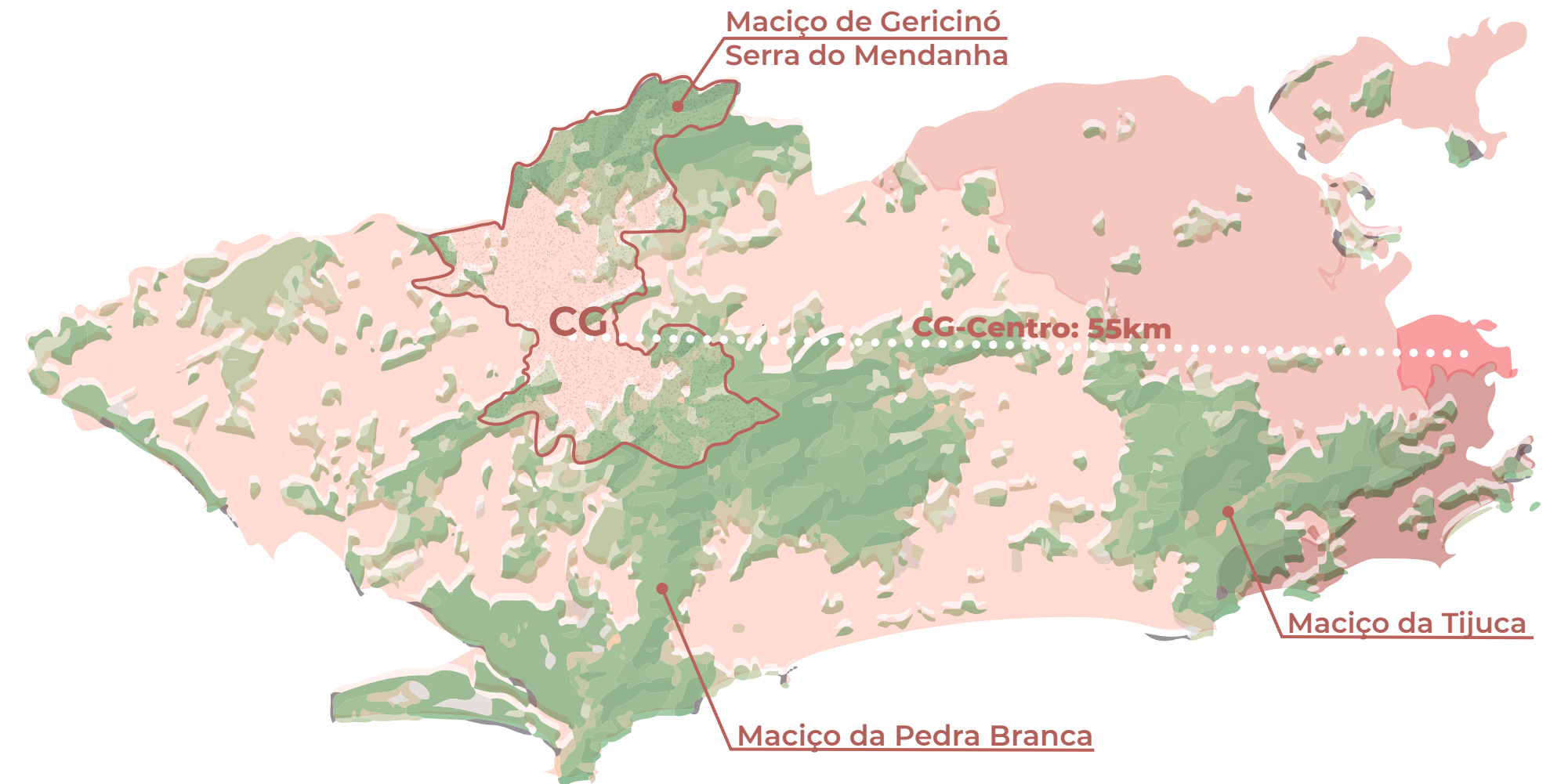
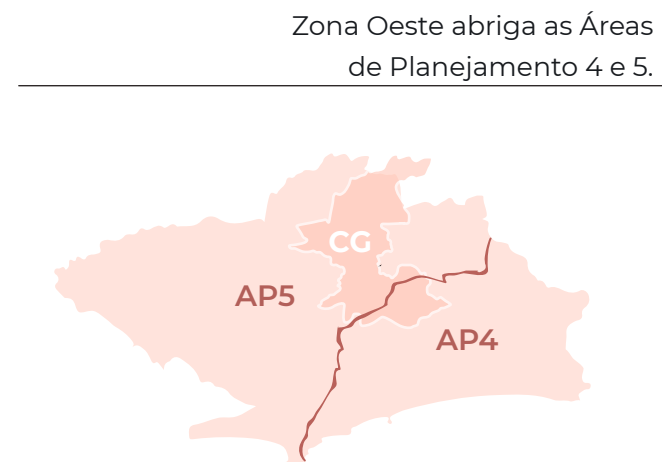
4.2. Contextualização da área de intervenção

A análise da área de intervenção buscou considerar o desenvolvimento territorial, histórico e econômico em três escalas. O contexto regional aborda a cidade do Rio de Janeiro; o contexto histórico, social e econômico foca no desenvolvimento do bairro de Campo Grande; e por fim, o contexto local, no recorte específico do sub-bairro São Jorge.

4.2.1. Contexto regional

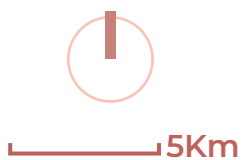
A cidade do Rio de Janeiro é dividida em 4 zonas, sendo que a zona de maior proeminência territorial é a Zona Oeste (ZO), ocupando quase 74% da área do município. Tal zona é a segunda mais populosa da cidade, com mais de 2.300.000 habitantes (INSTITUTORIO; IBGE, 2010), porém, devido a sua extensão territorial, possui a menor densidade demográfica. Nas últimas décadas tem sido o foco de expansão e contínuo crescimento da cidade, pelas áreas ainda vazias e passíveis de ocupação. Por sua extensão a ZO abriga duas grandes áreas de planejamento - AP4 e AP5, estando Campo Grande inserido nessa última.

Geograficamente o Maciço da Pedra Branca e o Maciço de Gericinó formam uma barreira natural, afunilando o acesso e contribuindo para segregação de Campo Grande à outras áreas da cidade, também contribuem para as altas temperaturas anuais, impedindo os ventos e a maresia de alcançarem a parte mais continental da cidade.



Legenda:

- Centro
- Zona Norte
- Zona Sul
- Zona Oeste

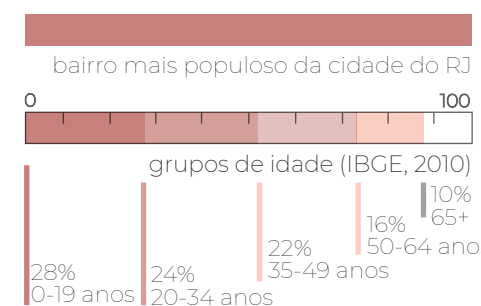


O bairro de Campo Grande fica localizado a 55 km do centro da cidade, e faz fronteira com o município de Nova Iguaçu e com os bairros de Paciência, Cosmos, Inhoaíba, Guaratiba, Vargem Grande, Senador Camará, Santíssimo e Bangu, possui acesso facilitado em direção a áreas como Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca e aos municípios de Seropédica e Itaguaí. Se estabelece hoje na Região administrativa XVIII - que abriga os bairros de Campo Grande, Cosmos, Inhoaíba, Senador Vasconcelos e Santíssimo - sendo o principal estruturador econômico, social e de circulação para esses bairros limítrofes. O contexto histórico da região é fundamental para se entender a construção de sua malha urbana, o atual cenário social e econômico e o seu ordenamento espacial.

O bairro possui grande extensão territorial de 119km² e uma população de 328.370 habitantes (IBGE, 2010) sendo o mais populoso do país. Mesmo com um número expressivo de moradores, possui baixa taxa de densidade, com 48,56 hab/ha (IBGE, 2010) devido às suas extensas áreas não urbanizadas que estão contabilizadas em 52% do território, em comparação com os 48% já urbanizados.

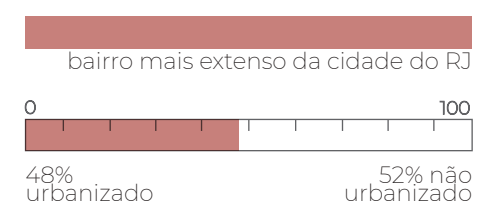


328.370 hab.
População (IBGE, 2010)



M²

10.444,51 ha.
Área (IPP, 2018)



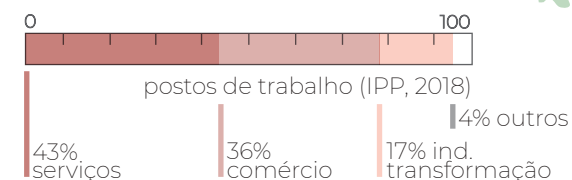
IDH

0,810
elevado (2000)

IDH-L	0,747 (médio)
IDH-E	0,931 (elevado)
IDH-R	0,751 (médio)



R\$ 351,11
Per Capita (2000)



Legenda:

- Centro de CG
- São Jorge
- Shoppings
- Linha ferroviária
- Via expressa
- Via arterial
- Via coletora



2Km

1603

Ocupação jesuítica

4.2.2. Contexto histórico, social e econômico

A primeira ocupação que se sabe na região foi dada pelos índios Picinguaba. Inicialmente, em 1644, a região ficou aos encargos da sesmaria de Irajá após a fundação da cidade em 1565. Em 1673, passa a ter sua própria freguesia, se expandindo ao redor da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro, que abrigava um importante fator para a prosperidade do lugar, um poço de água. A região também foi fortemente influenciada pela ocupação jesuítica no bairro de Santa Cruz, com o cultivo de cana-de-açúcar, a criação de gado e as infra estruturas fluviais que foram usadas até a expulsão dos líderes religiosos, em 1759. A partir de então o foco econômico foi no plantio de café, que dominou até o fim do século XIX.

Apesar da mudança da família real, em 1808, o bairro continuou com o viés altamente rural, sem grandes expansões, sendo utilizado principalmente para a produção e abastecimento do restante da cidade.

Em 1878, chegou a linha férrea em Campo Grande e se iniciou a expansão urbana do bairro. Em 1894 os bondes a tração animal, e posteriormente os bondes elétricos em 1915, permitiram a conexão e a articulação entre os núcleos do bairro, favorecendo o desenvolvimento interno e propiciando o comércio local, apartado do resto da cidade. A partir do Séc. XX, com a queda do valor do café, a produção local passa a se focar na

SÉC. XX - Vínculo rural e comercial com a produção de café e laranja. Na segunda metade do séc. passa a ter grande investimento no setor industrial.

1946

Abertura da Av. Brasil

1960

Desenvolvimento de um distrito industrial

SÉC. XXI - Expansão de empreendimentos de classe média nos setores de serviço e empreendimentos multifamiliares.

1878
Chegada da linha férrea
Inserção no meio urbano



[3]. A estação provavelmente anos 1930. Acervo Claudio Marinho Falcão
Fonte: Estações Ferroviárias

1940

Fim do período áptico da "Citrolândia"

Esculturas que remetem ao período da Citrolândia, encontradas no centro e no calçadão do bairro.

1976
Inauguração do Calçadão de Campo Grande

Projeto original de Burle Marx, hoje descaracterizado. Pela via passam mais de 250.000 transeuntes diariamente.



[4]. Calçadão de Campo Grande - 2015
Foto: Carlos Ivan / Agência O Globo

2010

Bairro mais populoso do Brasil com 328.370 hab. (IBGE, 2010)

plantação de laranjas, cujo sucesso foi tão grande, que fez perdurar a fama de ‘citrolândia’ até os dias atuais, sendo encontrados diversos marcos esculturais no centro do bairro, em memória desse período que durou até a década de 40 [5]

O trecho da antiga estrada real, que ligava Santa Cruz à São Cristóvão, passando por Campo Grande, foi conectada a antiga estrada Rio-São Paulo na década de 30, ajudando o escoamento de produtos e em associação com a construção da Av. Brasil em 1946, foi um estimulante ao adensamento local e a expansão urbana. Essas infraestruturas rodoviárias permitiram a fomentação industrial do bairro, como o desenvolvimento do distrito industrial em 1960 e aptidão industrial permanece até a atualidade. Mais uma vez Campo Grande continua a prosperar urbana e economicamente com autonomia do restante da cidade, ao ponto de em 1968, pelo então governador Francisco Negrão de Lima, o bairro ser considerado cidade*.

Em 1976 há inauguração do Calçadão de Campo Grande, o setor comercial e de serviços passa a ter uma via pedonal, traçada por Burle Marx, dedicada exclusivamente à compra e venda. Desde então o setor não para de alavancar a economia local, atualmente se estipula um trânsito de mais de 250.000 transeuntes diariamente.

[5] A Família Peixoto de imigrantes portugueses foi a pioneira no plantio da laranja em Campo Grande. Fotos tiradas em 1947 na Fazenda da família, hoje Avenida Aldo Botelho, localizada no Bairro São Jorge, em Campo Grande.
Fonte: Gazeta Rio



* Lei número 1.627, de 14 de junho de 1968, projeto do deputado Frederico Trotta. O governo do estado da Guanabara, faço saber, que a assembléia legislativa do estado da Guanabara aprovou o projeto de lei número:181 de 1967 e eu promulgo, de acordo com o artigo 26, 3º, da constituição do estado, a seguinte lei: Art. 1º - É reconhecida como "Cidade" a localidade de Campo Grande, passando a denominar-se Cidade de Campo Grande. Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor, na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 14 de Junho de 1968 - 80º da república e 9º do estado da Guanabara[...].

É observável que no séc. XXI, os investimentos do mercado imobiliário em empreendimentos habitacionais de classe média e de serviço têm estimulado a expansão territorial e populacional da região. Entretanto, apesar do crescimento populacional rumo a Zona Oeste, a oferta de empregos não acompanha a demanda, fazendo com que Campo Grande se configure em muitos casos como um “bairro dormitório”. Além disso, a região carece de equipamentos de lazer, esporte e cultura para atender a população local.

Importante salientar que no decorrer do processo de urbanização a forma de ocupação da área se deu de forma espaçada em loteamentos, nem sempre regularizados, que expandiram-se aproveitando de características naturais – como a proximidade de fontes hídricas, ou econômicas - como a proximidade do centro de bairro. Esses assentamentos proliferaram de forma descontínua e sem planejamento urbano ao redor desses sub-núcleos urbanos e formaram os sub-bairros. A expansão da área ocorre de forma similar hoje em dia, nas camadas mais pobres, desordenadamente a autoconstrução se encaminha para áreas de proteção, com risco de desmatamento e nas encostas dos morros. Em áreas mais estabelecidas, empreendimentos multifamiliares passam a explorar a grande oferta de terrenos extensos, colocando em seu programa áreas de lazer e entretenimento, antes públicas e livres, agora dentro dos muros do condomínio. Para chamar atenção de compradores suas localizações se dão em geral as margens de vias de acesso ao bairro.

4.2.3. Contexto local

O recorte Vila São Jorge (abrangendo os sub-bairros São Jorge, Aurora e Diana) constitui uma área já estabelecida e densificada, apresentando múltiplas praças que não oferecem diversidade ou atrativos à população local. Localizado a 2 km do centro de Campo Grande, o recorte fica ao pé do morro Luiz Barata, tangendo a Av. Cesário de Melo (antiga Estrada Real) e a estação de trem mais próxima é Benjamim do Monte, atendendo ao Ramal Sta. Cruz. A mobilidade local se dá majoritariamente pela linha de vans que trajam entre o sub-bairro e o centro de Campo Grande e a pouca oferta de ônibus que atende a área atualmente ficam restritos a Av. Cesário de Melo, fazendo o itinerário Campo Grande-Santa Cruz (17). No corredor central da avenida, em 2014, foi construído as estações, da extensão do BRT Transoeste, São Jorge e Pina Rangel, que atendiam ao recorte local. O funcionamento dos ônibus modulares no eixo Av. Cesário de Melo, não perdurou muito e hoje se encontram fechadas devido a interrupção da linha, apenas “as carcaças” das estações permanecem e o corredor central permanece inutilizado pelo sistema de transporte público.

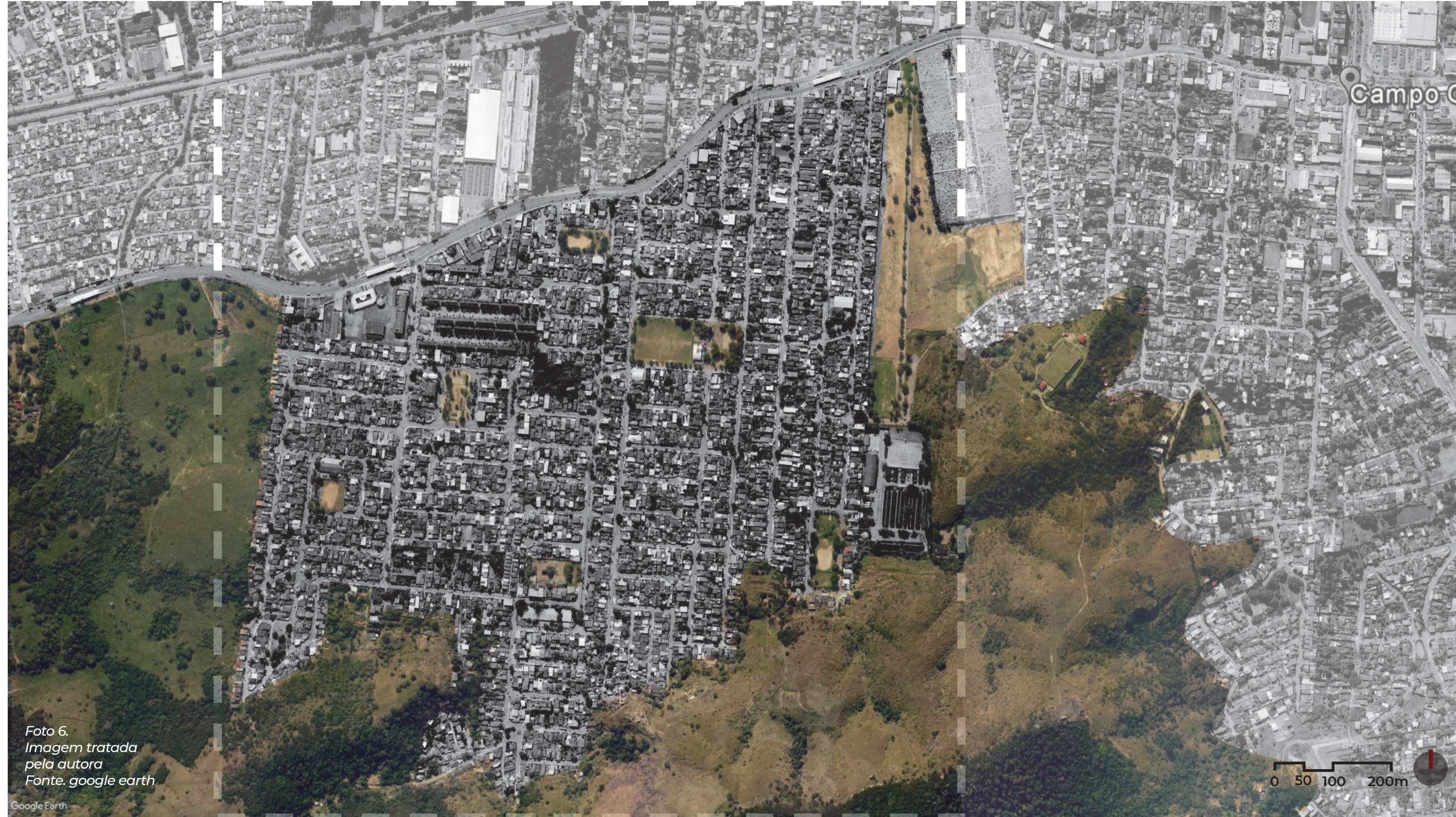


Foto 6.
Imagem tratada
pela autora
Fonte. google earth

Legenda:

Ruas

Praças

Escolas

Unidades de saúde

Cemitério de Campo Grande

Regimento de Polícia Montada Cel Enyr Cony dos Santos

Linha ferroviária

Pto. de ônibus

Van

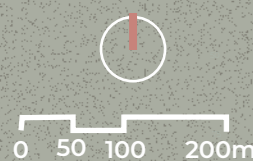
BRT

Ciclovía

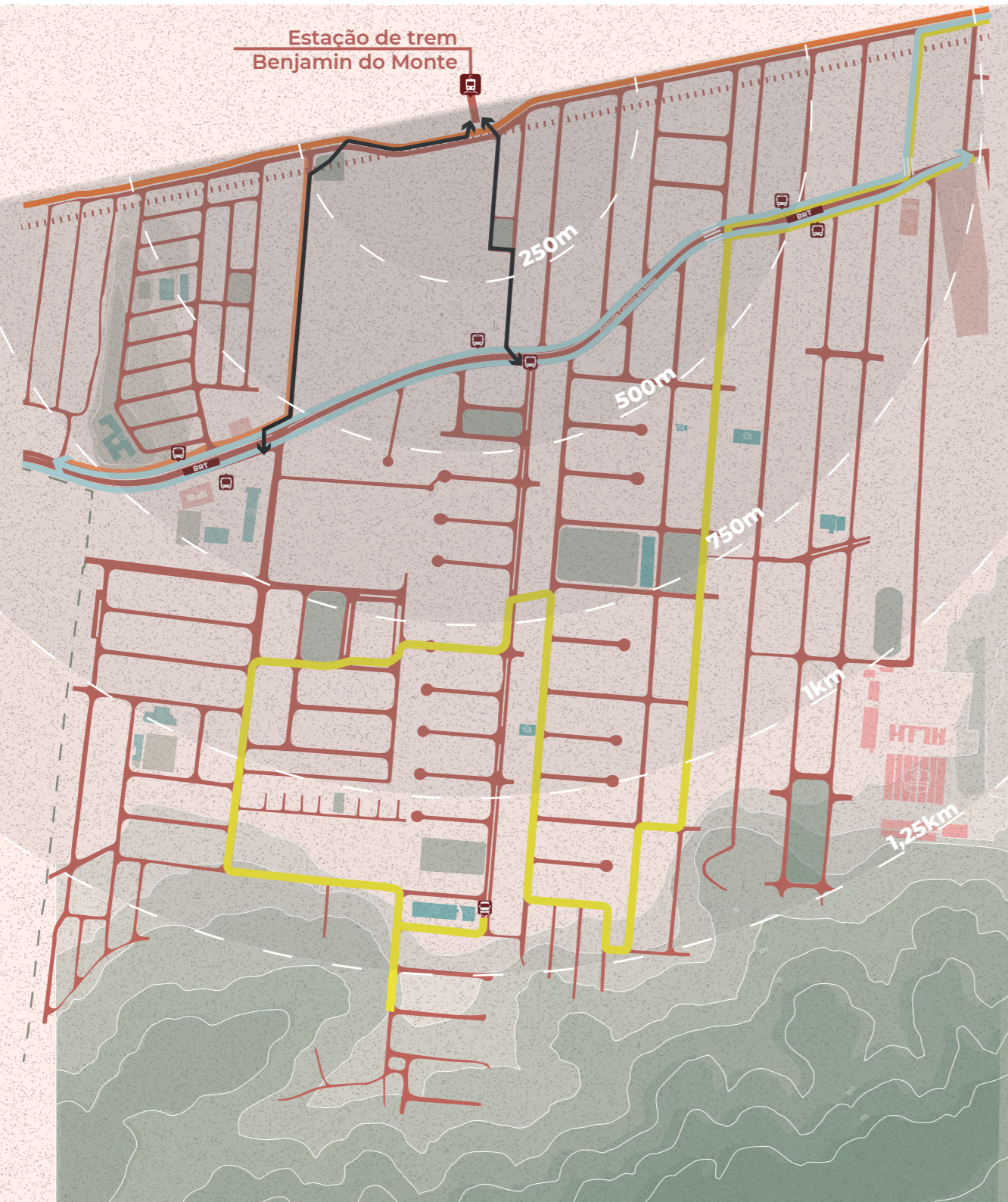
Trajeto van

Trajeto ônibus

Fluxo de acesso à estação de trem Benjamin do Monte



31.

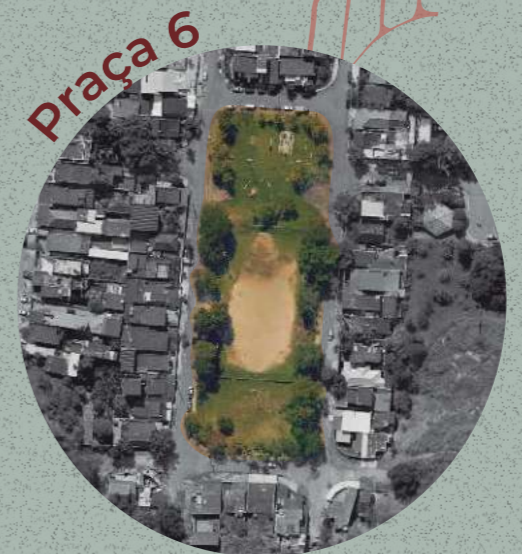
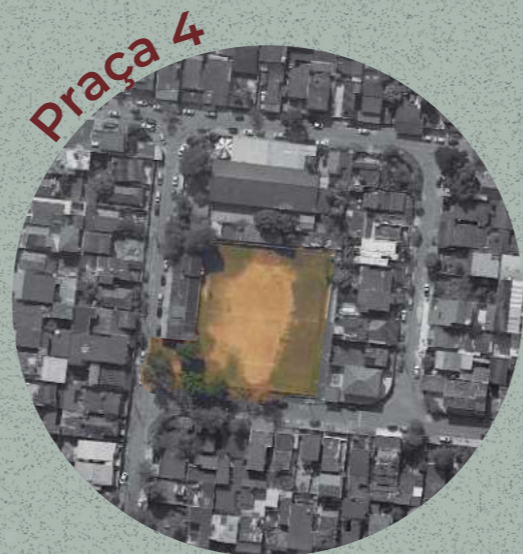


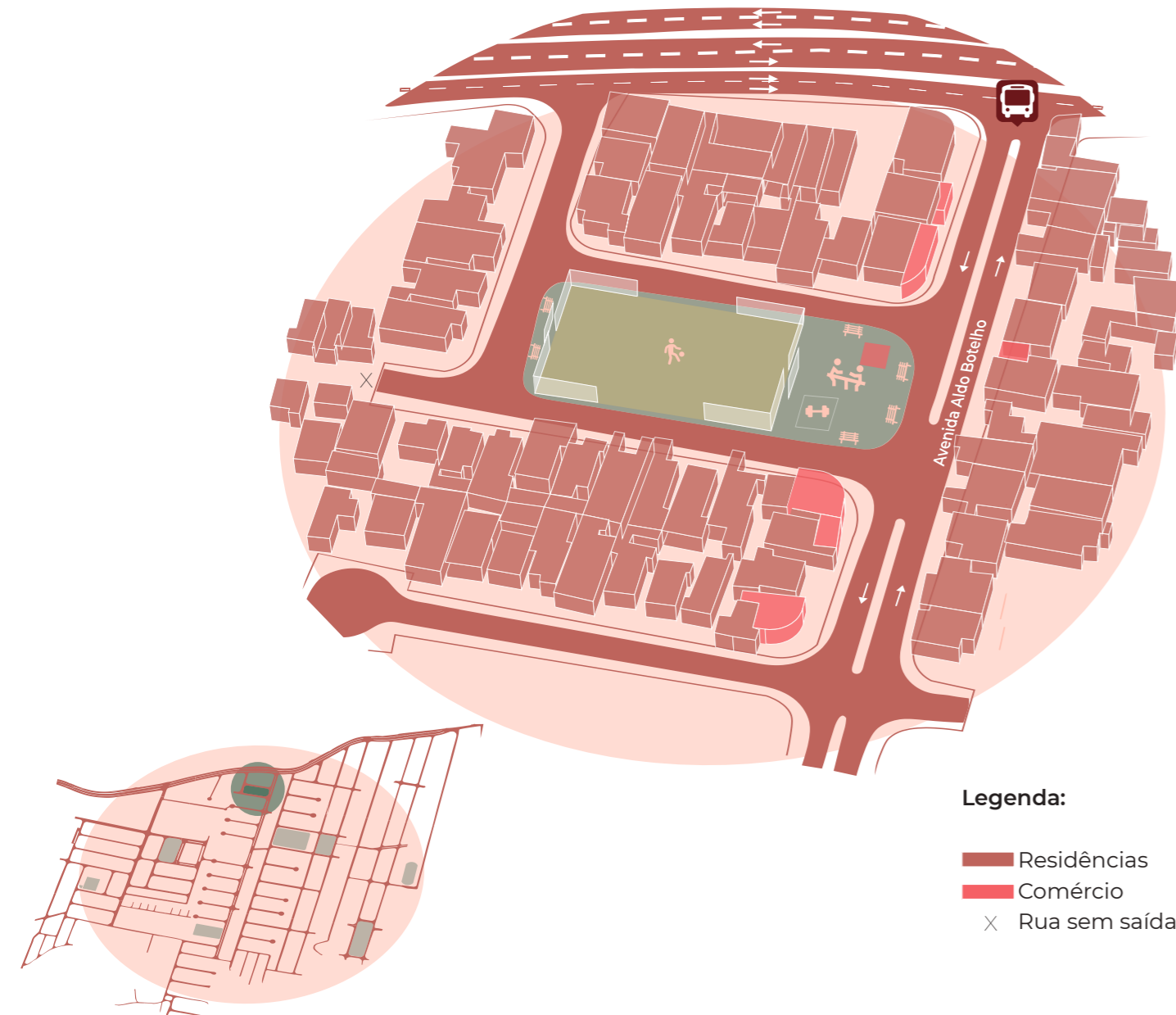
A área escolhida apresenta uma mistura de fluxo comercial intenso com diversos mercados, padarias, farmácias, bares e restaurantes; com uma população residencial, em grande parte com casas unifamiliares de até três pavimentos e poucos prédios. O sub-bairro também conta algumas escolas, em sua maioria públicas, que comumente atendem a educação infantil e fundamental. Muitos desses equipamentos educacionais foram implantados nas imediações das praças, por exemplo, cinco escolas ficam bem nos arredores de três das sete praças em análise do recorte.

As praças seguem o traçado do loteamento, e são facilmente encontradas no percorrer da localidade, a escala é condizente com a vizinhança de baixo gabarito e majoritariamente residencial, já possuem uma infraestrutura básica para uso e são visualmente agradáveis para o entorno, além de proporcionarem espaços abertos e que complementam a arborização do bairro. A dinâmica das praças ocorre por parte da própria população, das associações de moradores e dos clubes que, em geral, utilizam as praças para para práticas esportivas, feiras e festas comunitárias. Diariamente, áreas de esporte e lazer são utilizadas principalmente por crianças e jovens, áreas de exercício usada por idosos e atletas e o uso noturno estimulado pelos comércios margeando as praças. Há a leitura da vocação das praças -comercial, esportiva, familiar- por parte da população, que muitas vezes promove adaptações nos espaços para usos diferentes daqueles previstos.

32.

Nessa etapa aprofundaremos a escala micro, analisando as praças e percebendo características já existentes: metragem, disposição de equipamentos, fatores qualitativos e manutenção; além do seu entorno imediato como a disposição das vias circundantes, fluxos e as edificações com programas como escolas e comércios. O objetivo é entender como ocorre o arranjo e a ordenação atual e identificar pontos a serem melhorados nas diretrizes de projeto e aspectos a serem implementados que atuem como aglutinadores de interesse.

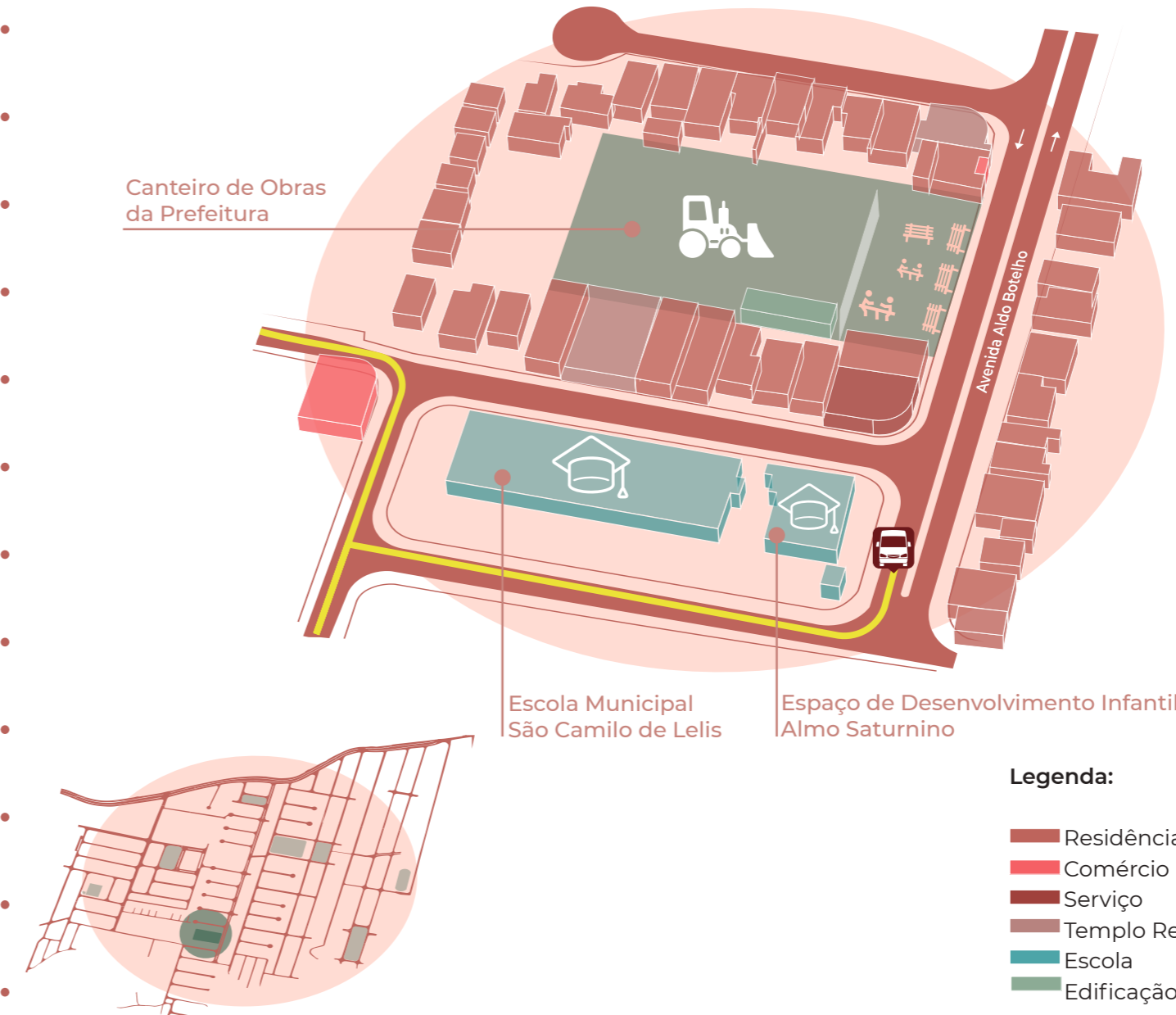




- Condições:**
- Equipamento infantil: 3/5
 - Academia 3ª idade: 3/5
 - Campo de futebol: 3/5
 - Mobiliário: 3/5
 - Iluminação: 3/5
 - Pavimentação: Grama
 - Arborização: Copas largas nas margens, palmeiras ocasionais
 - Manutenção: Necessidade intensa, médio prazo

- Legenda:**
- Residências
 - Comércio
 - X Rua sem saída

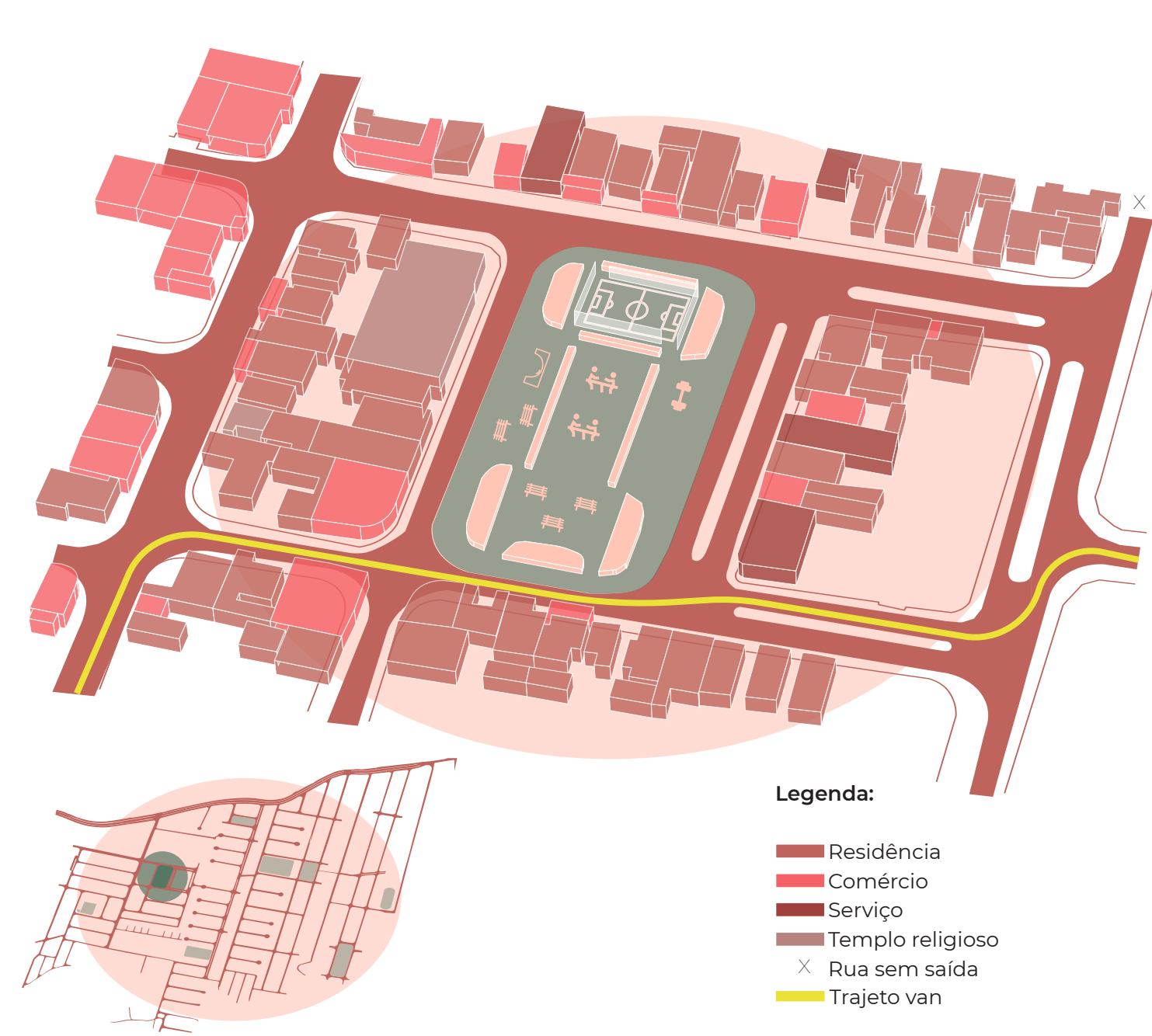
1. Praça das Cruzadas
 Av. Aldo Botelho
 Área: 3.021m²



- Condições:**
- Equipamento infantil: 2/5
 - Mobiliário: 3/5
 - Iluminação: 3/5
 - Pavimentação: Grama
 - Arborização: Poucas árvores com copa média
 - Manutenção: Escassa

- Legenda:**
- Residência
 - Comércio
 - Serviço
 - Templo Religioso
 - Escola
 - Edificação pública

2. Praça Av. Aldo Botelho
 Av. Aldo Botelho
 Área: 4.613m²



Legenda:

- Residência
- Comércio
- Serviço
- Templo religioso
- × Rua sem saída
- Trajeto van

- Equipamento infantil
- Academia 3ª idade
- Quadra de futebol
- Rampa de skate
- Mobiliário
- Iluminação
- Pavimentação
- Arborização
- Manutenção

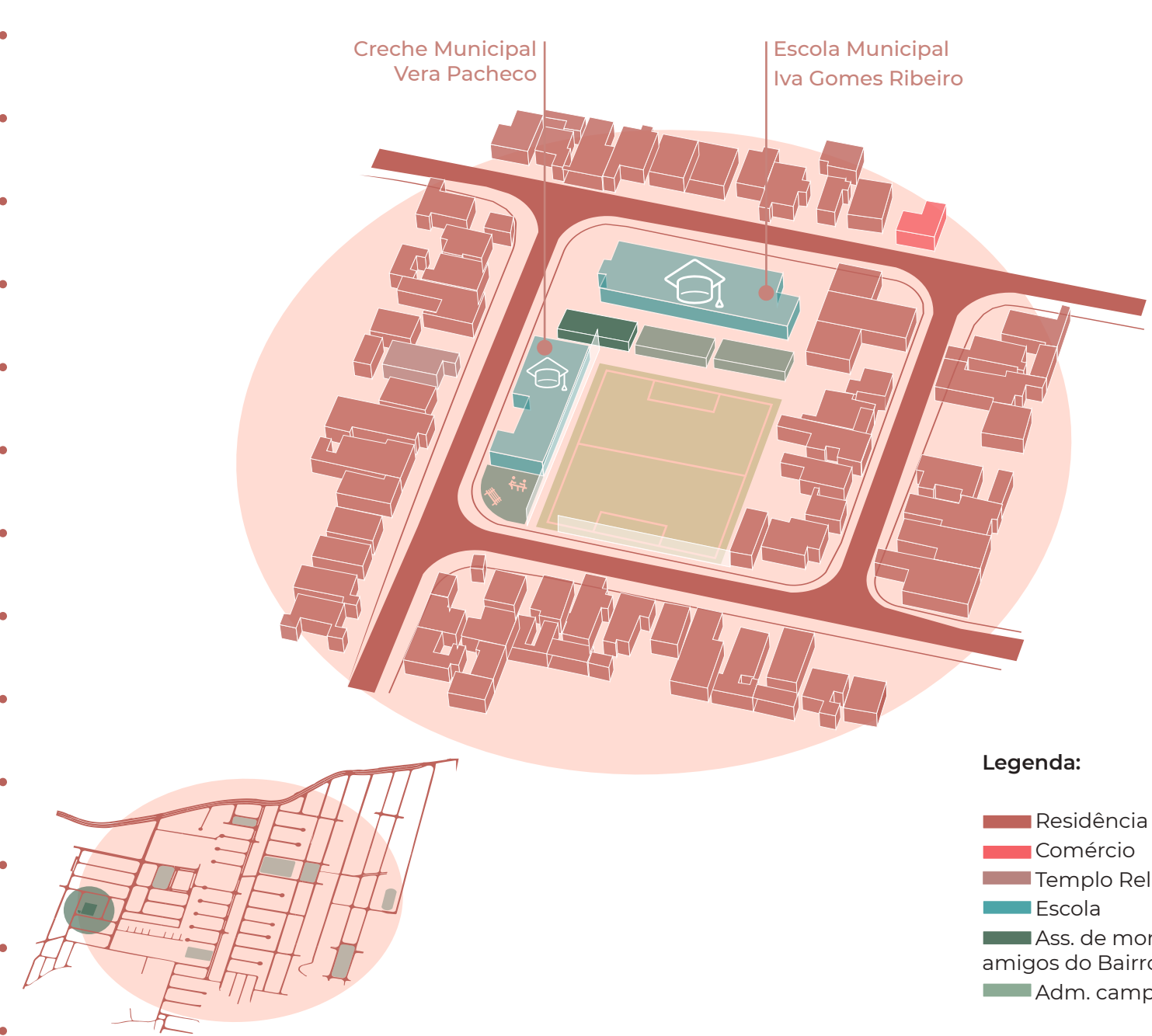
Condições:



Terra e concreto

Espraiada, copas médias e largas

Pouco necessário, longo prazo



Legenda:

- Residência
- Comércio
- Templo Religioso
- Escola
- Ass. de moradores e amigos do Bairro São Jorge
- Adm. campo de futebol

- Equipamento infantil
- Mobiliário
- Iluminação
- Pavimentação
- Arborização
- Manutenção

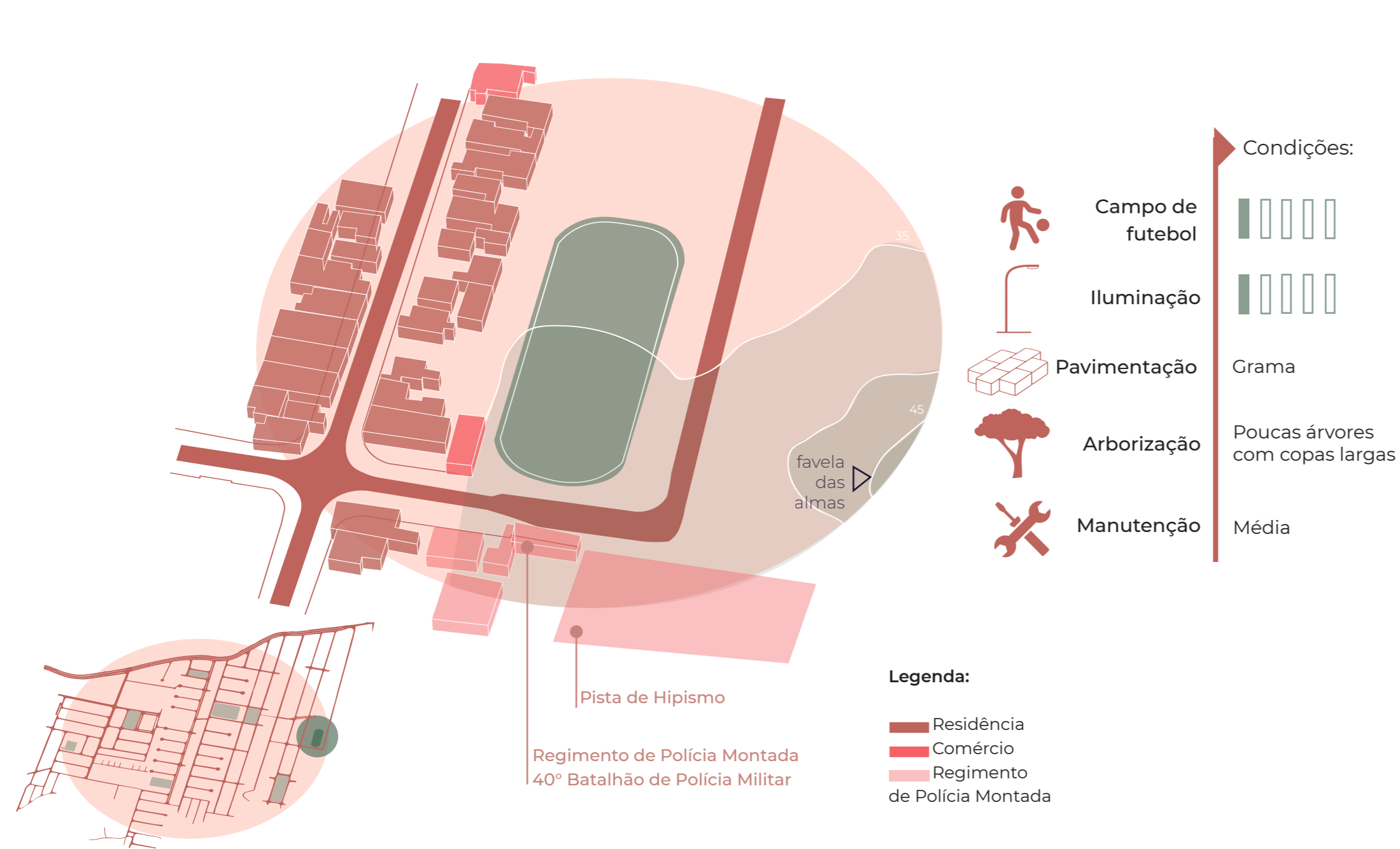
Condições:



Grama

Poucas árvores com copa média

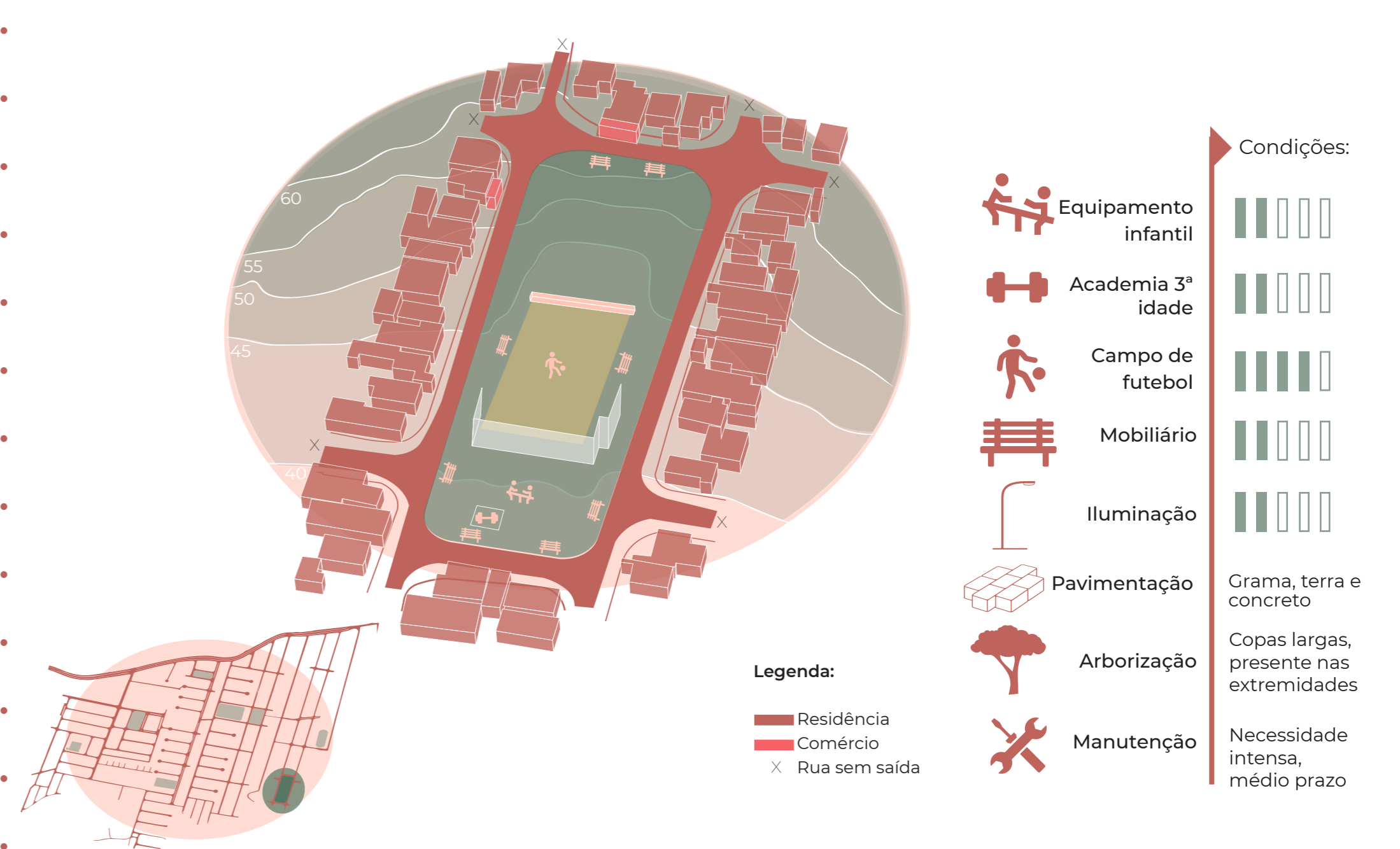
Escassa



5. Campo do RPMont

Av. dos Estados
Área: 3.805m²

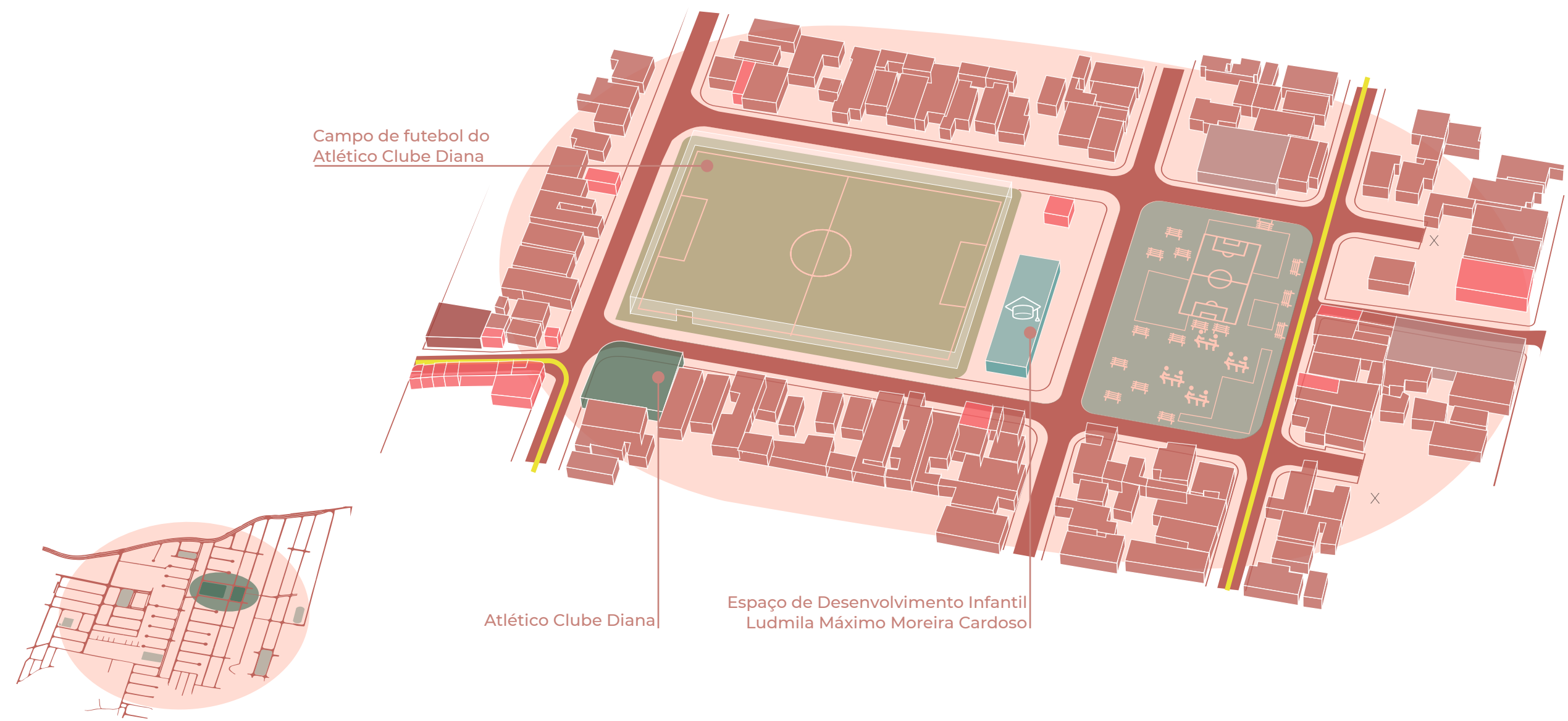
39.



6. Praça Nossa Senhora do Desterro

Rua Cordilheira
Área: 8.003m²

40.



Legenda:

- Residência
- Comércio
- Serviço
- Templo religioso
- Escola
- Clube Atlético Diana
- Rua sem saída
- Trajeto van

- Equipamento infantil
- Quadra de futebol
- Mobiliário
- Iluminação
- Pavimentação
- Arborização
- Manutenção

Condições:

	Brita
	Muitas árvores com copas largas
	Média

7. Praça dos Dançarinos

Rua Pina Rangel

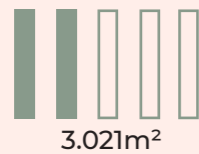
Área praça: 4.742m² | A. Campo do Diana: 7.400m²

Praça 1

Praça das Cruzadas



M²



Apropriação.



Equipamentos.



Segurança.

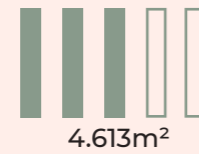


Caracterização.

Familiar
Passagem
Comercial

Praça 2

Praça Av. Aldo Botelho



Escolar
Familiar
Passagem

Praça 3

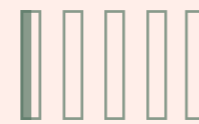
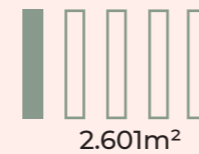
Praça Narciso Luzes



Comercial
Passagem

Praça 4

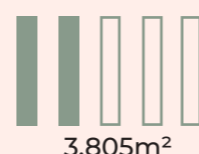
Praça R. Pedro Autran



Familiar
Passagem
Escolar

Praça 5

Campo do RPMonte



Institucional
Passagem

Praça 6

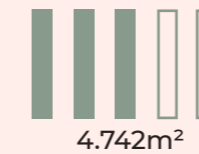
Praça N. Sra. do Desterro



Familiar

Praça 7

Praça dos Dançarinos



Passagem
Institucional
Escolar

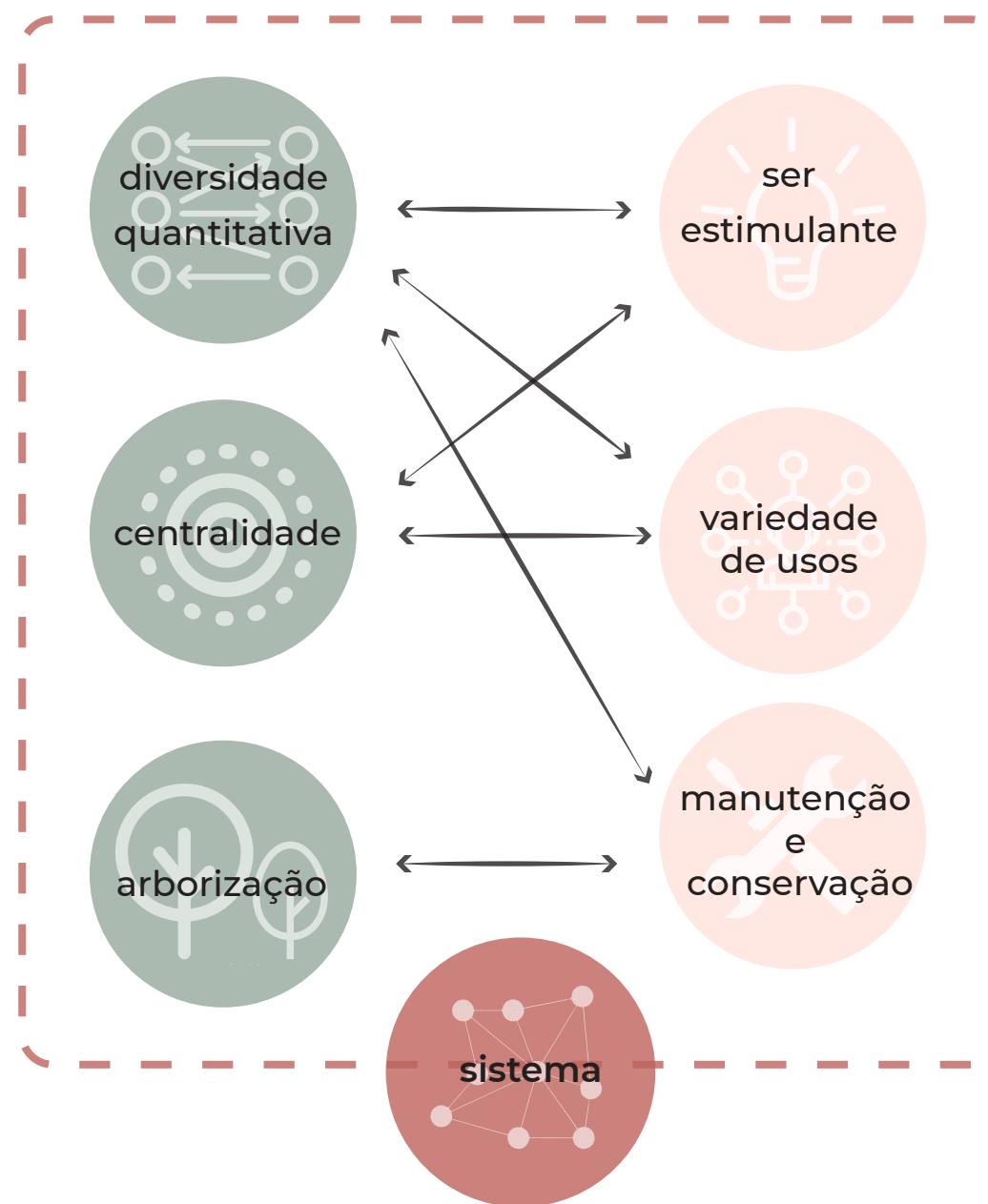


5.1. Potencialidades e desafios em relação a proposição do sistema de praças

Baseada nas análises espaciais do recorte, acrescidas da considerações teóricas, é possível traçar uma linha de potencialidades e desafios em relação ao objeto proposto - um sistema de praças em um recorte de Campo Grande, as quais, com cenários variados permitam ampla apropriação das pessoas, de modo que as condições existentes possam suprir as próprias fraquezas e as soluções a serem implementadas poderão atuar como objetos transformadores.

A quantidade de praças no recorte analisado potencializa a implementação de um sistema de espaços livres no local. Porém o desafio desses espaços é oferecer usos e atividades que de fato estimulem as pessoas ao convívio, ademais dos poucos já existentes. A padronização desses espaços os tornam tediosos e segregadores para determinadas atividades ou grupos (por exemplo, pessoas sem filhos ou que não praticam esportes) restringindo o uso de passagem e não criando permanências, fora as usuais. Atualmente há poucos espaços para diálogo ou para a manifestação de conflitos, conseqüentemente o senso de pertencimento e a “adoção” que muitos moradores têm pelos espaços públicos, é limitado. O fato de as sete praças apresentarem o mesmo padrão de mobiliário e funções recreacionais similares, pode ser considerado não só uma fragilidade mas também uma potencialidade a ser modificada com a proposta de novos usos e ambientes, sem criar espaços super delimitados com usos restritivos ou com desenhos rigorosos, mas proporcionar estímulos de uso.

Diagrama 5.
Organograma de sistema



A manutenção atual das praças, sob responsabilidade da COMLURB, como a poda de canteiros e gramados, não apresenta uma regularidade, o que acaba muitas vezes limitando a apropriação de algumas praças, devido ao rápido crescimento da grama presente nas praças atingindo grandes alturas e inibindo o uso e a visibilidade. Por outro lado, a presença da arborização local e do estímulo visual paisagístico deve continuar sendo estimulada para o conforto climático e visibilidade, criando áreas sombreadas que potencializam a permanência. O estímulo ao usos das praças, explorando o caráter de centralidade que essas já possuem, também fica condicionado a uma iluminação pública adequada ao espaço, aspecto deficiente no bairro principalmente por esses equipamentos serem dispostos de maneira genérica e por não levarem em conta as copas das árvores, que por um lado sombreiam mas que a noite também restringem a plena iluminação das ruas, calçadas e praças.

Assim sendo, podemos explorar o sistema de praças como um meio de proporcionar multidisignificados à esses espaços públicos, através de aspectos agregadores de multiplicidade com rearranjos dos pontos existentes passíveis de ser tornarem destaques, acrescidos de novos equipamentos e estímulos que conciliam valores, símbolos e experiências para os locais. Tornando esses espaços um ambiente comunitário, acolhendo uma ampla variedade de usuários e potencializando o seu significado para a comunidade.

Conforme a caracterização das praças estabelecidas anteriormente no quadro de comparações (página 41), propomos a ampliação de usos que estimulem o bairro e a inserção de novos atrativos. A partir dessa identificação, de forma objetiva, são listados pontos a serem considerados nas diretrizes projetuais de cada praça individualmente:

Na praça 1. Se localiza perto de um ponto de ônibus bem movimentado, ao lado da Av. Cesário de Melo e por estar em uma rua que tem o fluxo intenso como a Av. Aldo Botelho, desenvolve-se o setor comercial ao redor da praça em pequena escala. O uso da praça ocorre principalmente por crianças no campo de futebol. Melhorias como iluminação e mais mobiliário permitiriam que o acesso visual fosse mais claro e convidativo as pessoas e aumentaria a possibilidade de permanência e outras atividades.

Na praça 2. Se localiza na parte superior da Av. Aldo Botelho e apesar de permitir a implantação de um circo anualmente que usa a área frontal livre para montar sua tenda. Possui uma grande área gradeada onde hoje está abrigando um estacionamento de máquinas da prefeitura, ao qual, se fosse inserido um novo equipamento ou a praça se expandisse permitiria estabelecer uma comunicação maior da praça com seu entorno e com os moradores.

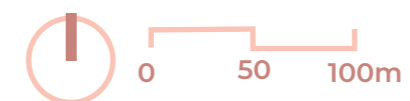
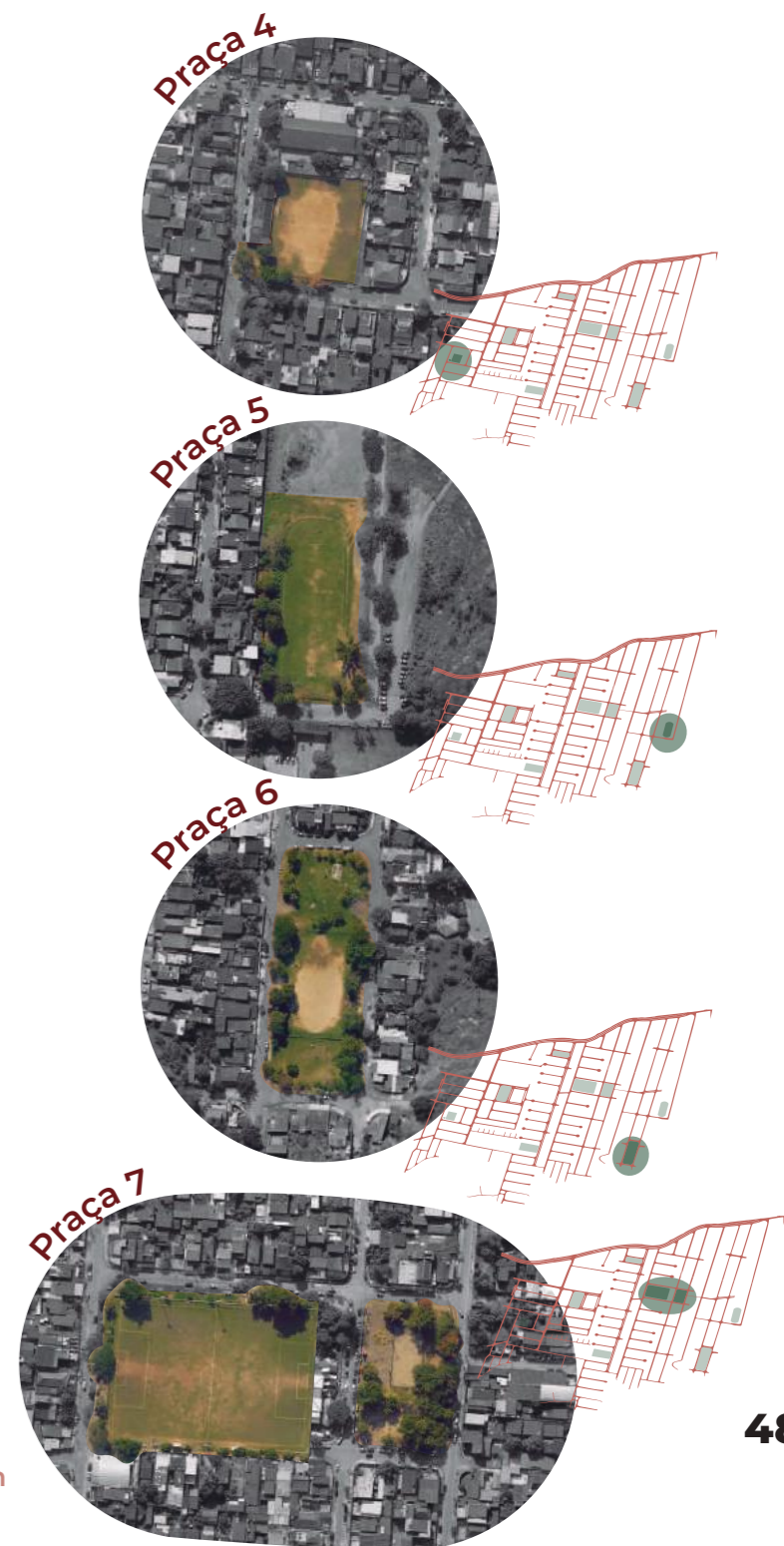
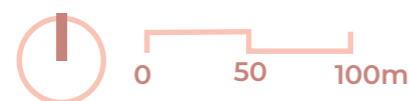
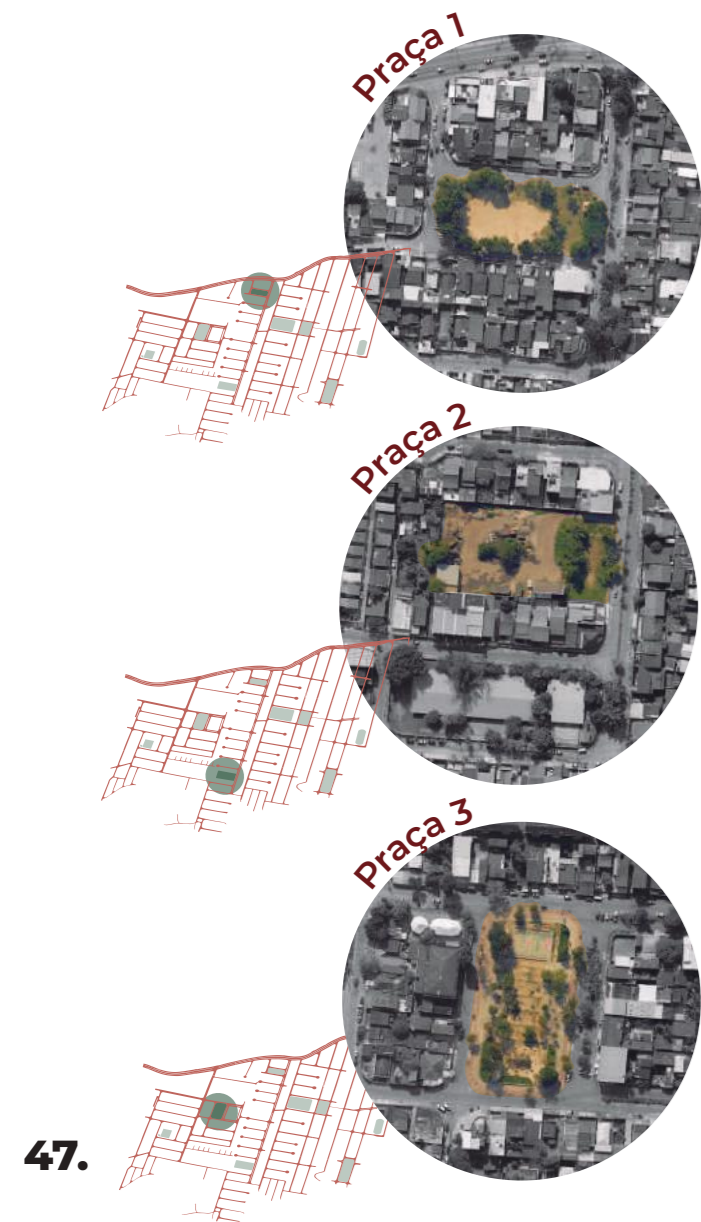
Na praça 3. É a praça central do bairro, sendo a mais movimentada por estar associada a Rua Moranga, uma rua comercial. Há comércios variados que atendem o bairro tanto diurna quanto no período noturno que circundam a praça e se abrem pra ela. Há a apropriação de calçadas e quintais em estabelecimentos alimentícios principalmente a noite, e sedia a instalação de um parque de diversões itinerante que umas duas vezes ao ano, por um par de semanas, visitam ao bairro. Apoio aos comerciantes e aos usuários poderiam ser mais presentes.

Na praça 4. Uma pequena praça de esquina com muito pouco mobiliário, e sem manutenção, o uso atende principalmente a creche e a escola infantil ao lado. O campo de futebol associado a praça é bem usado pelos moradores mais jovens e tem boa manutenção e é gradeado. Possibilidade de associar os interesses das escolas e da associação de moradores, nas “costas” do campo de futebol, pode gerar mais fluxo à esses espaços livres.

Na praça 5. A praça é subutilizada, o trajeto é mais usado por pessoas que fazem exercícios na longa rua que a cerca, pelos policiais do regimento de Polícia e pelos moradores que vem da “favela das almas” para o bairro. Suporte para esses usuários, para os moradores da favela e aspectos como uma boa iluminação e maior manutenção da poda das gramas, aumentando a sensação de segurança são fundamentais para essa praça que está nas “margens” do bairro.

Na praça 6. A maior praça do bairro, atende uma população bem pequena em comparação ao seu potencial acarretado principalmente por também estar nas margens do bairro. Situada em um terreno íngreme os diferentes níveis foram levados em conta, tornando a praça quase que escalonada em 3 setores, o primeiro é o de mobiliário e equipamentos, o segundo é o campo de futebol (área mais utilizada), e o terceiro é uma área de desnível não projetada mas que serve como um grande escorregador informal. Firmar esses usos que ocorrem informalmente, explorar o desnível e crescer com equipamentos e segurança pode oferecer um diferencial à praça, além de uma boa iluminação por ficar no limite da ocupação e cercada com árvores de copas largas.

Na praça 7. A praça é bem movimentada, tem um fluxo bem grande de pessoas e automóveis por ficar no cruzamento de fluxos bem usados e margear a Rua Pina Rangel, que dá acesso ao bairro. Poderia atender mais a escola infantil em frente. O campo do lado da praça é o campo de futebol bem movimentado nos fins de semana, sediando jogos e algumas festas propostas pelo clube.



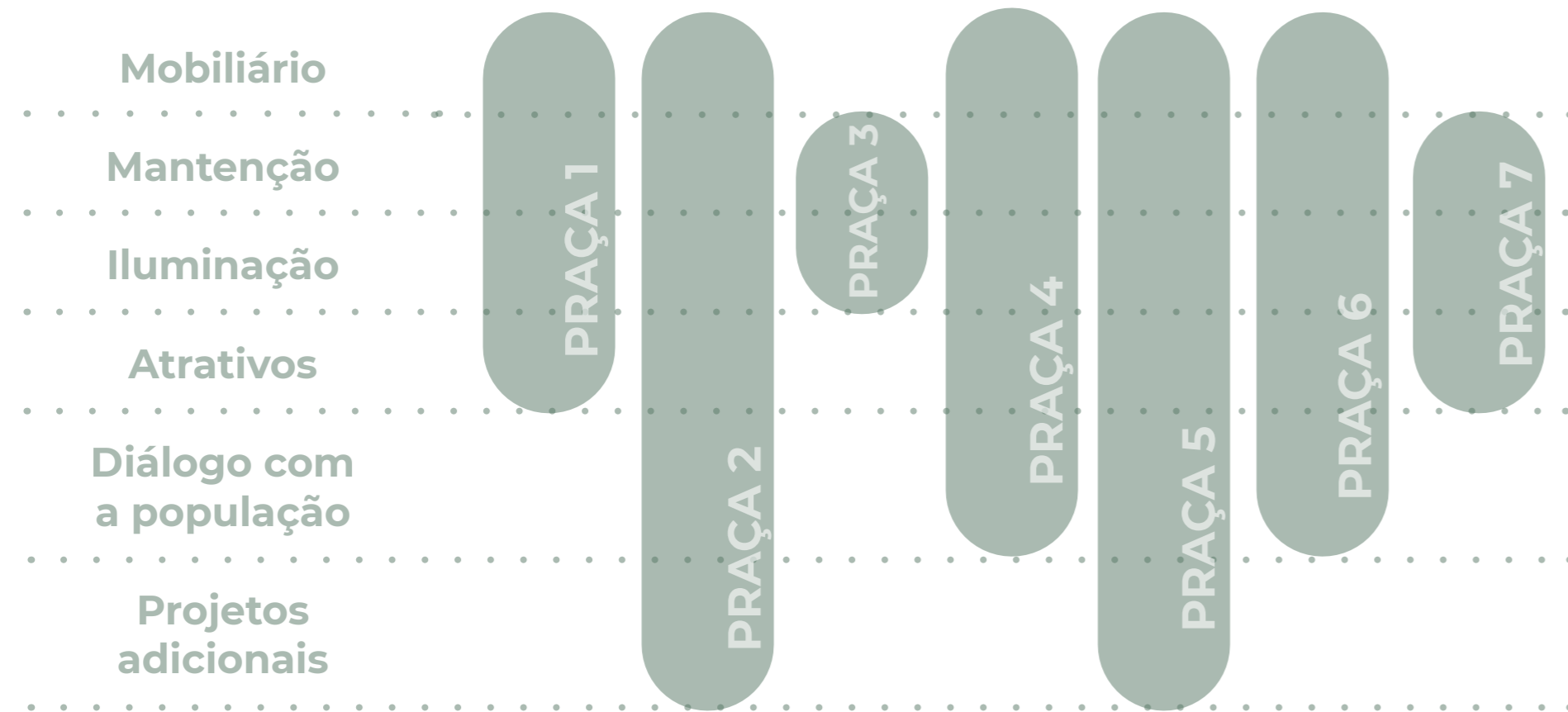


Diagrama 6.
Gráfico de fatores a serem melhorados nas praças

6. Intenção Projetual

Conforme identificado nas etapas anteriores, é possível estabelecer intenções projetuais que permitirão aprimorar as praças através de oportunidades urbanas e paisagísticas, não só levando em conta 'fatores à serem melhorados nas praças', como demonstrado no gráfico ao lado, mas também incluindo ideologias à serem aplicadas a fim de modificar as interações.

Domingues e Albinati (2017) apontam que a diversidade vem como fruto da diferença e do conflito, inclusive engloba os bens comuns urbanos, como as praças, pois estas promovem a apropriação e abrigam "a convivência mútua e de deliberação coletiva entre indivíduos e coletivos", permitindo que culturalmente se promova espaços com heterogeneidade identitária. Mediante as possibilidades quantitativas das praças do recorte, há a escolha em abraçar a individualidade de cada uma, reforçando e instigando cada vez mais essas multidimensionalidades às experiências, e assim restabelecer a vivacidade das praças como espaços que compõem a produção espacial da cidade, a articulação do bairro além da união e troca dos moradores.

A abordagem que Jan Gehl considera no livro 'Cidades para Pessoas' (2013) a respeito da qualidade à paisagem do pedestre como a proteção, o conforto e o prazer, estimulam as sensações de segurança e proteção, as oportunidades de exploração e uso do local, e as experiências sensoriais levando em conta a escala e o clima. Esses aspectos podem se estabelecer por elementos fixos, flexíveis e fugazes, atendendo a população no cotidiano, em instalações temporárias ou eventos menores.

Compreendendo ambos parâmetros, ademais os já estudados, três principais intenções de projeto foram adotadas:

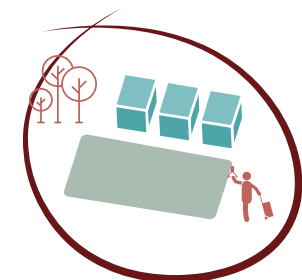
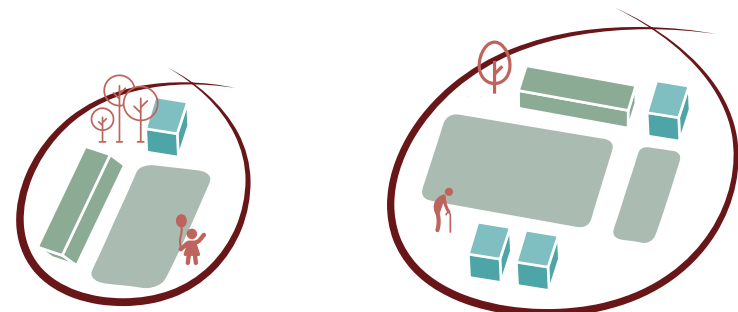


Diagrama 7.

ABRIGAR. Diferentes usos, pessoas, idades, finalidades, perspectivas, qualidades de vida. Promover a heterogeneidade pela multiplicidade de equipamentos e mobiliários, gerando espaços inclusivos e seguros.

FOCAR. Usar a praça como um espaço de foco, desenvolvendo social e culturalmente a sociedade, valorizando a comunidade, estabelecendo o senso comum de uso e propriedade do bem público.

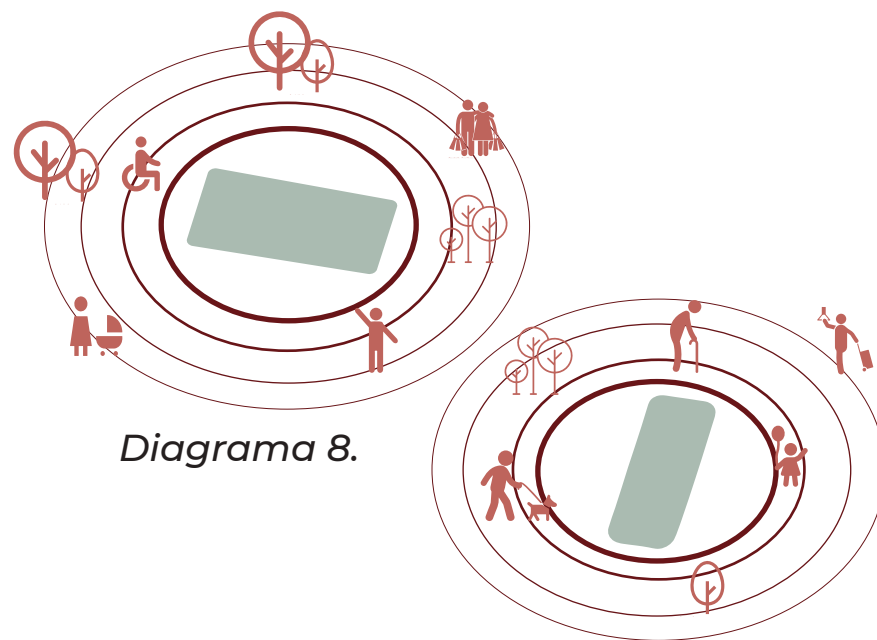


Diagrama 8.

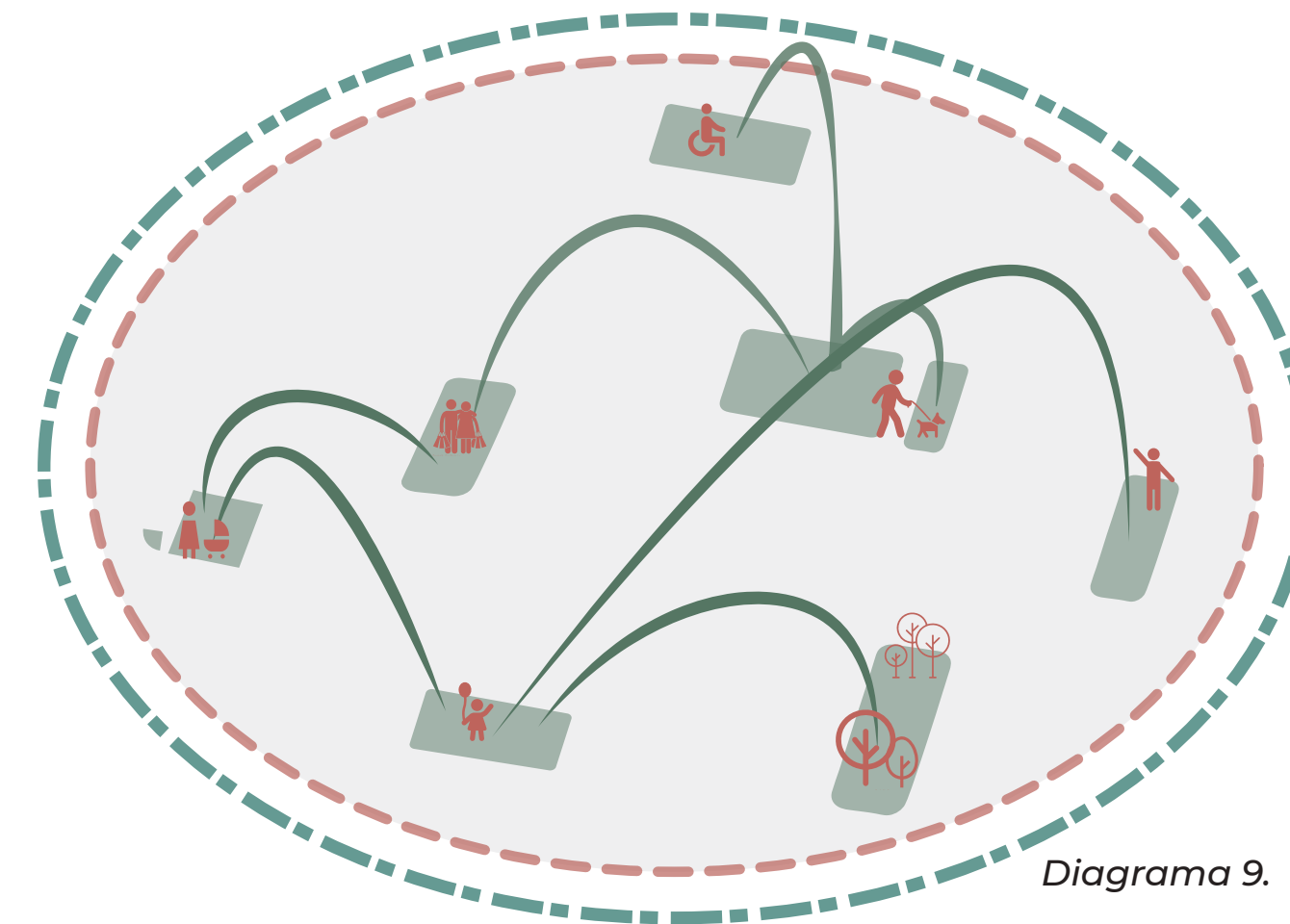
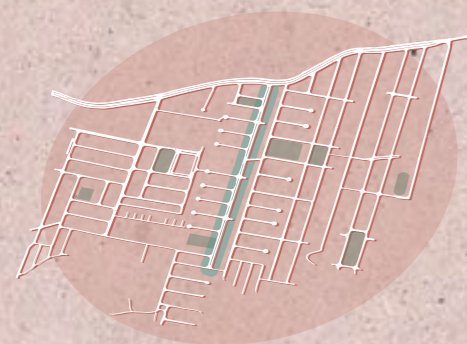


Diagrama 9.

CONECTAR. Não conectar as praças literalmente mas possibilitar o sistema de espaços livres com praças convidativas e que estimulem o uso de todos no recorte com seus diferentes propósitos.

AV. ALDO
BOTELHO
PRAÇA 1 | PRAÇA 2



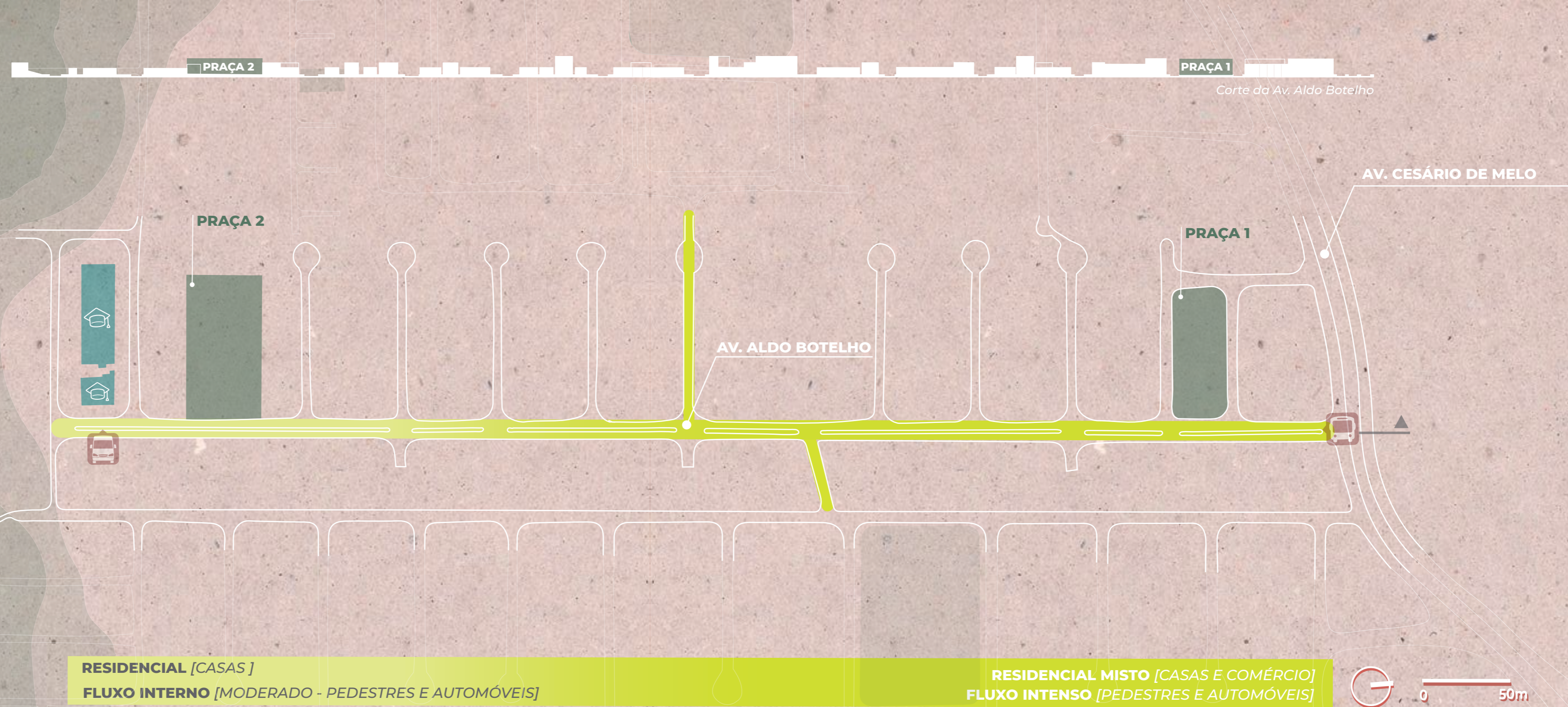
a escolha.

Para explorar as intenções projetuais de forma mais aprofundada, sugere-se o desenvolvimento em maior detalhe de um trecho do recorte espacial que englobe um ou mais praças.

Para tanto, elege-se as praças 1 e 2 e a Avenida Aldo Botelho, que conecta ambas as praças, para o aprofundamento do projeto. Notamos características diferentes entre as praças e uma visão particular do cotidiano do bairro na rua escolhida. Esses três objetos nos oferecem uma visão, em um trecho da área de estudo, de como o sistema pode beneficiar o local.

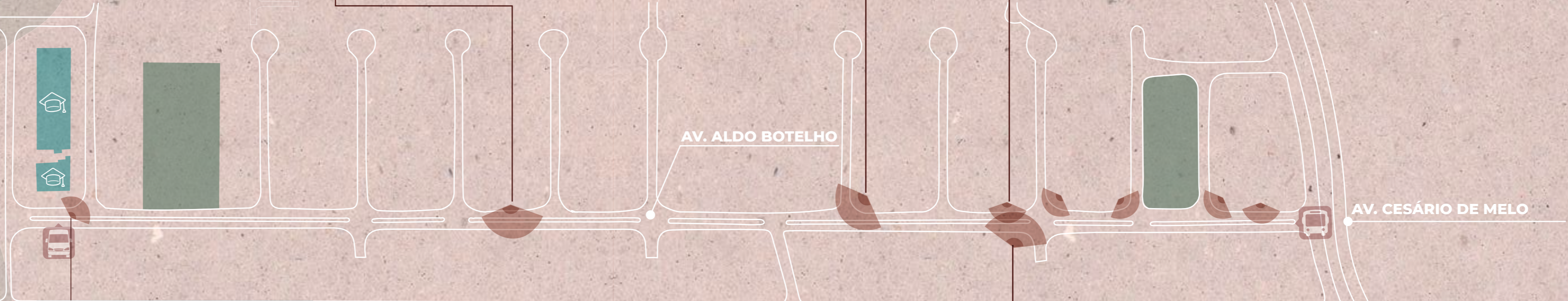
zonas e fluxos.

Na Av. Aldo Botelho é observável uma gradação ao longo da rua, a área mais próxima a Av. Cesário de Melo há maior intensidade de carros e pedestres; muito se dá por ser uma via de acesso ao bairro, por ficar localizado um ponto de ônibus e é onde se concentra maior quantidade de comércios e residências mistas. No decorrer do caminho, indo em direção ao morro Luiz Barata, passa a ser observável um caráter mais residencial, com comércios mais esporádicos e como o fluxo inicial de pessoas e automóveis desaguam nas ruas auxiliares que levam a outras partes do bairro, o fluxo nesse trecho passa a ser moderado, de pessoas que em geral são moradores da área.



ambiências.

Locais de influência que geram identificação ao longo da rua ou que movimentam mais pessoas. Áreas relacionadas a comércios como bares e padarias, onde conseqüentemente, prevalece os estacionamentos na rua.



vegetação.

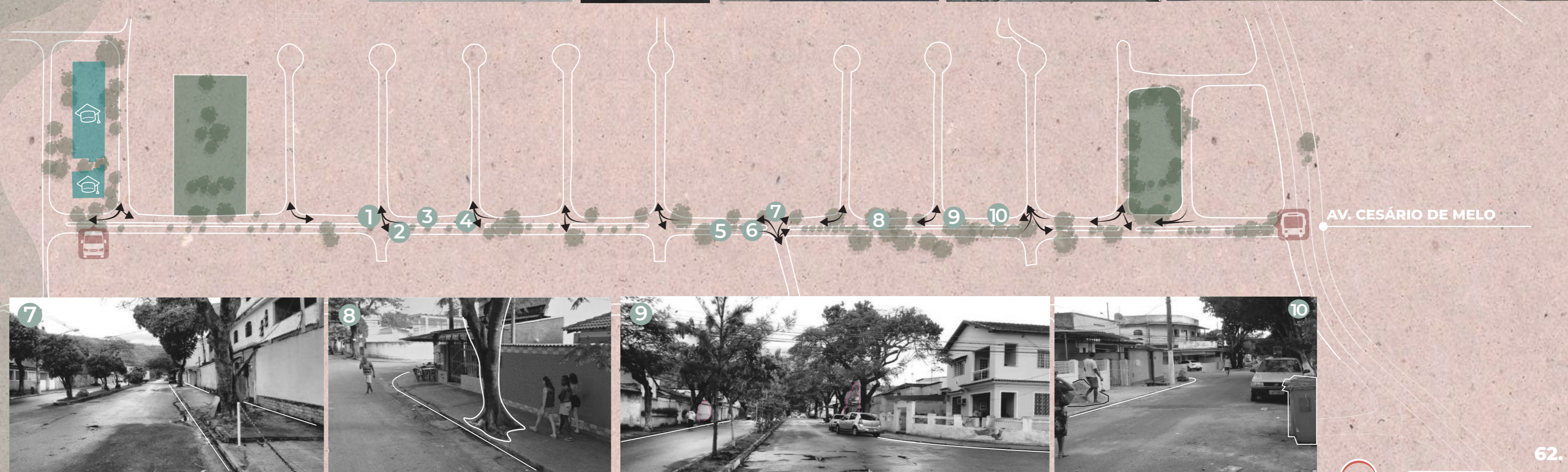
A vegetação é diversa com árvores de grande porte, plantas ornamentais, arbustos, gramas; tanto originais quanto plantados posteriormente pelos locais, além da polinização por pássaros e morcegos, presentes na área. Encontramos oitis, amendoeiras, mangueiras, flamboyã, acácia-pompom, espada de são jorge, palmeiras de diversos tipos, bananeiras, dentre outras espécies.





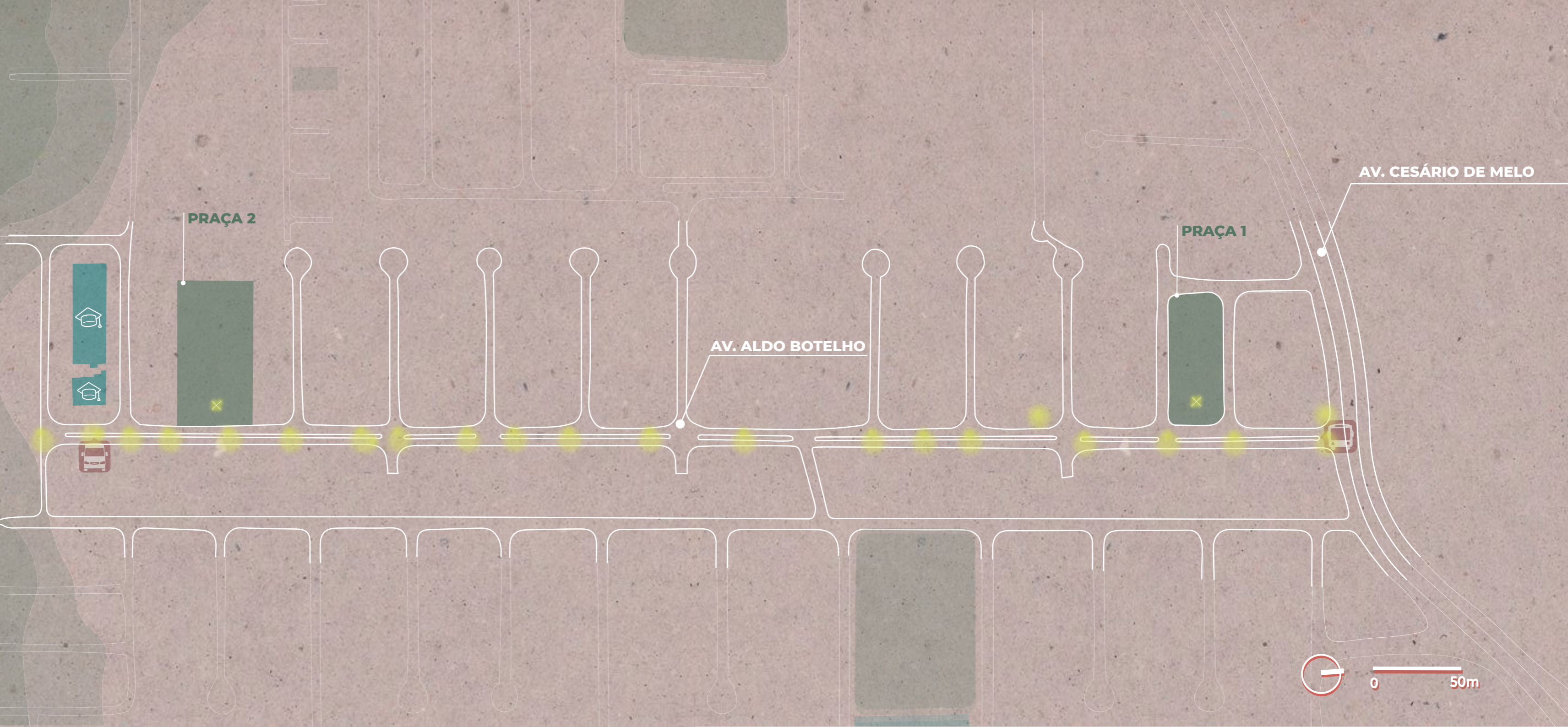
o caminhar e os conflitos.

O caminhar no bairro se dá, em geral, na rua. O pedestre consegue ir de forma mais retilínea pela própria via, dividindo o espaço com carros e ciclistas do que nas calçadas que se encontram conflitos recorrentes, como o tronco de grandes árvores, correntes, além de vegetação e canteiros implementados pelos próprios moradores. Outro foco de conflito são as esquinas e cruzamentos [setas pretas] para as ruas perpendiculares á avenida, que exigem mais atenção de motoristas e pedestres.

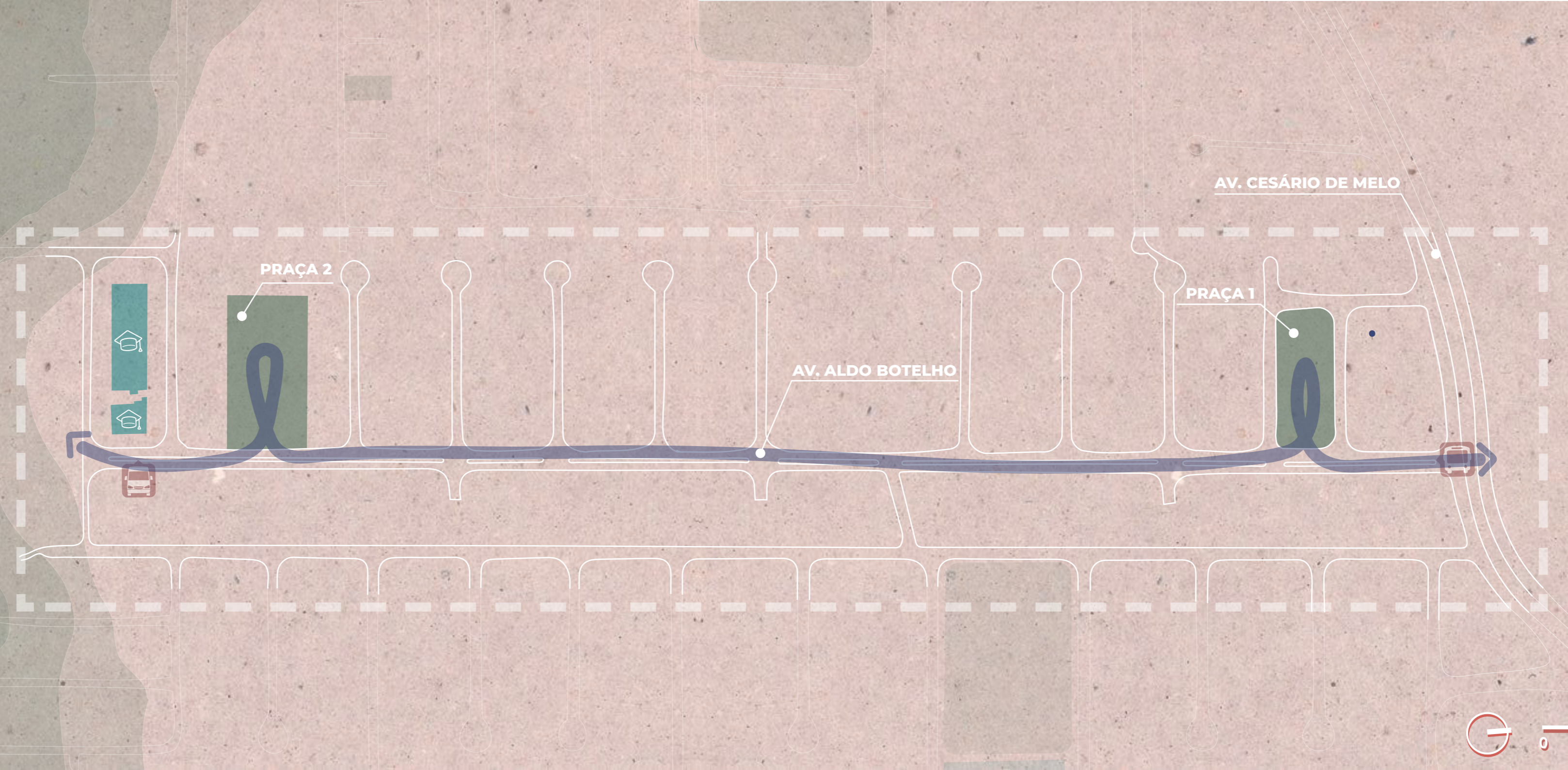


iluminação.

A iluminação é concentrada principalmente em um lado da Avenida, e todas as luzes provêm de uma luminária unilateral, direcionada para os carros na rua, fixados nos postes localizados na calçada. Nas praças a iluminação provém de uma luminária com quatro lâmpadas, que tem pouca abrangência para iluminar toda a praça.

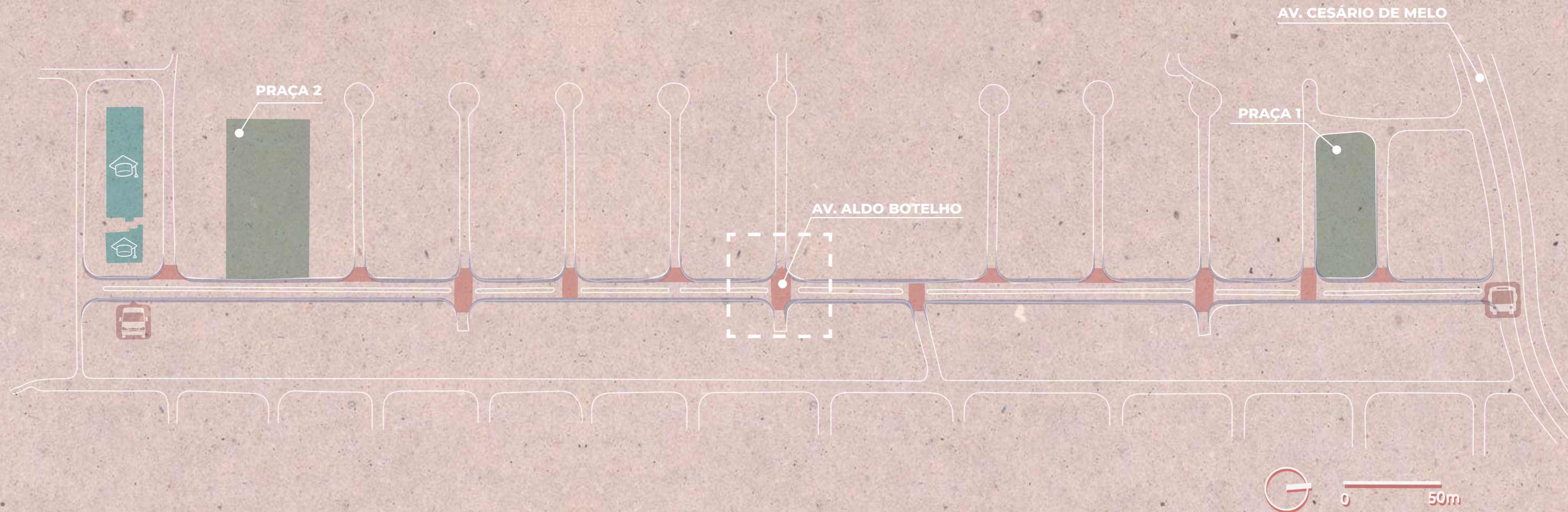


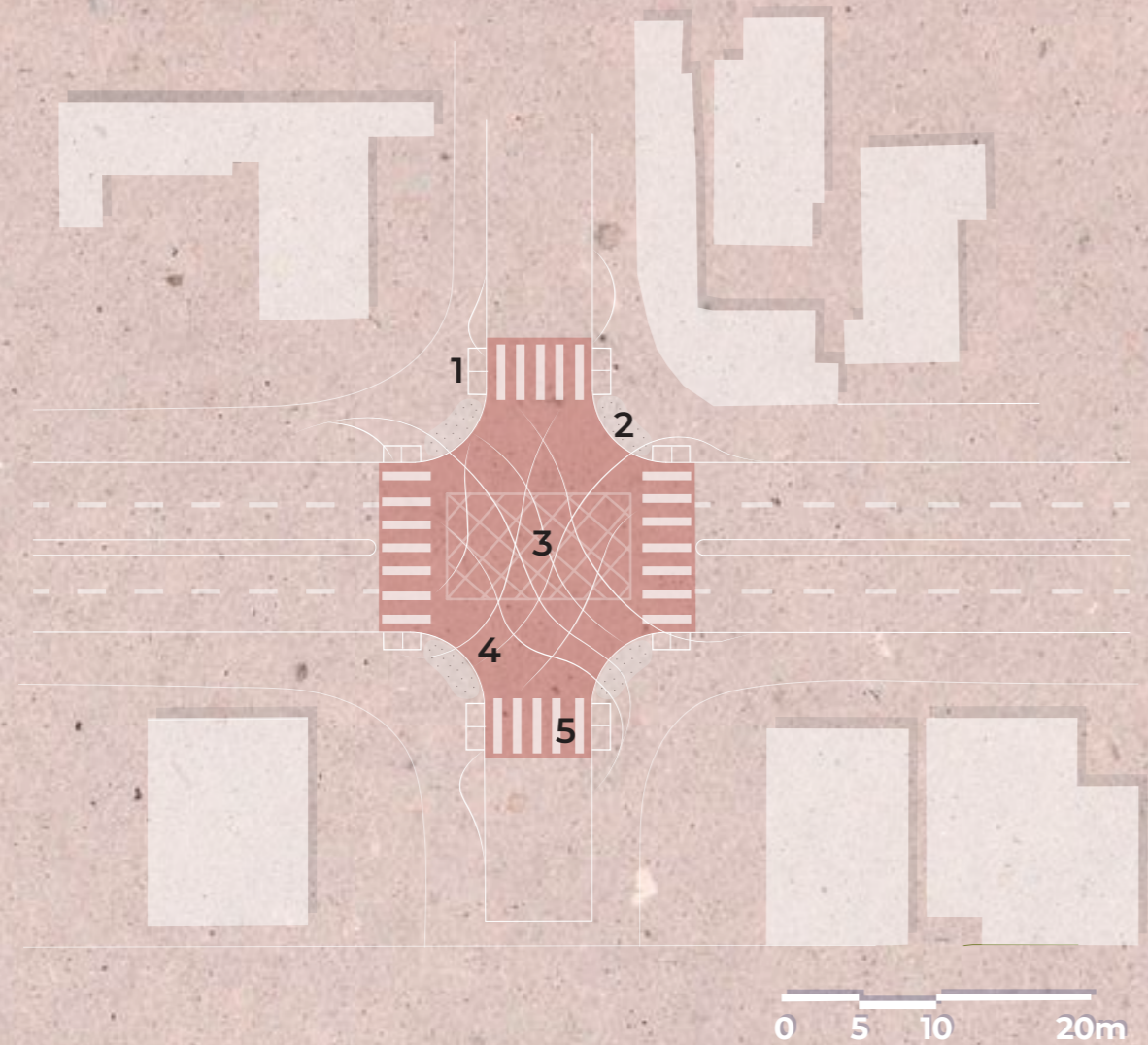
A conexão da Praça das Cruzadas (Praça 1) e da Praça Av. Aldo Botelho (Praça 2) ocorre através da própria Av. Aldo Botelho, eixo de ligação entre as duas praças, por meio de aspectos como caminhar, atravessar, arborizar, iluminar e das proposições de ambas praças.



atravessar.

Para aumentar o espaço do pedestre e reduzir a velocidade dos veículos, o ângulo de curva das esquinas foi alterado, ampliando a área para os pedestres. A conexão da rua com as calçadas se dá por rampas nas faixas de pedestres. Nos cruzamentos com as ruas perpendiculares a marcação no piso com tinta destacada indica fluxo constante, requerindo maior atenção na travessia de automóveis e pedestres; somado a sinalização de cruzamento.





ACESSIBILIDADE:

1. Rampas acessíveis e confortáveis nas travessias

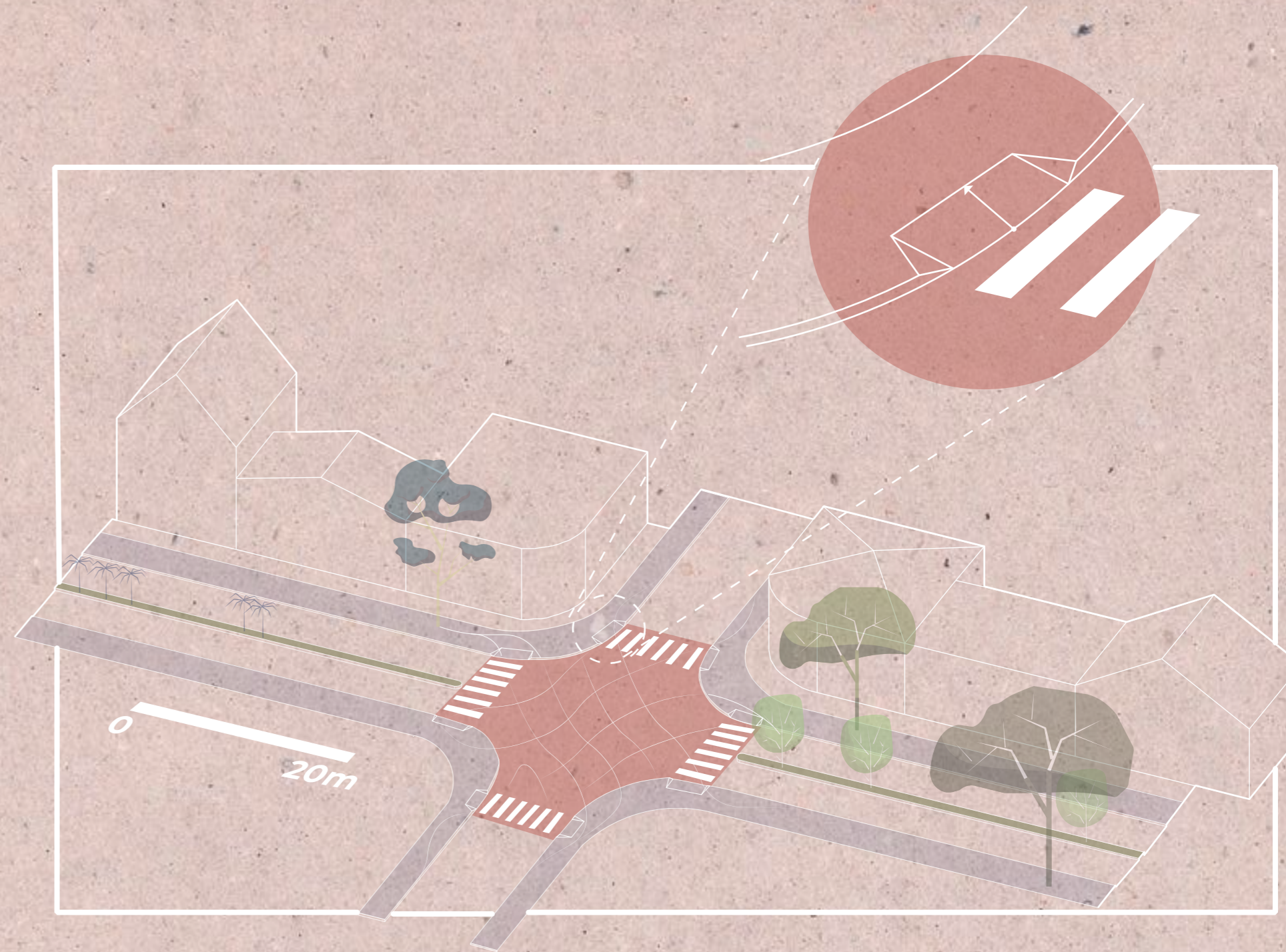
2. Aumento das esquinas, dando mais espaço ao pedestre e diminuindo o ângulo de entrada dos automóveis

SINALIZAÇÃO:

3. Faixa de pedestre nas travessias

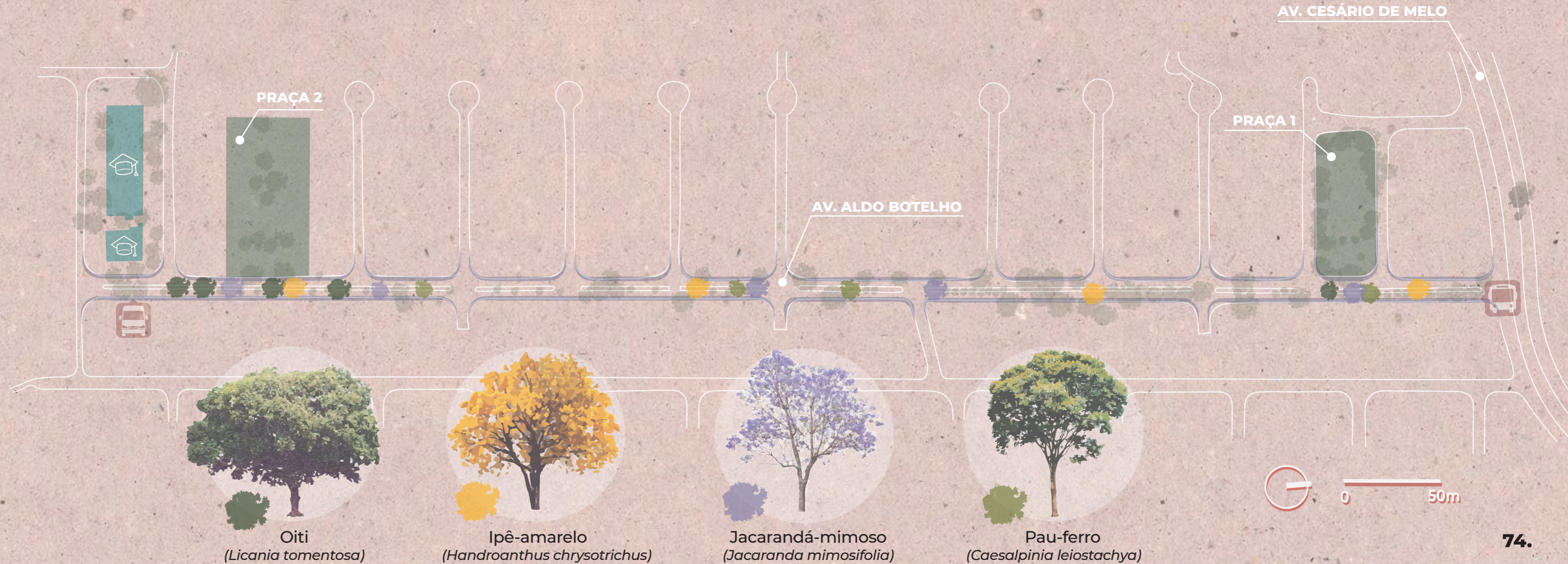
4. Sinalização de cruzamento estilizada com o traçado do projeto, harmonizando a avenida com as praças

5. Pavimentação com cor destacada nas travessias e cruzamentos



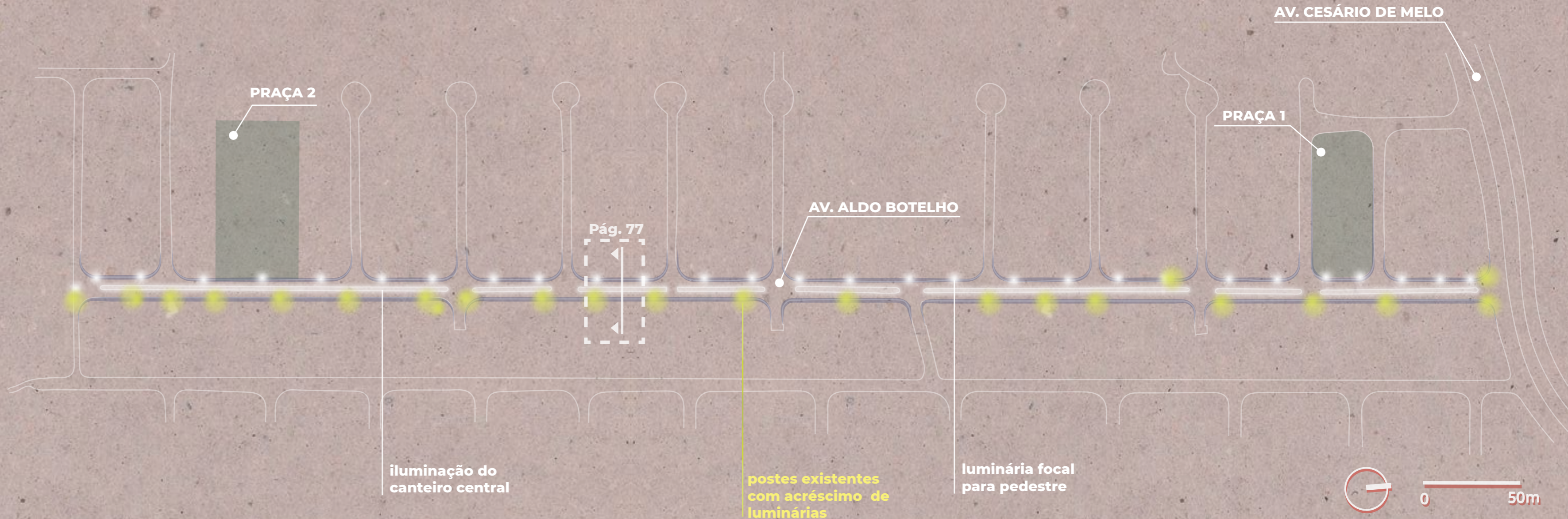
arborizar.

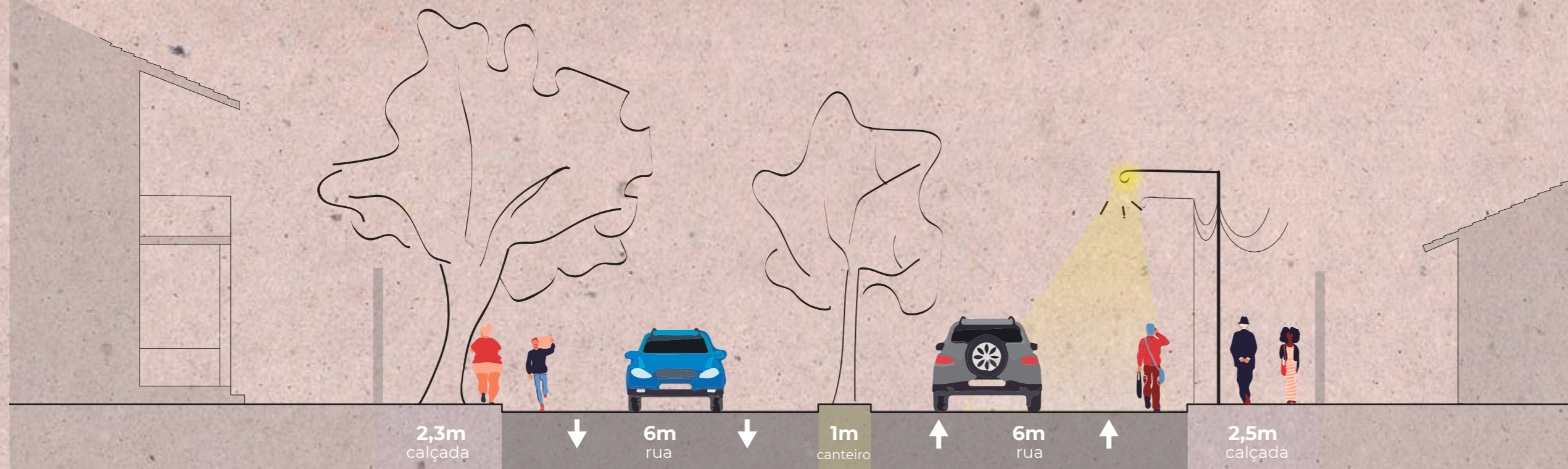
A escolha de permanência das árvores locais, apesar das grandes dimensões, se dá pela constatação de que tais são muito benéficas para o bairro em aspectos qualitativos visuais e térmicos. Preenchendo lacunas no decorrer do canteiro central, o plantio de árvores com espécies originais acrescidas de espécies coloridas, completam a paisagem e fornecem sombreamento abundante ajudando no conforto térmico da avenida, amortecimento visual, e impacto ambiental. O plantio se dá em áreas com vegetação de pequena escala com pouca abrangência, quase sempre com palmeiras ornamentais, como no trecho do canteiro próximo a praça 2, e em áreas com vegetação mais rala e não nativa como em frente a praça 1 e no meio da avenida.



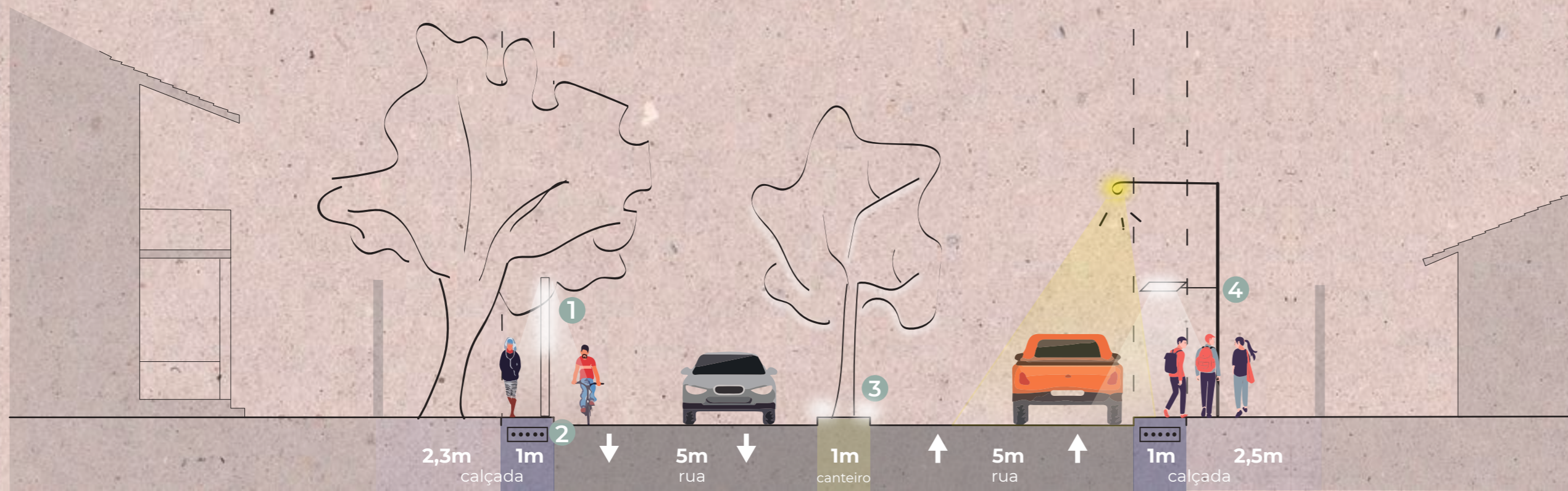
iluminar.

Levando em conta a atual configuração de iluminação por postes unidirecionais às ruas somada as copas das árvores que ofuscam a iluminação; uma iluminação em uma escala menor, direcionada aos pedestres oferece mais conforto e segurança para os transeuntes. Luminárias delgadas e verticais (*Ref. pág. 78) não impactam a paisagem de modo brusco e acrescentadas da iluminação terrestre do canteiro central e de adaptações nos postes existentes por luminárias mais baixas focadas nas calçadas, dão mais destaque a rua as praças interligando todo o percurso.





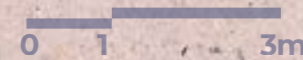
1. Corte da Av. Ado Botelho na configuração atual



2. Corte da Av. Aldo Botelho com a expansão das calçadas e iluminação



- 1 iluminação específica ao pedestre
*Referência: Topa 320 de B.LUX
- 2 aterramento da fiação elétrica
- 3 iluminação do canteiro central
- 4 adaptação nos postes existentes com luminária para pedestres





Perspectiva
Avenida Aldo Botelho



Através das análises identificamos similaridades que permitem dividirmos as praças em três tipos:

A. praça-quadra: ocupa toda quadra sendo rodeada por ruas nas quatro fachadas é a praça-tipo do recorte aparecendo recorrentemente;

B. praças de esquina;

C. praça inserida na quadra: rodeada de edificações com apenas uma fachada livre para acesso.

Essa constatação nos ajuda nas proposições para cada tipo de praça, formando uma paisagem coesa.



A. praça-quadra

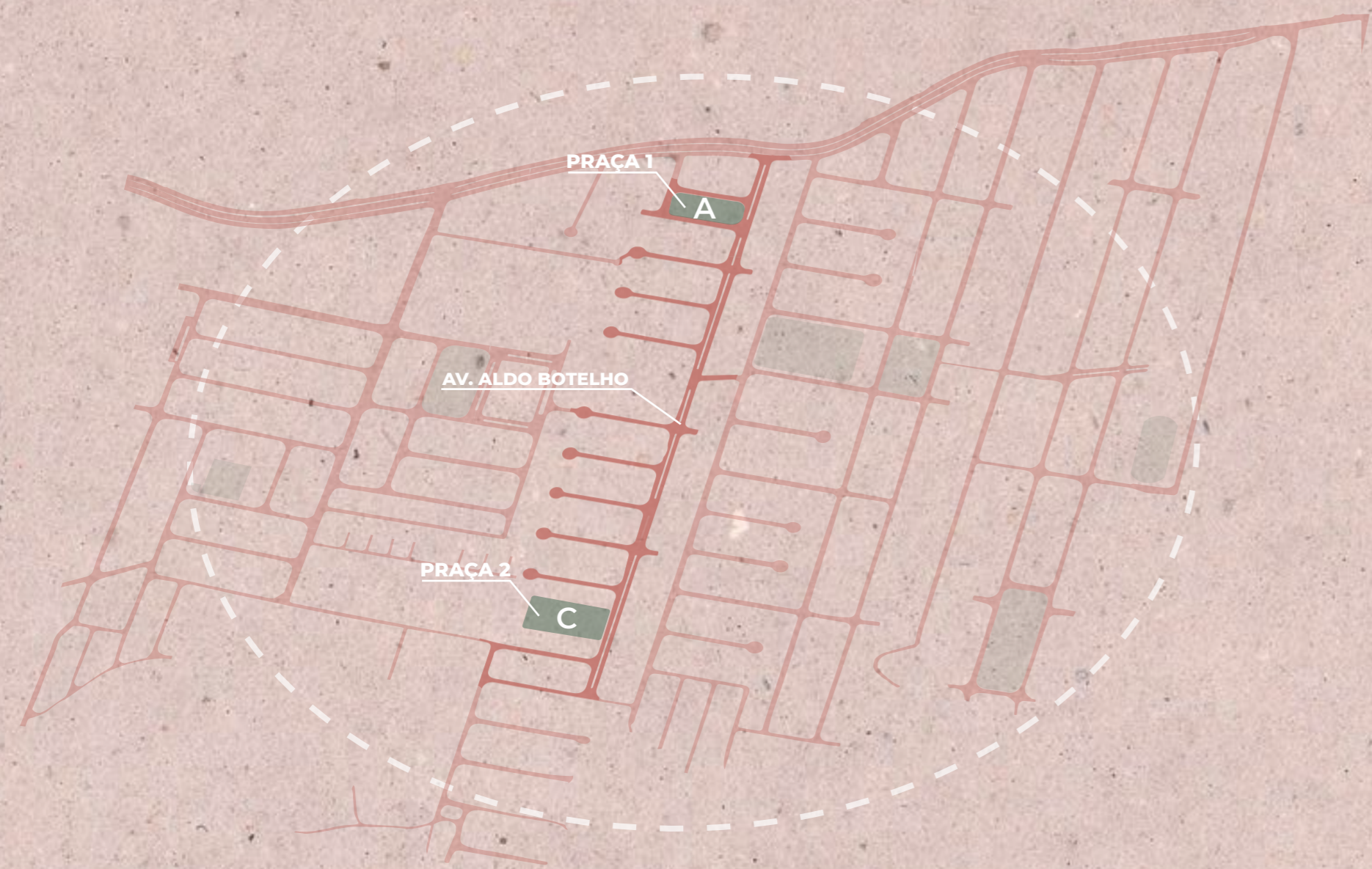


B. praça de esquina



C. praça inserida na quadra

Diagrama: Tipos de praça encontradas no recorte.



As alternativas de projeto escolhidas: gerais ou específicas, de acordo com o tipo da praça, apresentam uma síntese de atitudes projetivas a serem implementados nas praças restantes do recorte.

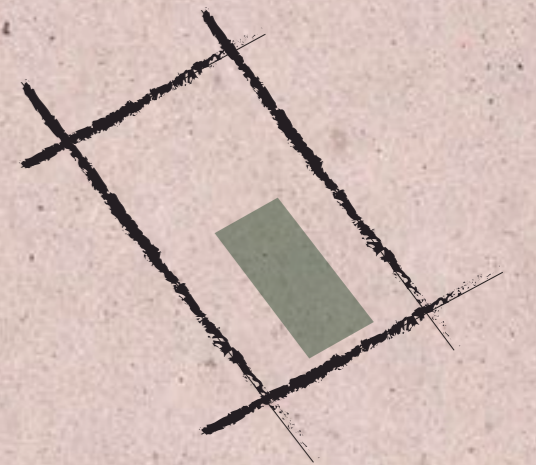
A praça das cruzadas (praça 1) se enquadra como uma praça-quadra, que é praça-tipo do bairro aparecendo recorrentemente, assim as escolhas projetivas adotadas podem ser replicadas de forma mais abrangente pelo recorte. A praça da Av. Aldo Botelho (praça 2) é a única praça no recorte que fica inserida na quadra - tipo C - assim sendo, as escolhas projetivas tiveram um aspecto mais singular para as especificidades dessa praça.



A. praça-quadra



B. praça de esquina



C. praça inserida na quadra

Diagrama: Tipos de praça encontradas no recorte.



85.

Praça 1 | Praça das cruzadas

Área: 3.021m²

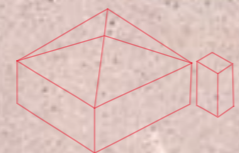
Enquadrada na nomenclatura que adotamos como “praça-quadra” a praça das cruzadas possui boa movimentação de carros e pedestres, um entorno imediato com comércio que atende mais no período diurno do que o noturno. A fachada da Av. Aldo Botelho é mais movimentada se configurando como frente, apresenta um quiosque fechado sem utilização, onde um dia já foi um pastelaria e uma guarita segurança que não é utilizada além da luz durante a noite como sinal de “alerta”. A fachada da Rua Augusto Bastos tem um aspecto de fundo pela escassez de iluminação e vegetação densa e confusa. No meio da praça tem um grande campo de futebol, que contribui para a percepção de uma praça dividida.



86.

setorização.

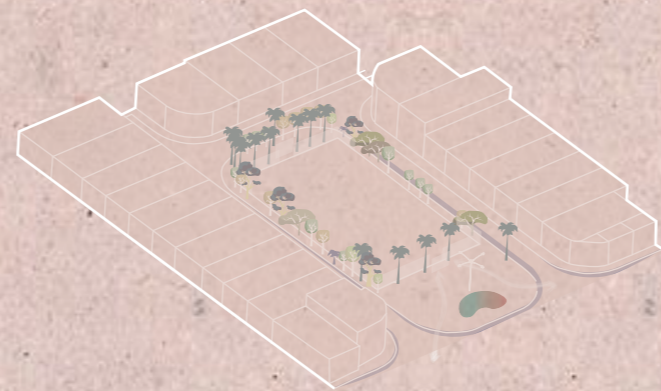
A setorização da praça visa induzir os usuários a adentrarem o espaço, não engessando a composição da praça, mas busca setorizar as ambiências à criar novos fluxos e interesses com a distribuição de um mobiliário mais inclusivo, uma iluminação diversificada e arborização presente para conforto térmico e visual compondo a paisagem da praça, como mostra a descrição do processo:



A retirada do quiosque e da guarita possibilita uma esquina mais aberta e convidativa,

Visada que liga as esquinas com a praça até a quadra.

Expansão da calçada nas fachadas laterais e na Av. Aldo Botelho



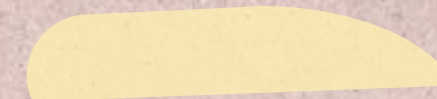
Mobiliário infantil centralizado, afastando das bordas da quadra dando uma maior distância das ruas do entorno. Trazendo mais vivacidade, movimento e atraindo a atenção para o centro da praça.



Mobiliário de espera que contribui para estabelecer o limite rua - praça, em uma área bem arborizada. Tem conexão com a área infantil no centro de praça e com a Av. Aldo Botelho.

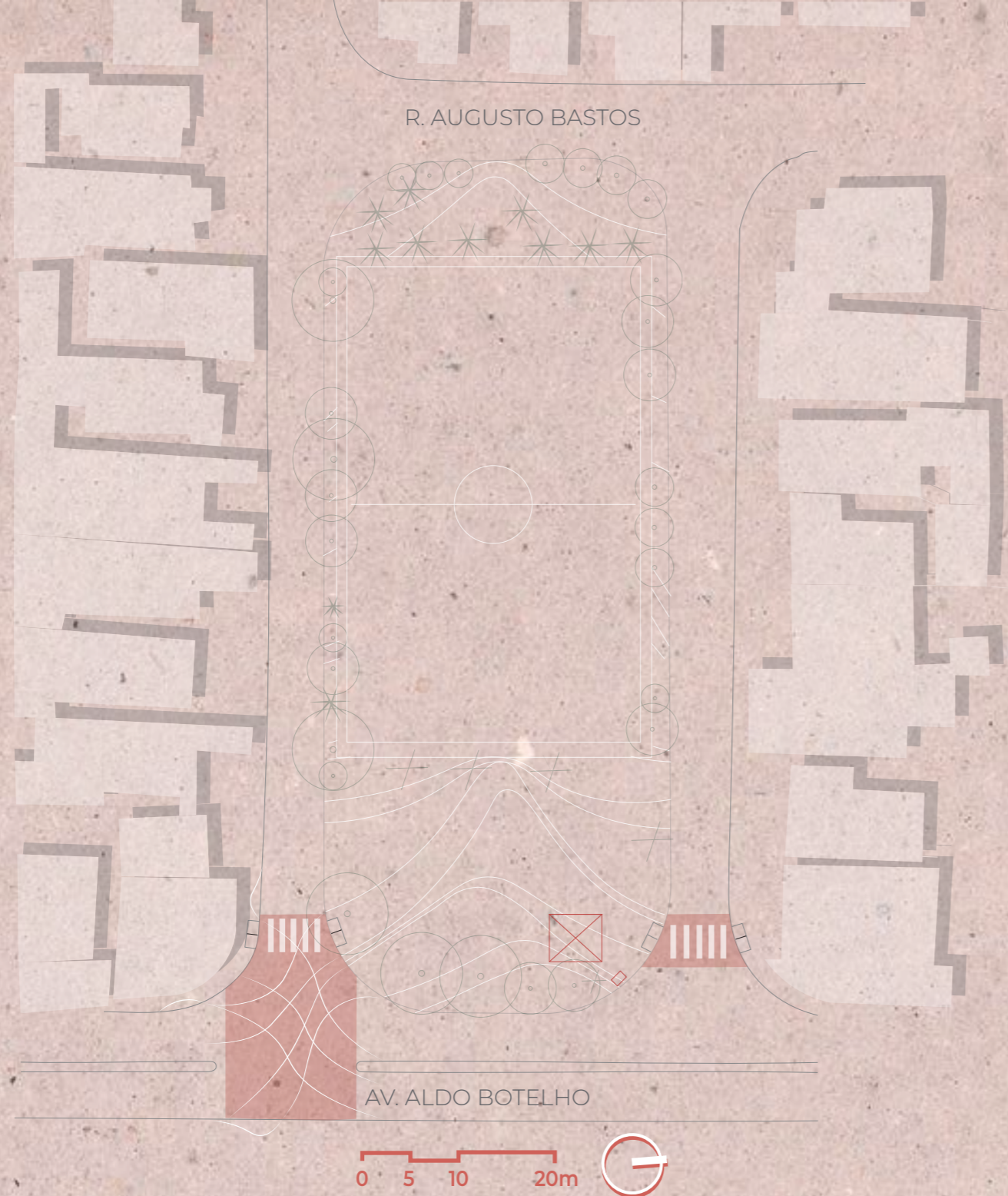


Permanência da academia da 3ª idade

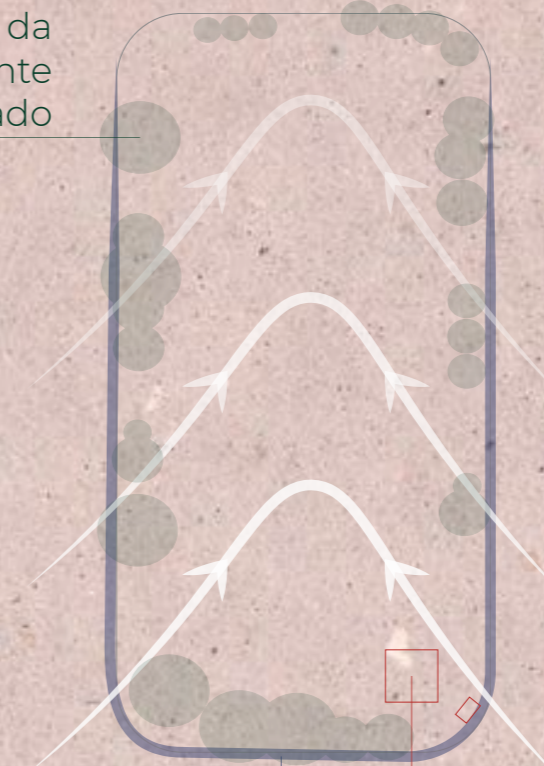


Iluminação abundante para trazer compreensão do espaço e aumentar a sensação de segurança. De forma variada, iluminando o chão, o percurso do pedestre, o mobiliário e as fontes e a própria vegetação, dando destaque ao que já existe na praça.





consideração da
vegetação presente
no traçado



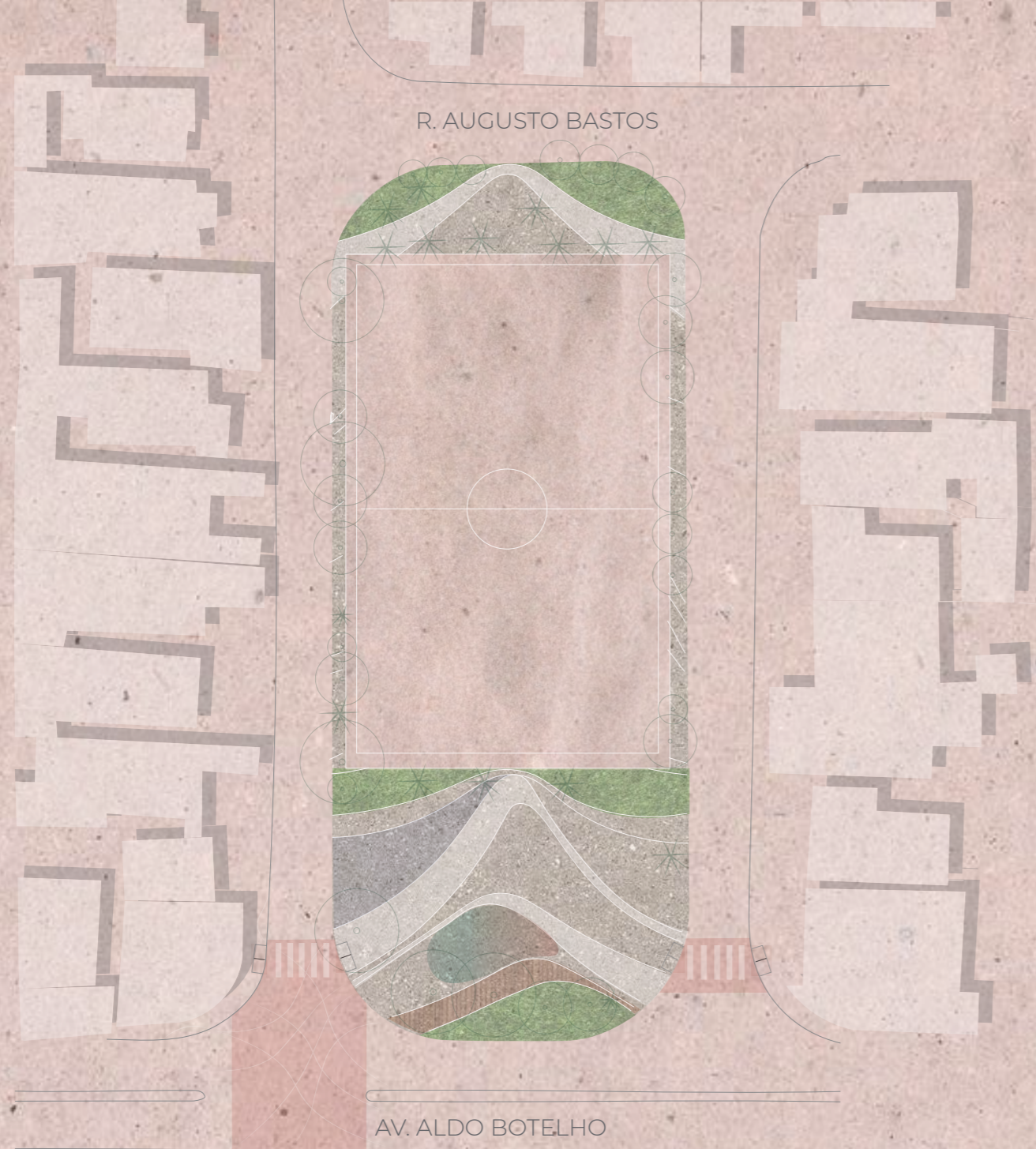
expansão das
calçadas nas laterais
e na fachada com a
Av. Aldo Botelho

eliminar as
barreiras das
esquinas

traçar.

linhas que indicam o fluxo das
esquinas para o interior da
praça, levando em conta a
arborização existente que
permanece intacta

R. AUGUSTO BASTOS

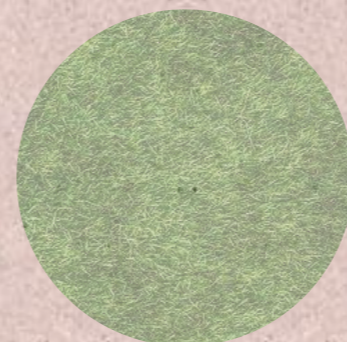


AV. ALDO BOTELHO

0 5 10 20m



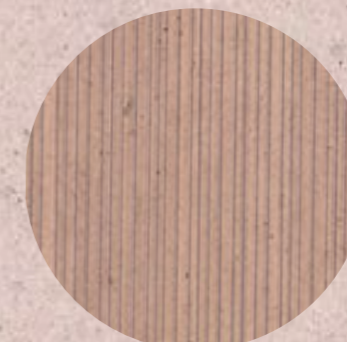
materializar.



Gramma



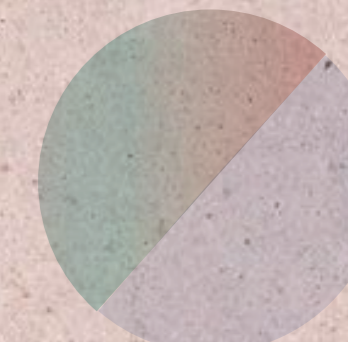
Fulget



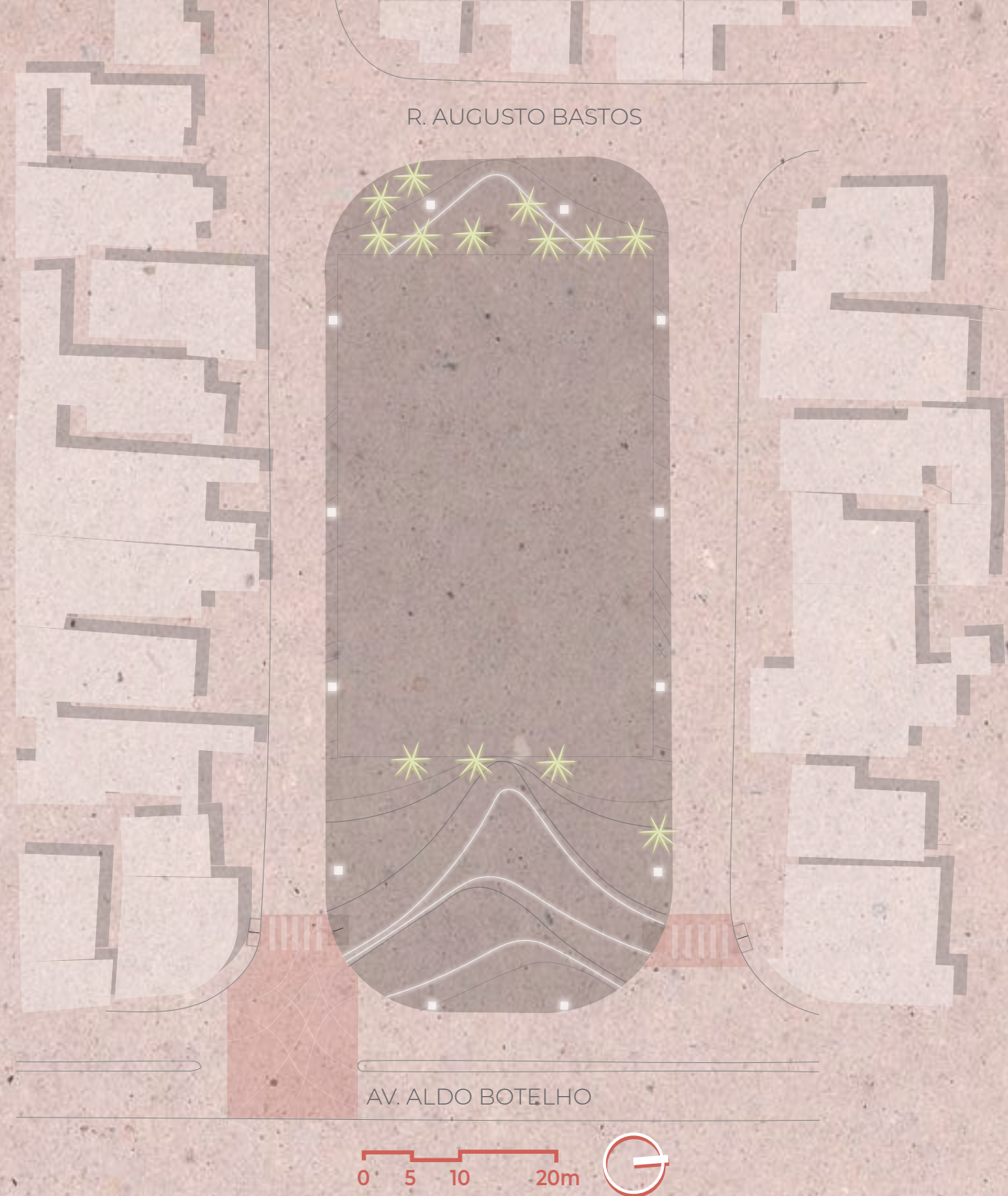
Deck de madeira



Areia
(piso atual)



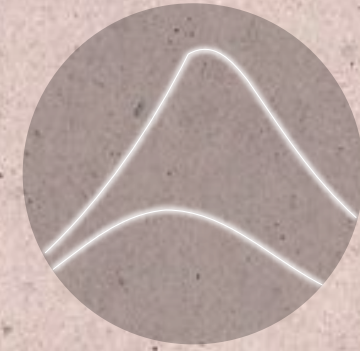
Emborrachado



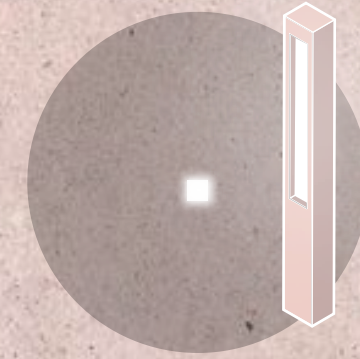
iluminar.



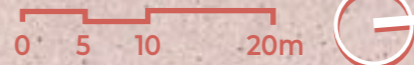
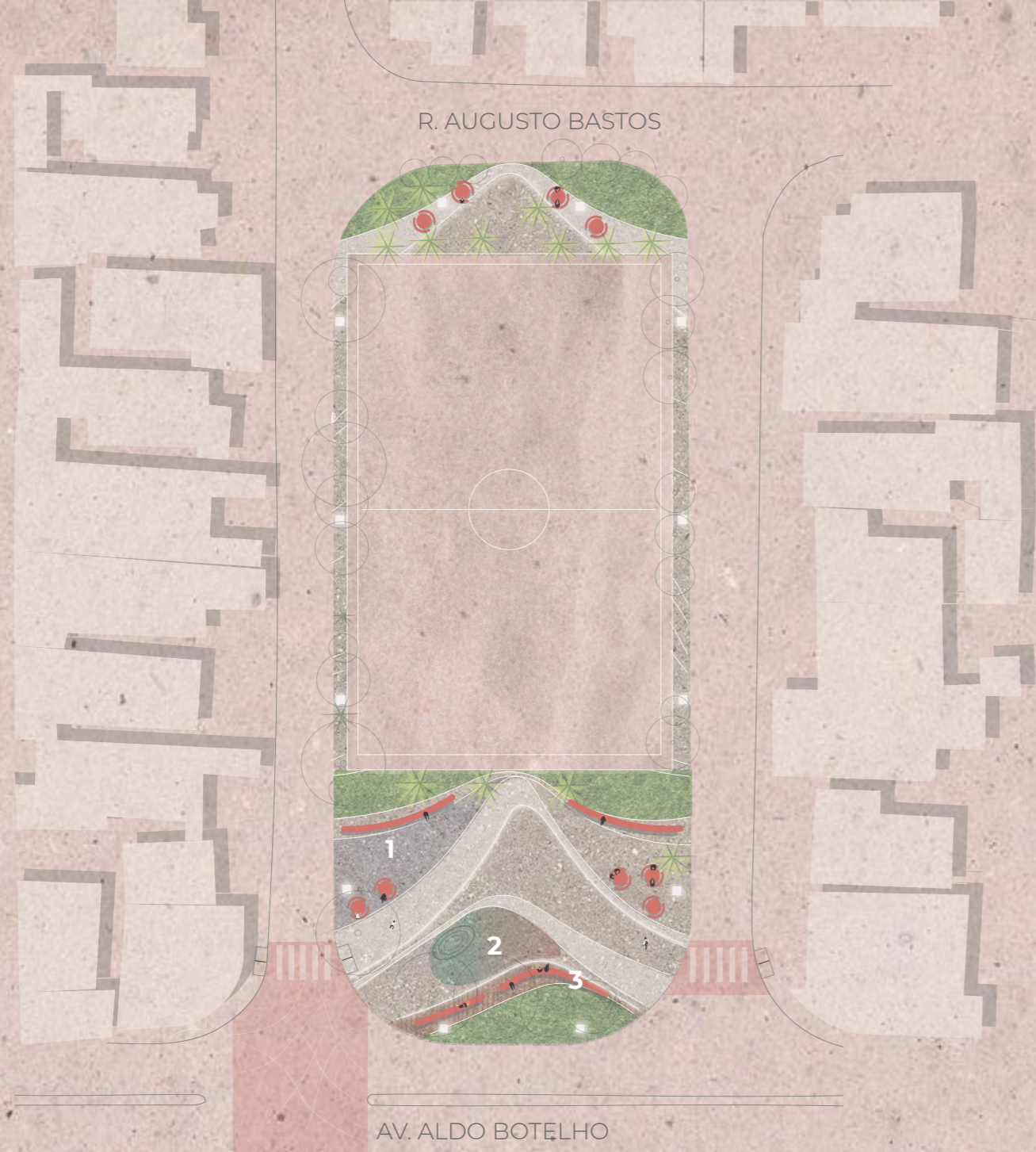
Vegetação



Fita de led
(terrestre)



Delgadas e verticais
(focada no pedestre)



mobililar.



1 Academia
(existente)



2 Infantil

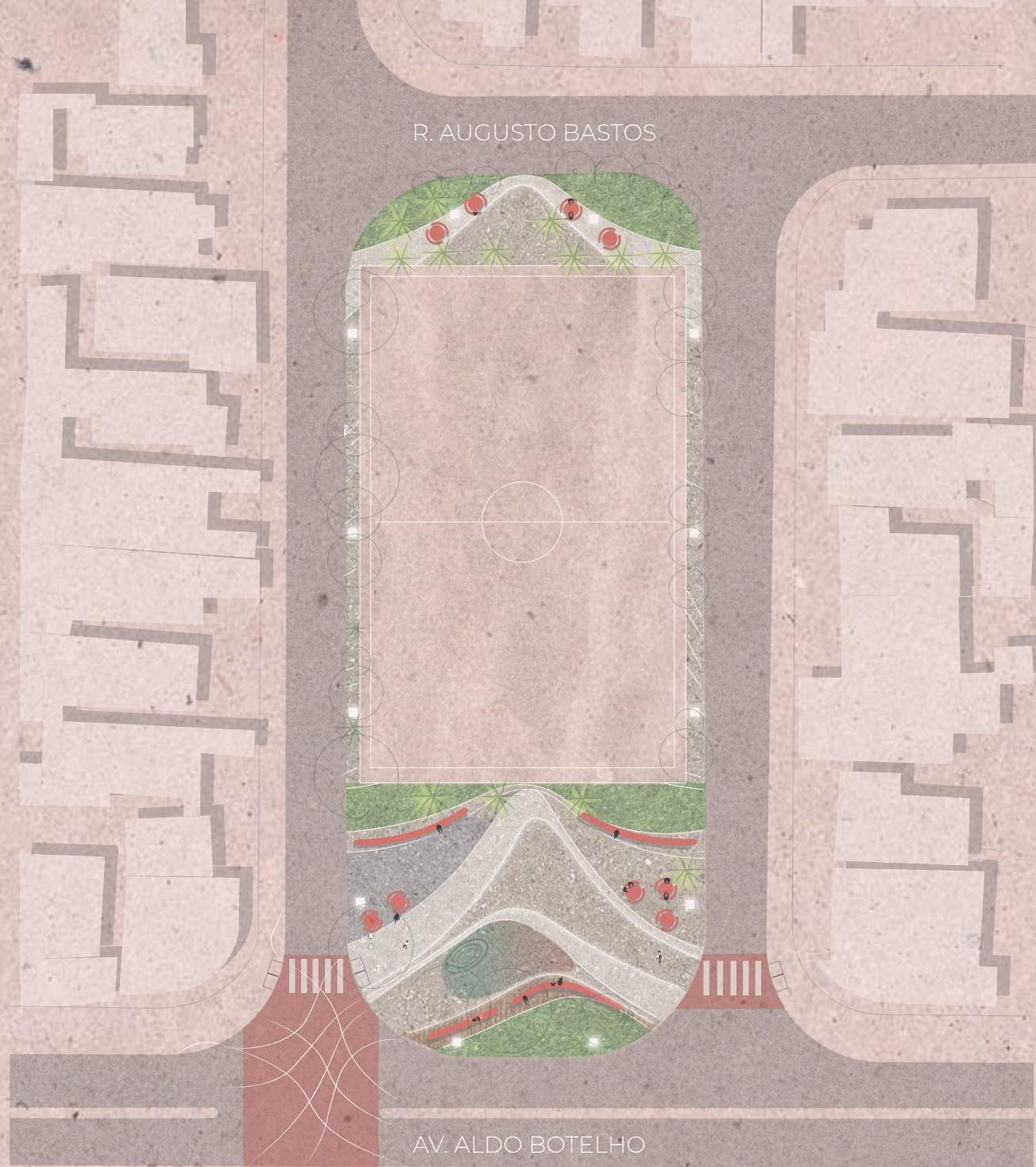
Avic park, China/
YIYU design



3 Estar e permanência

Green Furniture
Concept

R. AUGUSTO BASTOS



AV. ALDO BOTELHO

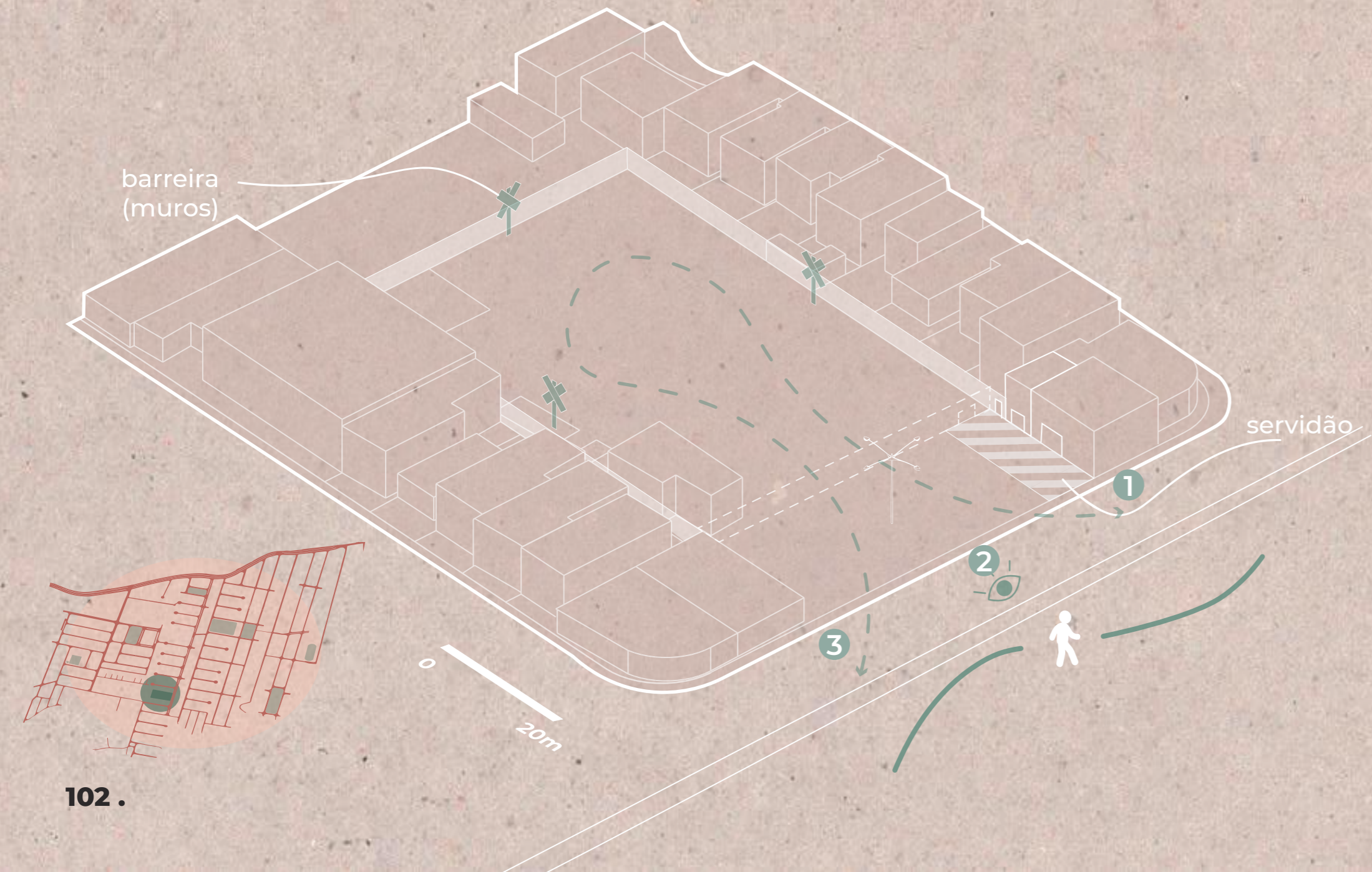
Planta síntese
Praça das cruzadas





PRAÇA DAS CRUZADAS
PRAÇA 1



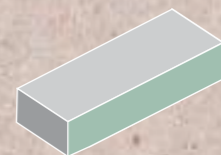
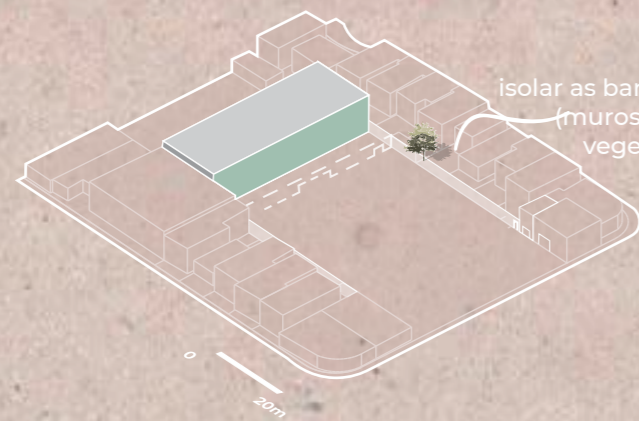


Praça 2 | Praça Av. Aldo Botelho
 Área: 4.613m²

Ao contrário das outras praças do recorte, que se dispõem de esquina ou como uma praça-quadra, essa praça está inserida na quadra, sendo cercada pelos “fundos” dos lotes vizinhos, tendo apenas uma fachada - na Av. Aldo Botelho - como acesso à praça. As maiores dificuldades além do aproveitamento total do lote é a escassez de atividades a serem oferecidas o que faz com que a praça seja pouco atrativa. O objetivo é expandir territorialmente a praça e a oferta de atividades dela, promovendo interação com a população que mora, que transita e com as escolas de educação infantil que a circundam.

setorização.

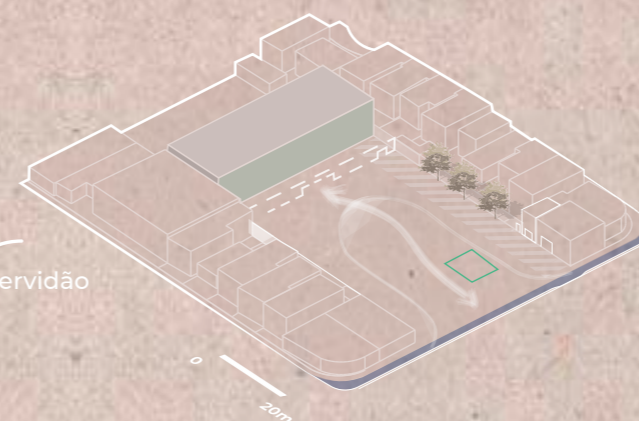
A setorização da praça visa induzir os usuários a adentrarem o espaço, não engessando a composição da praça, mas busca setorizar as ambiências à criar novos fluxos e interesses com a distribuição de um mobiliário mais inclusivo, uma iluminação diversificada e arborização presente para conforto térmico e visual compondo a paisagem da praça, como mostra a descrição do processo:



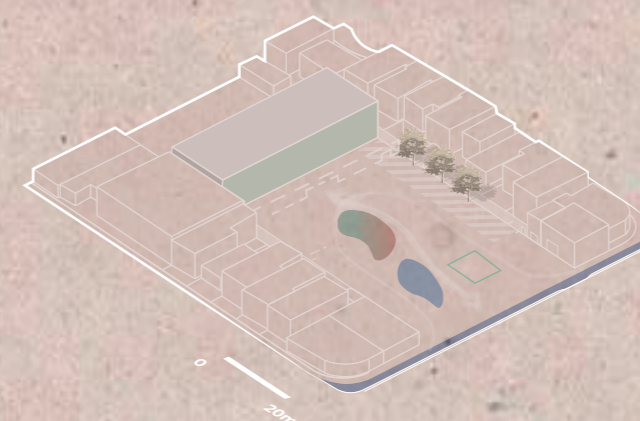
A implementação do equipamento de uso público multiuso, que vamos nomear de 'cine teatro', foi o ponto de partida para a praça. Como um equipamento focal, agrega não só a praça mas oferece um programa diferenciado à todo o bairro, promovendo programas sociais e culturais tais como cinema, teatro, cursos e palestras; tendo uma conexão com o foco educacional da praça e tendo o diálogo aberto com as duas escolas de educação infantil na quadra ao lado. A implantação se deu nos fundos do lote, para diminuir a profundidade da praça, inserida na quadra, e criar uma nova fachada e novos olhos para a praça.



A servidão existente - que atende as casas no limiar da praça em que a fachada principal se vira para a praça - foi expandida até o equipamento cultural paralelamente a empena dos muros de "fundo" dos outros lotes, que tem sua fachada virada para a outra rua. Possibilita o acesso de um carro ocasional, como uma ambulância ou veículo de manutenção, até o cine teatro. O uso de vegetação nessa lateral isola a barreira, ou seja os muros de fundo das residências, da praça. No dia a dia essa área livre pode servir para o uso de pequenas feiras ou comércios que atendam a área nos períodos diurno e noturno.



Área esportiva com equipamentos de academia e espaço livre para a prática de aulas de educação física, ioga, capoeira, dentre outros.



Área de recreação infantil, possui mobiliário infantil variado e piso emborrachado e ecológico, está afastada da fachada de acesso com o objetivo de convidar os usuários mais recorrentes do espaço, as crianças, a descobrirem a praça e adentrarem.



Área molhada, com fontes de água. Atende as áreas adjacentes, servindo como atrativo para quem passa na calçada, um espaço lúdico para as crianças, proporciona um ambiente calmo para quem pratica os esportes, além de atuar como amortecedor visual, térmico e acústico.



Mobiliário fixo com banco escalonado ao longo do muro, serve de ponto de elevação atuando na contemplação da praça, área de apoio para a área infantil, molhada e o cine teatro, além de possibilitar a interatividade do usuário com os diferentes níveis e encostos.



Área de estar com mobiliário ao nível do pedestre, ao redor das árvores por meio de bancos, cadeiras, mesas e redes. Atende principalmente o uso de permanência, espera e de apropriação do comércio móvel.

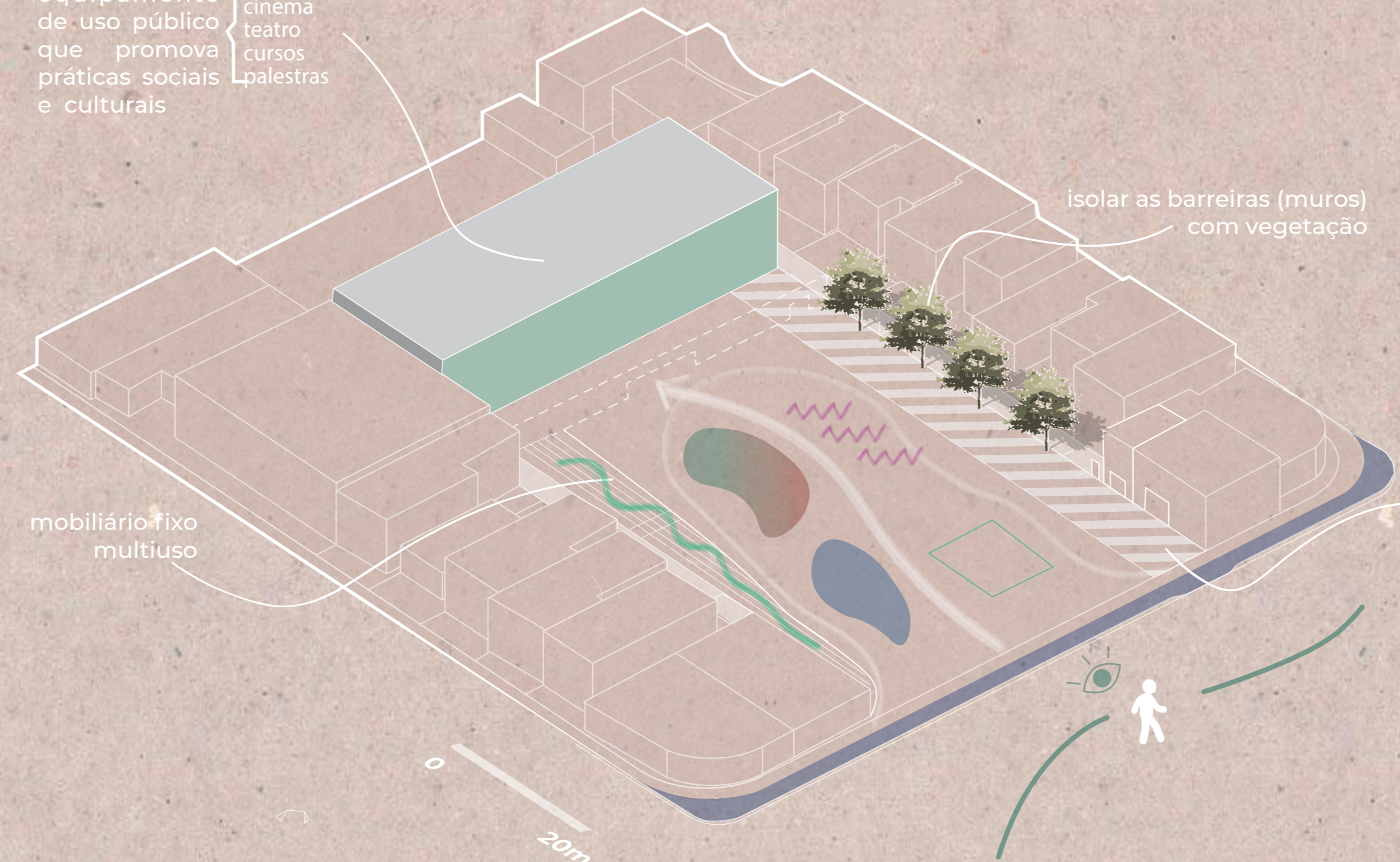
equipamento
de uso público
que promova
práticas sociais
e culturais

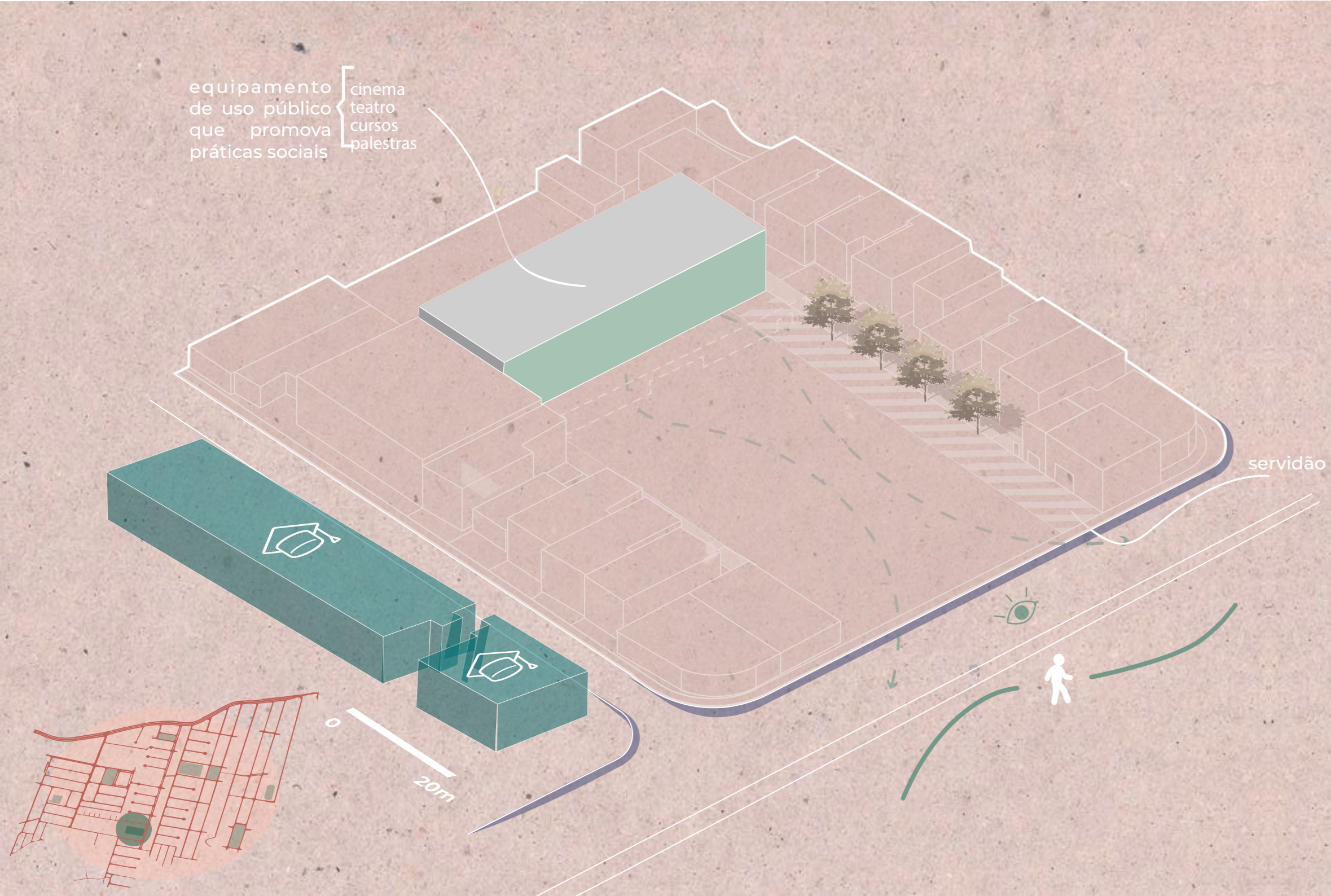
- cinema
- teatro
- curios
- palestras

isolar as barreiras (muros)
com vegetação

mobiliário fixo
multiuso

servidão



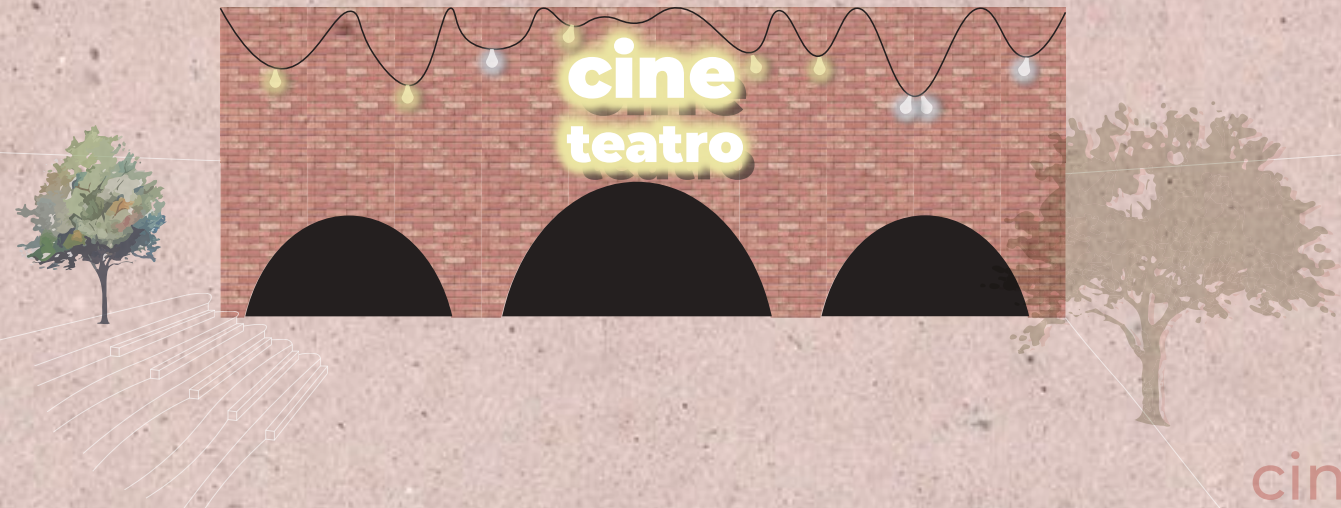


equipamento de uso público que promova práticas sociais.

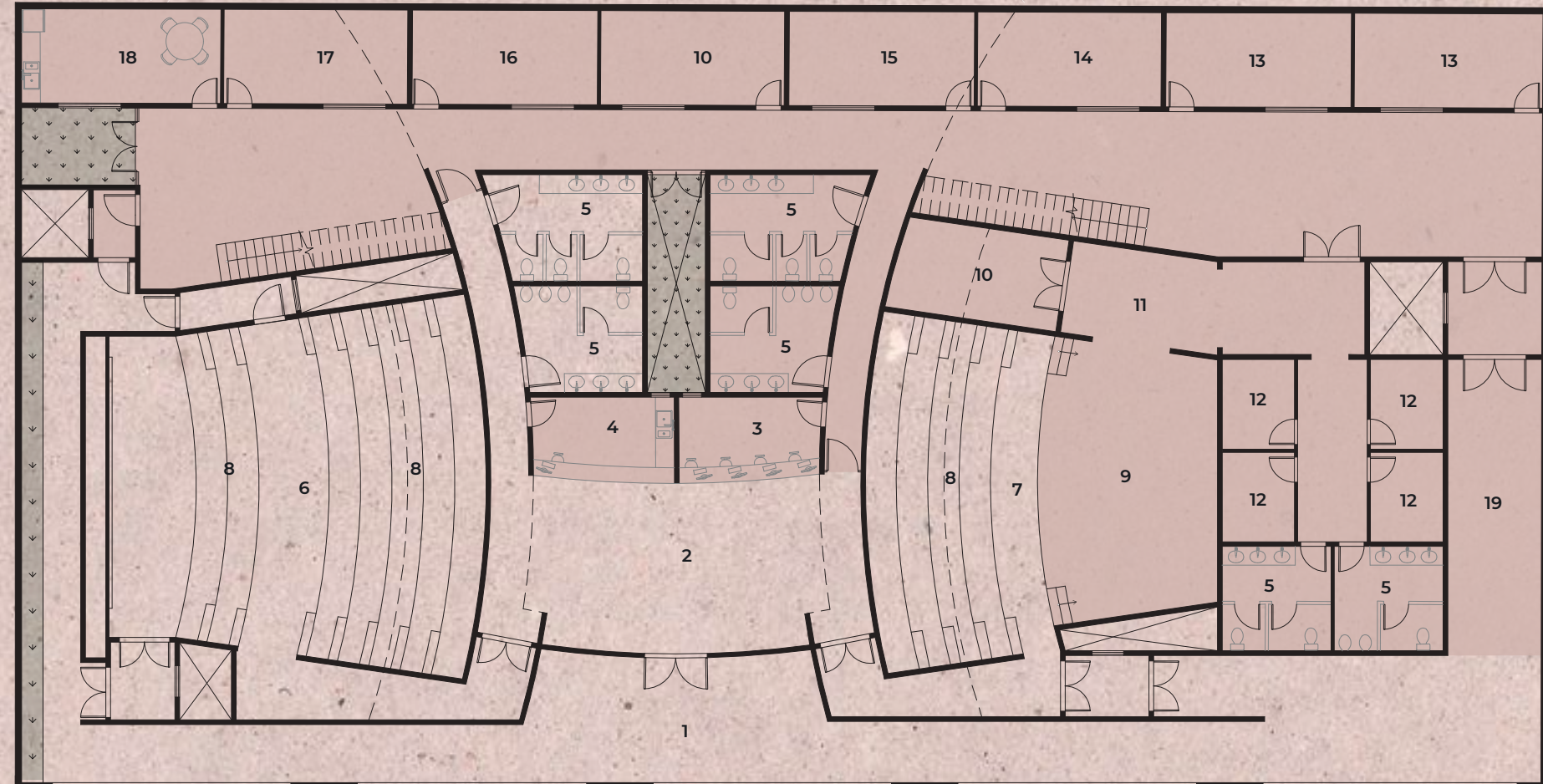


Considerando toda cidade como espaço educativo, o espaço público atua como mediador entre a comunidade e a escola propiciando uma interação mais aproximada na vida da comunidade (GADOTTI, 2005). A educação formal, escolar, e a não formal, extramuros, são complementares e se potencializam atuando como descentralizadores de sistemas educativos formais e tornando toda a cidade território de uso e apropriação como o pátio escolar. Para Mayumi Lima (1989) só há o fator educativo quando há apropriação, assim sendo, a praça no entorno escolar faz parte da educação, permitindo não só apropriação mas pertencimento por parte do aluno, podendo este usar e cuidar do espaço na hora escolar e fora dela. Essa interação permite um tipo de acessibilidade intangível, de acordo com Grinover: “trata-se da acessibilidade à cultura, à informação que pode se dar pela possibilidade da população da cidade ou de estranhos, ter condições de frequentar uma escola, um curso, um sistema de lazer” (2006, p. 38).

Destarte, a praça da Av. Aldo Botelho tem a possibilidade de estabelecer o diálogo com a Escola Municipal São Camilo de Lélis e com o Espaço de Desenvolvimento Almo Saturnino, que atuam na educação primária e infantil, respectivamente, e além disso permitem o acesso à educação e a cultura para toda a sociedade, independente da idade. Com a área subutilizada por um canteiro de obras onde ficam estacionadas máquinas da prefeitura, o espaço, se apropriado pela comunidade, tem a possibilidade de originar uma nova forma de desenvolvimento e um local de afetividade.

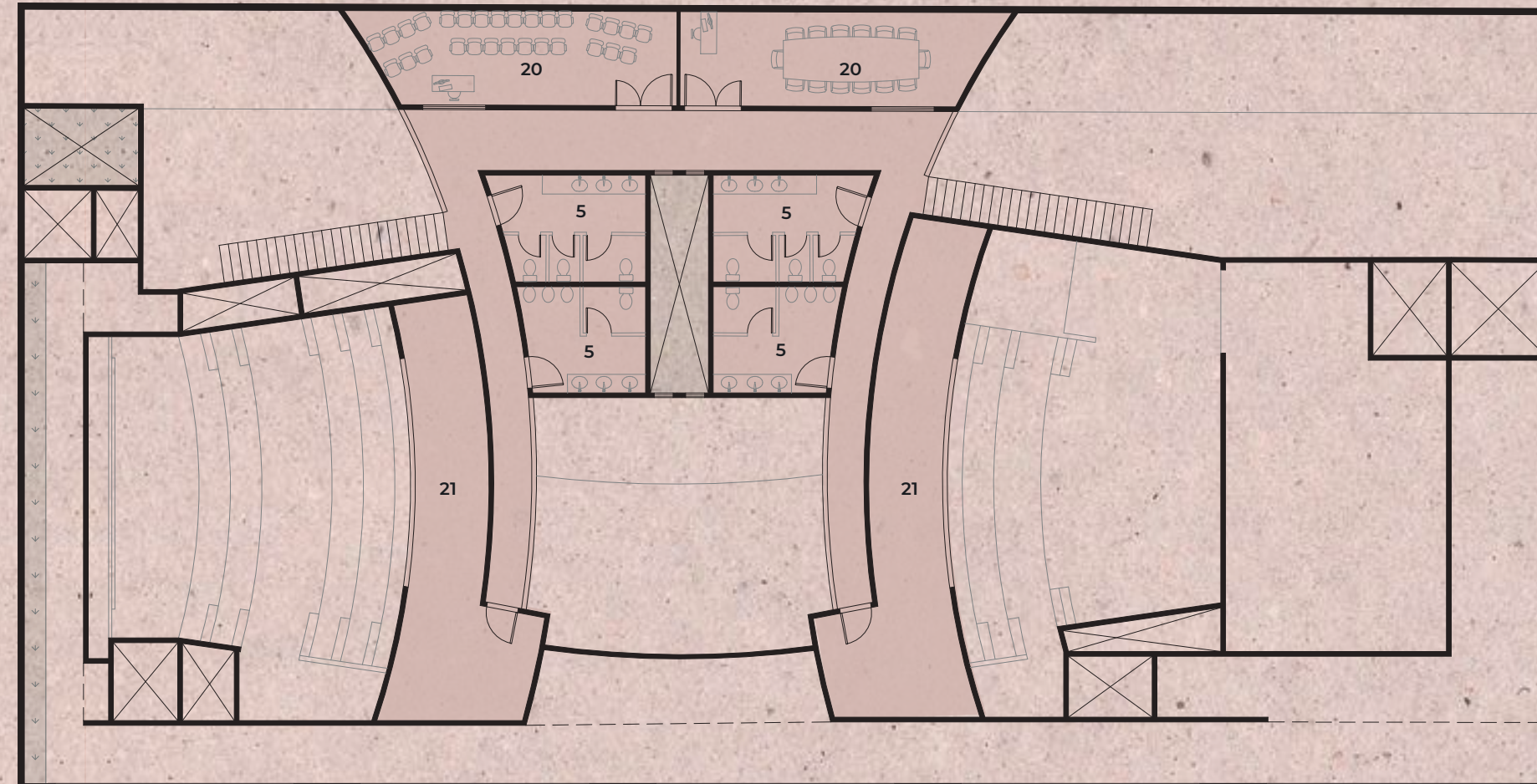


cine teatro - térreo



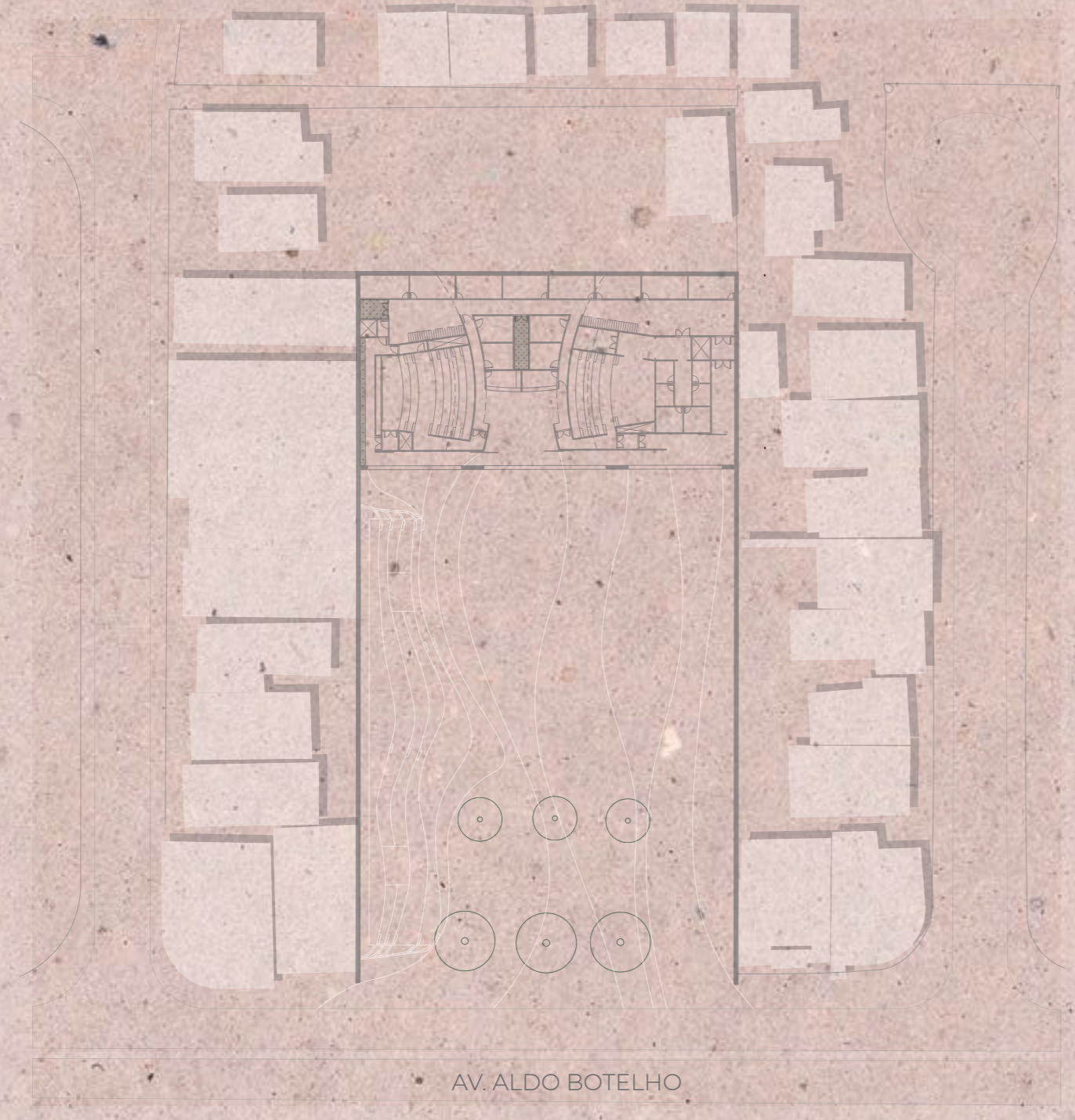
Praça Av. Aldo Botelho

cine teatro - 2º pav.

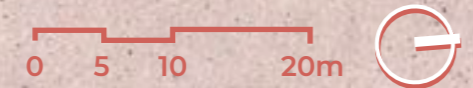


- 1. Entrada
- 2. Foyer
- 3. Bilheteria
- 4. Café
- 5. Banheiro
- 6. Cinema
- 7. Teatro
- 8. Assistência
- 9. Palco
- 10. Depósito
- 11. Anticâmara
- 12. Camarim
- 13. Área técnica
- 14. Administração
- 15. Diretoria
- 16. Almoarifado
- 17. Sala dos funcionários
- 18. Copa
- 19. Carga e descaraga
- 20. Sala multiuso
- 21. Sala de vídeo e áudio



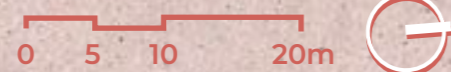
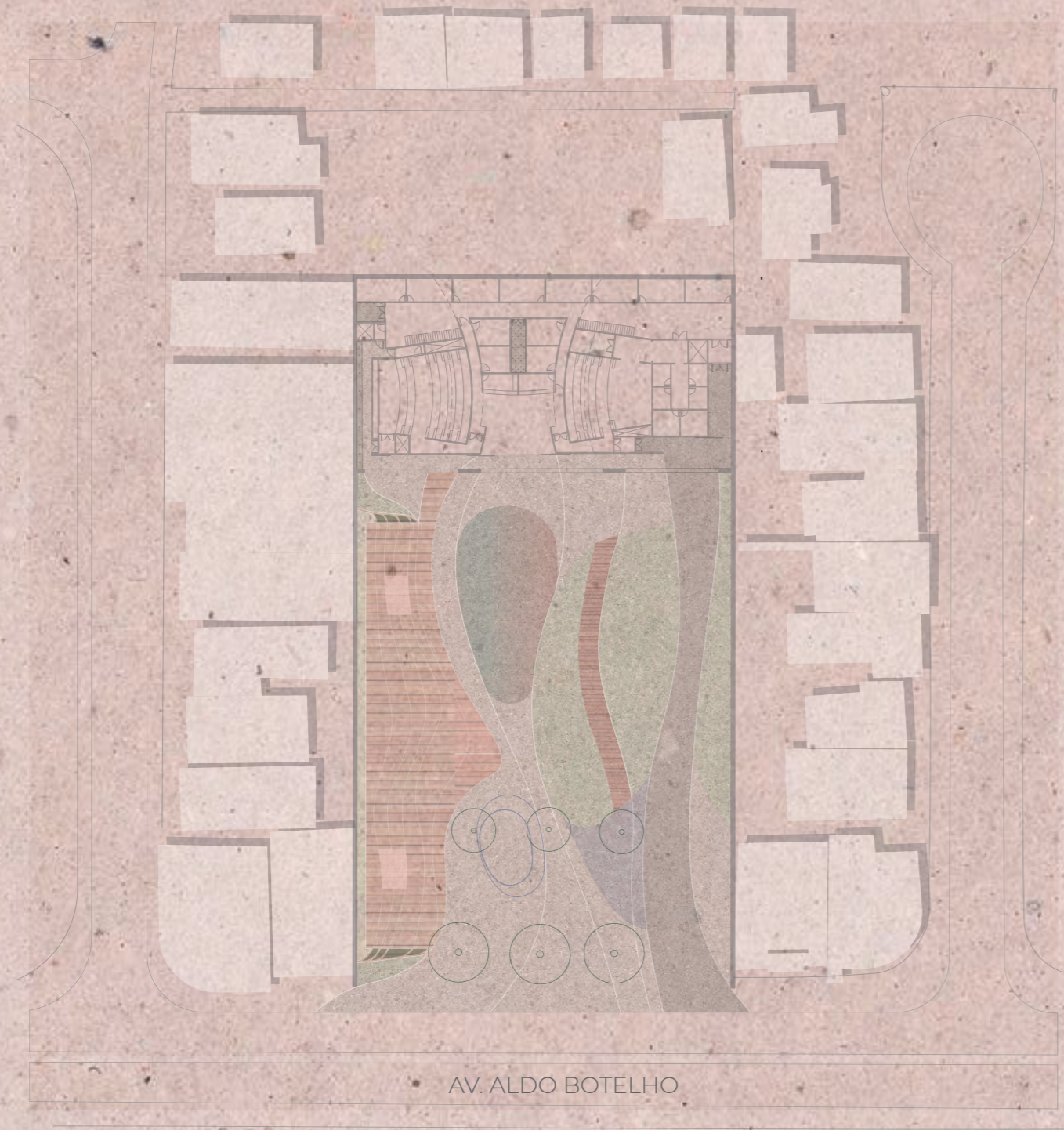


AV. ALDO BOTELHO

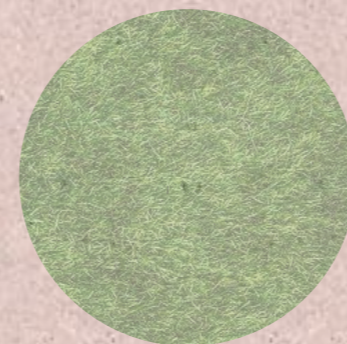


traçar.

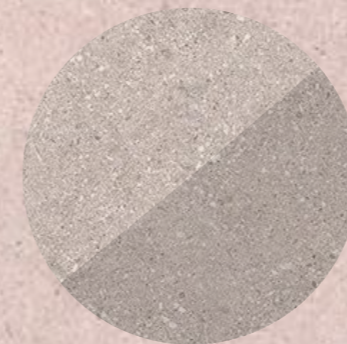
O edifício se destaca do entorno pela materialidade de tijolos aparentes pelos arcos; porém se buscou que esse contraste não fosse chocante ou negativo arquitetonicamente ao entorno mas sim formalmente condizente com a escala da praça e do bairro. Reconhecendo o cine teatro como ponto focal, as linhas guiam o pedestre desde a calçada até os arcos e através desse traçado que estruturamos nossa setorização prévia de forma mais consolidada



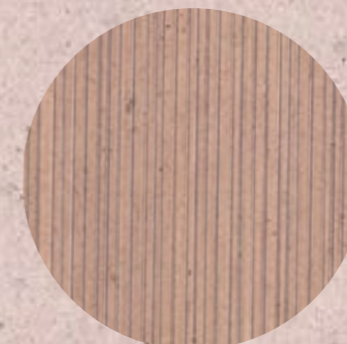
materializar.



Gramma



Fulget



Deck de bambu



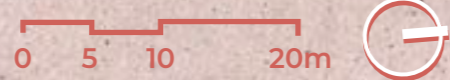
Concreto drenante



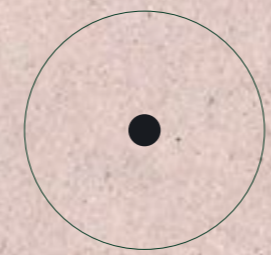
Emborrachado



AV. ALDO BOTELHO



arborizar.



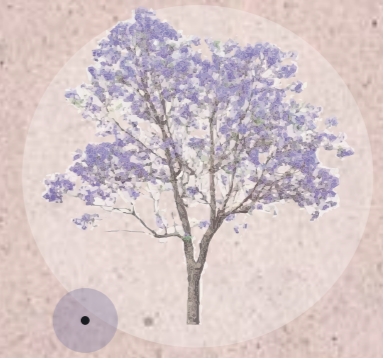
Arborização existente



Oiti
(*Licania tomentosa*)



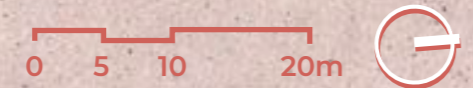
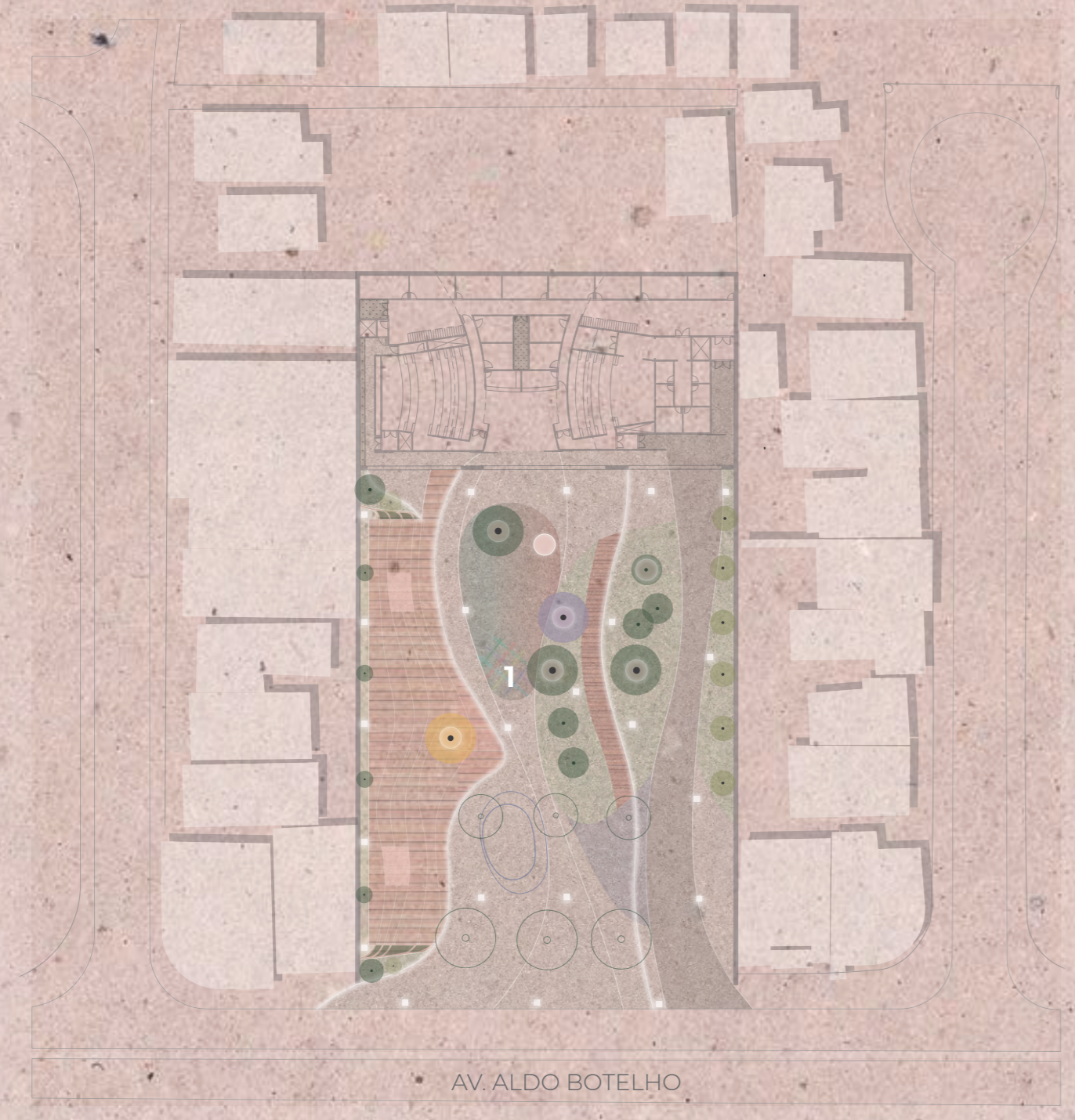
Ipê-amarelo
(*Handroanthus chrysotrichus*)



Jacarandá-mimoso
(*Jacaranda mimosifolia*)



Pau-ferro
(*Caesalpinia leiostachya*)

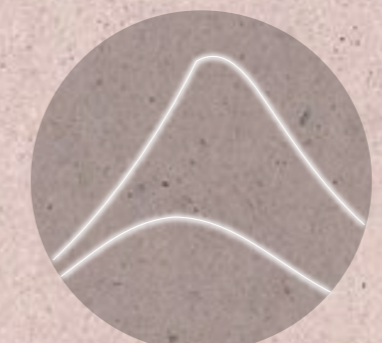


iluminar.

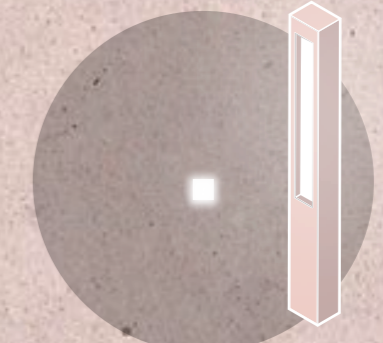
Bridgeline Neighborhood Park, China/ Lab D+H



1 Led colorida



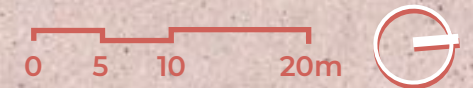
Fita de led (terrestre)



Delgadas e verticais (focada no pedestre)



Gola de árvore



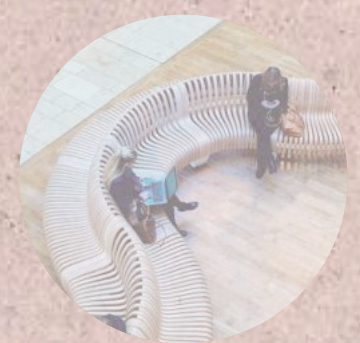
mobililar.



1 Academia
Praça das cruzadas,
praça 1



2 Infantil
Avic park, China/
YIYU design



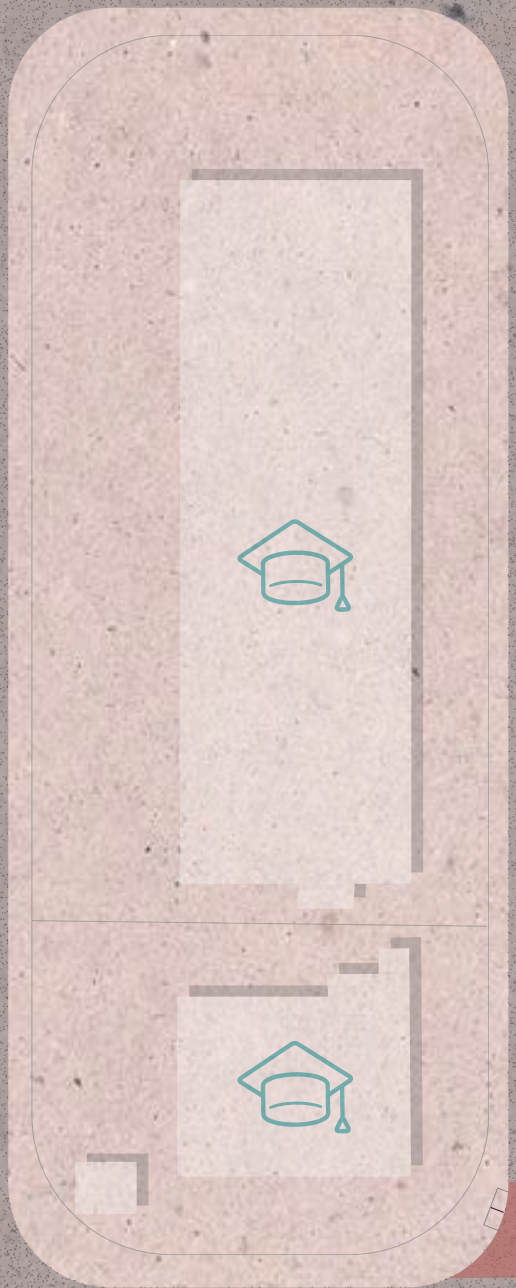
3 Estar e permanência
Green Furniture
Concept



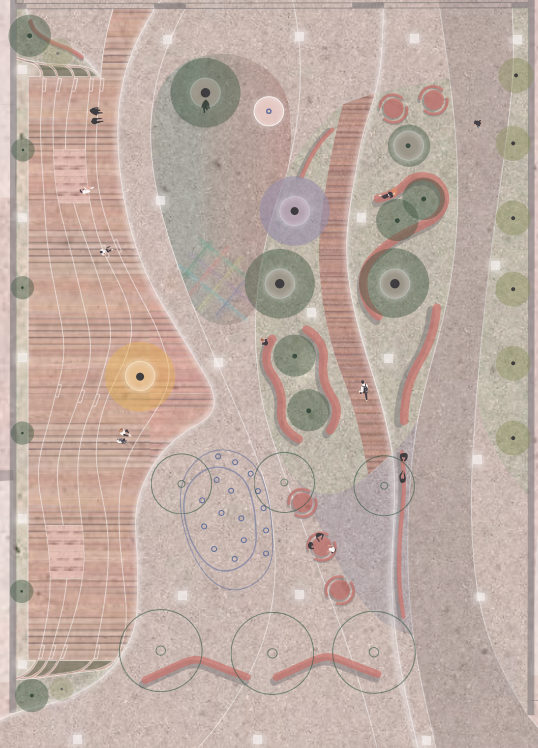
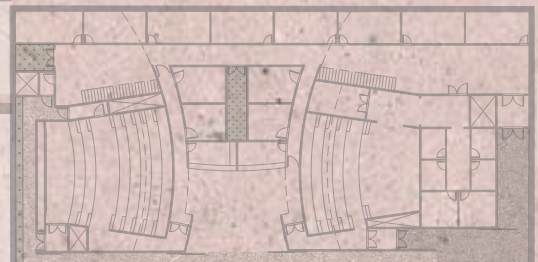
4 Banco escalonado
Calçadão de Tel Aviv /
Mayslits Kassif Architects



5 Fonte
Rings fountain,
Boston



R. ROBERTO MOREIRA



R. NARCEU DE ALMEIDA FILHO

Planta síntese
Praça Av. Aldo Botelho



AV. ALDO BOTELHO



PRAÇA AV. ALDO BOTELHO
PRAÇA 2





CANTEIRO

SERVIDÃO

JARDIM

DECK

JARDIM

ÁREA INFANTIL

CAMINHO

BANCO ESCALONADO

126.





Diagrama síntese da conexão das praças pela Avenida Aldo Botelho

ABREU, Mauricio de A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/SMU/IPLANRIO, 1997.

CHIAVARI, Maria Pace. **A Praça, espelho de uma cultura**. In: Anais do IV Seminário de História da Cidade e de Urbanismo, v. 4, 1996, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 381-389.

DOMINGUES, João; ALBINATI, Mariana. **Direitos culturais: diversidade e conflito produzindo a cidade**. Políticas públicas e direito à cidade: programa interdisciplinar de formação de agentes sociais / organização Orlando Alves dos Santos Junior ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2017.

FÁLCON, A. (2007) **Espacios verdes para una ciudad sostenible**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2013.

GOULART, Beatriz. **Educação integral, território educativo**. Prêmio Territórios: ideias sobre educação integral e a relação escola-território / organização Felipe Arruda. – 1. ed. – São Paulo : Instituto Tomie Ohtake, 2020.

GRINOVER, L. **A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade**. In: Revista Hospitalidade, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Coleção a, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

LIMA, Mayumi Souza. **A Cidade e a Criança**. São Paulo: Nobel, 1989 – Coleção Cidade Aberta.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995

MARTINS, Diego Freire; GERSON, Giselle Cerise. **Um olhar sensível sobre o papel dos espaços livres de uma escola pública e seu entorno no município de Quixadá/CE**. Revista projetar. Projeto e Percepção do Ambiente v.2, n.2, Agosto 2017.

MENEZES, Angela Tâmega. **O Largo de São Francisco e a Praça Tiradentes: sua importância e complementaridade na vida pública e cultural do Rio de Janeiro**. 1808 - 1920. Rio de Janeiro, UFRJ, EBA, 1998.

PEDROSA, Andréa de Almeida Rego. **Paisagem Sistema. Sistemas de Lugares nas Praças de Campo Grande**. Rio de Janeiro; UFRJ. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2005. Dissertação de Mestrado em Urbanismo.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa**. 2002. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de território, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. 2012. 284 p. Tese (Livre docência em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. **Da relevância pública dos espaços livres: um estudo sobre metrópoles e capitais brasileiras**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 58, p. 105-132, jun. 2014.

QUEIROGA, E. F. (2011). **Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras**. Resgate: Revista Interdisciplinar De Cultura, 19(1), 25-35.

TARDIN, Raquel. **Ordenação Sistêmica da Paisagem**. I ENANPARQ, 2010, Simpósio Temático: Arquitetura, Urbanidade e Meio Ambiente.

ZUCKER, Paul. **Town and square**. New York: Columbia University Press, 1959.

SITES:

Bairros do Rio. Instituto Pereira Passos. Disponível em: <www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>. Acesso em: 7 de setembro de 2020.

BRITO, Leonardo Oliveira. **História de Campo Grande, o maior bairro do Rio.** Gazeta Rio, Novembro de 2018. Disponível em: <<https://gazetario.com.br/2018/11/18/historia-de-campo-grande/>> Acesso em: 2 de setembro de 2020.

Data Rio. Disponível em: <<https://www.data.rio/>>. Acesso em: 7 de setembro de 2020.

FONSECA, Priscilla Rodrigues. **As contradições entre centralidade e mobilidade na periferia do Rio de Janeiro: o caso do bairro de Campo Grande.** Revista chão urbano. Disponível em: <<http://www.chaourbano.com.br/visualizarArtigo.php?id=63>> Acesso em: 1 de setembro de 2020.

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal.** 2005. Disponível em: <https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Estações ferroviárias: Campo Grande.** Estações ferroviárias do Brasil, Janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_mangaratiba/campo.htm> Acesso em: 1 setembro de 2020.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 7 de setembro de 2020.

INSTITUTO RIO. Disponível em: <http://www.instituto.org.br/sobre_a_zona_oeste>. Acesso em: 7 de setembro de 2020.

LUCENA, Felipe. **Breve história de Campo Grande, o maior bairro do Rio de Janeiro.** Novembro de 2016. Disponível em: <<https://gazetario.com.br/2018/11/18/historia-de-campo-grande/>> Acesso em: 2 de setembro de 2020.

MANSUR, André. Artigo: **Campo Grande, símbolo da vida rural carioca.** Jornal O Globo, Setembro de 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/artigo-campo-grande-simbolo-da-vida-rural-carioca-13902115>> Acesso em: 1 de setembro de 2020.

SEREJO, Deca. **A HISTÓRIA DA RUA CORONEL AGOSTINHO, O “CALÇADÃO” DE CAMPO GRANDE.** Blog Rio de coração tour, Janeiro de 2020. Disponível em:

<<https://riodecoracaotour.com.br/a-historia-da-rua-coronel-agostinho-o-calcao-de-campo-grande/>>. Acesso em: 1 de setembro de 2020.

SILVA, Michele Souza da. **Do “sertão” à Urbanização do bairro Campo Grande- Rio de Janeiro: uma análise dos impactos socioambientais.** Observatório Geográfico da América Latina. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/005.pdf>> Acesso em: 1 de setembro de 2020.

SOUZA, Carlos Eduardo de. **As marcas do tempo no calçadão.** Memórias de Campo Grande, Janeiro de 2017. Disponível em: <<http://memoriascampogrande.blogspot.com/2017/01/as-marcas-do-tempo-no-calcao.html>> Acesso em: 2 de setembro de 2020.

FOTOS:

[1] Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/5560381/4146113/PDAUtotal5.pdf>>. Acesso em: 19 de setembro de 2020.

[2] Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/os-50-anos-do-parque-do-flamengo-em-20-curiosidades/>>. Acesso em: 19 de setembro de 2020.

[3] Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_mangaratiba/campo.htm>. Acesso em: 18 de setembro de 2020.

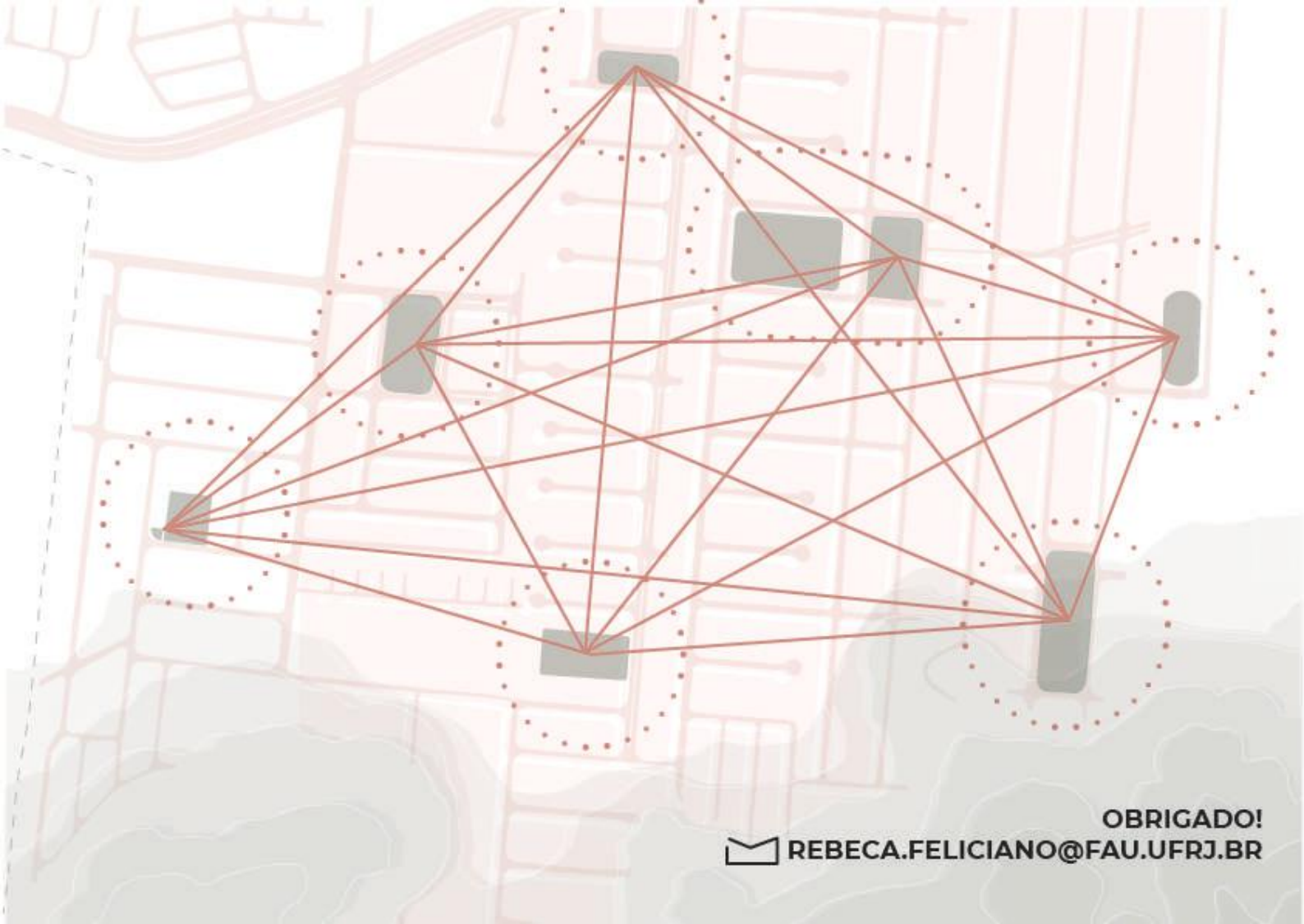
[4] Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/campo-grande-um-bairro-em-crescimento-no-rio-6899461>>. Acesso em: 18 de setembro de 2020.

[5] Disponível em: <<https://gazetario.com.br/2018/11/18/historia-de-campo-grande/>>. Acesso em: 18 de setembro de 2020.

[6-12] Google earth. Acesso em: 19 de outubro de 2020.

Diagramas:

[1-10] Todos os diagramas foram desenvolvidos pela autora.



OBRIGADO!

✉ REBECA.FELICIANO@FAU.UFRJ.BR